

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO**

ALESSANDRA VENIER

**MEMÓRIAS DE PROFESSORES E ALUNOS NO
CONTEXTO ESCOLAR DE CANELA, RS (1930-1960)**

**CAXIAS DO SUL
2014**

ALESSANDRA VENIER

**MEMÓRIAS DE PROFESSORES E ALUNOS NO
CONTEXTO ESCOLAR DE CANELA, RS (1930-1960)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Professora Orientadora: Dr^a. Terciane Ângela Luchese

**CAXIAS DO SUL
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

V427m Venier, Alessandra, 1977-
Memórias de professores e alunos no contexto escolar de Canela,
RS (1930-1960) / Alessandra Venier. – 2014.
131 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Educação, 2014.
Orientadora: Profa. Dra. Terciane Ângela Luchese.

1. Educação (Canela, RS). 2. Educação - História. 3. Antropologia
educacional. 4. Memória. I. Título.

CDU 2.ed.: 37(816.5CANELA)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Educação (Canela, RS)	37(816.5CANELA)
2. Educação - História	37(091)
3. Antropologia educacional	37.015.2
4. Memória	159.953

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Roberta da Silva Freitas – CRB 10/1730



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

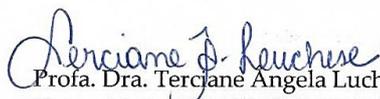
***“Memórias de professores e alunos no contexto escolar de Canela, RS
(1930-1960)”.***

Alessandra Venier

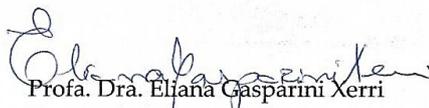
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação

Caxias do Sul, 29 de agosto de 2014.

Banca Examinadora:


Prof. Dra. Tercianê Angela Luchese
Universidade de Caxias do Sul


Prof. Dr. Eduardo Arriada
Universidade Federal de Pelotas


Prof. Dra. Eliana Gasparini Xerri
Universidade de Caxias do Sul


Prof. Dr. Lúcio Kreutz
Universidade de Caxias do Sul

CIDADE UNIVERSITÁRIA
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – B. Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone / Telefax (54) 3218 2100 – www.ucs.br
Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul – CNPJ 88 648 761/0001-03 – CGCTE 029/0089530

*Dedico este trabalho a Rodrigo Bianchi,
que esteve ao meu lado nesse período de
estudo, dando-me apoio, suporte a mais
esta caminhada.*

AGRADECIMENTOS

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, pelas maravilhosas e inspiradoras aulas, como também pela paciência, incentivo e carinho que tanto marcaram esta trajetória tão importante de minha vida.

À professora Terciane Ângela Luchese, minha orientadora, por ter acreditado no meu projeto de pesquisa, dedicando seu tempo com seus preciosos apontamentos e também pela disponibilidade constante em me auxiliar, sempre dando força e inspiração, principalmente nos momentos difíceis, nunca desistindo.

À professora Ana Lídia Bisol, diretora do Polo Universitário da UCS Região das Hortênsias.

Ao professor Lúcio Kreutz, pela oportunidade, pelo privilégio, pelas aulas, pelas lições de vida e pela sabedoria.

Aos colegas da turma de Mestrado do ano de 2012, pelas tardes inesquecíveis de estudo, tornando este momento mais leve e divertido, obrigada pela amizade, Flavinha, Jordana e Ana Paula, que me deram apoio e que também viveram esse processo tão importante.

Às pessoas de minha cidade, que contribuíram com informações preciosas, indicando caminhos e sujeitos para a construção desta narrativa.

Aos queridos e inesquecíveis entrevistados, Maria Tereza dos Santos Galle, Ana Glenda Viezzer Brussius, Inerci Castelo Branco, Sheila Bertolucci, Gerda Selany Willrich Bohrer, Aura Jung Jardim, Henrique Adolfo Spindler e Rubens Hoffmann, por compartilharem suas memórias para a tessitura deste trabalho.

Aos familiares e amigos, pela grande compreensão do tantos afastamentos durante o tempo do estudo.

À Júlia Aparecida de Queiroz Bertoti, pela sua total dedicação e competência em seu trabalho.

À Nina e ao Buddy, pelo olhar de carinho quando buscava inspiração.

RESUMO

Este estudo teve o propósito de narrar as memórias de professores e alunos no contexto de Canela no período de 1930-1960. Pensando nas culturas escolares da localidade, busca-se construir uma narrativa pautada nos pressupostos da História Cultural, considerando as contribuições de Burke que destaca em suas pesquisas a história de pessoas comuns, ou seja, a “história vista de baixo”. Aplicando a metodologia da História Oral, foram realizadas entrevistas com sujeitos que fizeram parte dos contextos escolares de Canela, no recorte temporal do presente estudo, contemplando os sujeitos agentes da própria narrativa, ouvindo suas práticas e descrevendo os espaços vividos nos estabelecimentos de ensino. O intuito foi ouvir como eles compreenderam e perceberam as práticas escolares através das suas próprias representações ocorridas no interior das escolas. As entrevistas foram realizadas com oito alunos e, desses, seis se tornaram professores em Canela, sendo três pertencentes ao período desta pesquisa e com efetiva atuação no município. A narrativa foi organizada em três capítulos. O contexto histórico, atentando para as dimensões político-econômicas e culturais de Canela são pensados para, em seguida, narrar como se constituíram as primeiras escolas de Canela, seus espaços assim como alguns indícios da história de vida de professores. As memórias e imagens das culturas escolares existentes no contexto escolar em relação aos sujeitos, espaços e saberes, analisadas nas décadas de 1930 a 1960, revelaram que as práticas escolares foram historicamente se constituindo por interesses de professores e diversos leigos. Somente ao longo do tempo passou a ser do interesse dos administradores do município de Canela, o que ensejou um aumento significativo de escolas e, com elas, o aumento também de professores. As vivências narradas nas memórias e registradas nas fotografias permitem compreender um cotidiano repleto de práticas educativas significativas para docentes e discentes. Diante dos resultados encontrados e das narrativas construídas, evidenciou-se a importância dessa pesquisa para a comunidade canelense e também para os estudos na área da História da Educação.

Palavras-chave: Memórias docentes e discentes. Culturas escolares. Práticas escolares. História da educação.

ABSTRACT

This study aimed to recount memories of teachers and students in the Canela's context in the period 1930-1960. Thinking about the school's cultures of the location, it seeks to construct a narrative guided by the assumptions of Cultural History, considering the contributions of Burke in his research that highlights the story of ordinary people, for instance the "history from below". Applying the methodology of oral history, it was realized interviews with people who were part of the Canela's school contexts, in the present time, considering these people part of this relation, listening to their practices and describing their experiences into these education establishments. The intention was to hear how they understood and realized the practice in the schools through their own point of view. The interviews were conducted with eight students and of those six have become teachers in Canela, three belonging to the period of this research and activeness in the municipality. The narrative was organized into three chapters. The historical context, focusing on the political-economic and cultural dimensions of Canela were thought to then narrate as if were the first schools of Canela, its spaces as well as some evidence of the teacher's life history. The memories and images of the existing school's cultures in the context with the subjects, spaces and knowledges, analyzed in the decades from 1930 to 1960, revealed that school practices have been historically constituted by interests of teachers and many laymen. Only over time it became of interest to administrators of the municipality of Canela, which caused a significant increase in schools and, with them, the amount of teachers also increased. The experiences narrated in the memoirs and recorded in the photographs allow us to understand the educational practices for teachers and students. Facing the results and constructed narratives, the importance of this research is showed for the canelense community and also for studies in History of Education.

Key words: Faculty members and students' memories. School cultures. School practices. History of education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro dos entrevistados.....	15
Quadro 2 – Estatística escolar do município de Canela em 2013.....	21
Quadro 3 – Ensino superior e especialização	21
Quadro 4 – Ensino superior e especialização	22
Quadro 5 – Prefeitos nomeados no período de 1945 a 1947	31
Quadro 6 – Prefeitos eleitos em Canela até o ano de 1960	32
Quadro 7 – Número parcial de escolas em Canela da década de 1910 a 1960.....	56
Quadro 8 – Panorama de todas as aulas desenvolvidas ao longo do ano de 1934 no Grupo Escolar João Corrêa	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul.....	20
Figura 2 – Mapa da área Campestre Canella.....	24
Figura 3 – Início da urbanização de Canela no ano de 1924.....	27
Figura 4 – Grupo de pessoas que fazia parte da Legião do Trabalho em 1930.....	28
Figura 5 – Mutirão dos primeiros moradores de Canela – 1930.....	29
Figura 6 – Vista geral de Canela, em 1938.....	30
Figura 7 – Imagem parcial de Canela em 1944.....	31
Figura 8 – Policiais responsáveis pela segurança de Canela.....	33
Figura 9 – Trabalho realizado em meio à mata no Caracol para a extração da madeira.....	35
Figura 10 – Hotel e pensão Werner.....	36
Figura 11 – Folhetim do Hotel e Pensão Werner no Caracol.....	37
Figura 12 – Cascata do Caracol.....	38
Figura 13 – Hotel Feltes em 1924.....	39
Figura 14 – Hotel Central em construção no ano de 1944.....	39
Figura 15 – Palace Hotel no período do verão.....	40
Figura 16 – Trem que fazia o trajeto Porto Alegre/Canela de 1924 a 1963.....	41
Figura 17 – Relação de comércios existentes em Canela no período de 1930 a 1970.....	43
Figura 18 – Folhetim do Cinema João Corrêa.....	48
Figura 19 – Cine Theatro João Corrêa.....	49
Figura 20 – Alunos da Escola Isolada do Canelinha, professor Carlos Wortmann e sua filha Alice.....	59
Figura 21 – Casa do professor Carlos Wortmann.....	60
Figura 22 – Alunos das Aulas Públicas de Canella, em 1929.....	61
Figura 23 – Professores do Grupo Escolar João Corrêa no ano de 1940.....	63
Figura 24 – Primeiro comício em Canela.....	66
Figura 25 – Alunos da Escola dos Irmãos Maristas.....	67
Figura 26 – Colégio Pátria – 1934.....	68
Figura 27 – Escola Cristo Redentor – 1938.....	69
Figura 28 – Alunos do Jardim de Infância da Escola Cristo Redentor – 1951.....	70
Figura 29 – Violino usado pelo professor Carlos Wortmann.....	74
Figura 30 – Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora.....	87
Figura 31 – Alunos da Escola Frederico Mentz – 1950.....	88
Figura 32 – Materiais e objetos escolares presentes na escola em Canela de 1930-1960.....	91
Figura 33 – Mapa geográfico da Ásia usado na Escola Isolada do Canelinha de 1913 a 1951.....	98
Figura 34 – Mapa geográfico do Estado do Rio Grande do Sul usado na Escola Isolada do Canelinha de 1913 a 1951.....	99
Figura 35 – Mapa reproduzido pelos alunos em seus cadernos.....	100
Figura 36 – Alunos da Escola Isolada do Canelinha.....	111
Figura 37 – Professor Carlos Wortmann recebendo o Governador do Estado Getúlio Vargas.....	112
Figura 38 – Desfile cívico em Canela.....	114
Figura 39 – Desfile escolar de 7 de setembro de 1957 em Canela.....	115

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	FACHINAL, CAMPESTRE CANELLA, CANELA: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA	20
2.1	INDÍCIOS HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DE CANELA	23
2.2	ASPECTOS HISTÓRICOS DE CANELA ENTRE AS DÉCADAS DE 1930-1960	25
3	O PROCESSO HISTÓRICO ESCOLAR EM CANELA	55
3.1	ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES NO INÍCIO DO SÉCULO XX EM CANELA	55
3.2	A PROFISSÃO PROFESSOR EM CANELA	72
3.2.1	Professor Carlos Wortmann	73
3.2.2	Professor Eduardo Gans	75
3.2.3	Professora Aura Jung Jardim	77
3.2.4	Professora Ana Glenda Viezzer Brussius	79
3.2.5	Professora Maria Tereza dos Santos Galle	80
4	MEMÓRIAS DE PROFESSORES E ALUNOS DE CANELA: INDÍCIOS DAS PRÁTICAS ESCOLARES	83
4.1	OS PRÉDIOS ESCOLARES EM CANELA	84
4.2	PRÁTICAS E SABERES ESCOLARES NO CONTEXTO ESCOLAR DE CANELA	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
	REFERÊNCIAS	123
	ANEXO A – LISTA DE ENTREVISTADOS	128
	ANEXO B – DECRETO MUNICIPAL	129

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente dissertação versa sobre a narrativa de memórias de professores e alunos do contexto escolar de Canela entre as décadas de 1930 a 1960. Para a tessitura do estudo, houve a necessidade de compreender inicialmente o processo histórico do município, desde os tempos em que Canela fazia parte das terras do Fachinal de Cima da Serra até a criação do município de Canela, mas atentando para perspectivas relacionadas à educação.

A falta de estudos históricos a respeito do processo de escolarização em Canela foi um dos motivos que determinou a realização deste estudo, considerando a sua importância para a compreensão de como certas práticas se estabeleceram entre professores e alunos. Esse foi o objeto de pesquisa deste estudo que envolveu as dimensões da memória dos sujeitos agentes do processo escolar, vivenciando ciclos temporais de crenças e valores, mergulhados em construções plurais de significações e ressignificações sobre o processo de ensino.

O objetivo deste estudo, portanto, foi construir uma narrativa histórica da educação de Canela, buscando compreender as práticas escolares que se estabeleceram nas escolas no recorte temporal definido para esta pesquisa, que segundo Saviani (2004) propõe que se encare este período, de 1930 a 1960 como aquele da regulamentação nacional do ensino e do ideário pedagógico renovador. Buscou-se, através das narrativas de professores e alunos que vivenciaram a escolarização entre as décadas de 1930 e 1960, reconstruir os primeiros movimentos relacionados ao ensino em Canela, como ocorreram as primeiras aulas, quem foram os primeiros professores e, depois, as primeiras escolas, e de que forma, ao longo dos anos, ocorreram as práticas escolares estabelecidas e vivenciadas por professores e alunos. Além das narrativas utilizadas no estudo, um acervo fotográfico e alguns documentos corroboram o estudo.

Desde as primeiras décadas do século XX, o destino da educação do país estiveram em pauta de diversas discussões de vários setores organizados pela sociedade. Como resposta a estas discussões houve a criação, por educadores da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924, o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública em 1930 e a promulgação da Constituição de 1934 estabelecendo a necessidade de um Plano Nacional de Educação como também a obrigatoriedade do ensino elementar.

Essa construção historiográfica, da Educação de Canela, demanda uma permanente integração de enfoques e um diálogo interdisciplinar para captar as transformações que o presente impõe sobre as formas de representar o passado. A escola é uma entre as diversas

outras instituições que disputam a memórias possíveis sobre si mesmas. Buscou-se, através das narrativas de professores e alunos que vivenciaram a escolarização entre as décadas de 1930 e 1960, reconstruir os primeiros movimentos relacionados ao ensino em Canela, como ocorreram as primeiras aulas, quem foram os primeiros professores e, depois, as primeiras escolas, e de que forma, ao longo dos anos, ocorreram as práticas escolares estabelecidas e vivenciadas por professores e alunos. Além das narrativas utilizadas no estudo, um acervo fotográfico e alguns documentos corroboram o estudo.

A base teórica foi auferida nas contribuições da História Cultural (BURKE, 1992). Apoiada nesse referencial, com ênfase nas narrativas de pessoas comuns, ou seja, na história “vista de baixo”, entrevistam-se sujeitos que podem contribuir com suas memórias, de forma relevante e significativa, para explicar o processo escolar de Canela, considerando que ainda não havia registro da base que deu fundamentos à educação escolar em Canela.

O trabalho das entrevistas teve início com a professora Aura Jung Jardim, que estudou na Escola Isolada do Canelinha. Após o primeiro contato, a professora Aura indicou outras pessoas que poderiam fazer parte da pesquisa e contribuir, assim, de maneira significativa para montar o quebra-cabeça.

O pensamento norteador deste estudo buscou em Burke (1992) alguns princípios norteadores da pesquisa. Para ele, a História Cultural é constituída por sujeitos comuns e, nessa mesma linha teórica, Chartier (2002) reafirma a ideia de que a História Cultural tem como objeto histórico as relações e as funções dos sujeitos, e nessa linha de pensamento se vê uma sociedade diferente e divergente da história pensada de forma cronológica e contada a partir de fenômenos históricos vistos pela ótica de homens situados nos domínios do poder estabelecido. Chartier (2002, p. 16-17) entende que “a História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Considerando as contribuições de Burke e de Chartier, buscou-se narrar as memórias dos sujeitos entrevistados, procurando incorporar a realidade social e cultural vivida por eles como também as relações e funções desenvolvidas por cada um deles ao longo dos anos nos ambientes de atuação profissional. Foram essas narrativas que objetivam a reconstituição da história da educação de Canela desde os primórdios da localidade até tornar-se município.

Considera-se que a narrativa da história da educação do município de Canela aqui apresentada toma como perspectiva a superação da relação posta por Pesavento (2005, p. 09), que destaca:

Em princípio, negava o processo de construção do conhecimento sobre o mundo à aventura da descoberta. As respostas já estavam lá, pelas lógicas de explicação estabelecidas e consagradas, antes mesmo do trabalho de investigação ser iniciado. As hipóteses tornavam-se inúteis, porque de antemão as explicações já estavam dadas e sabidas, inviabilizando, dessa forma, a pertinência da pergunta.

Trata-se de uma história plausível, verossímil, mas transitória a versão atribuída ao real do processo histórico educativo de Canela. Pensar na perspectiva da História Cultural supõe ter um novo olhar, significa pensar a cultura como um conjunto de significados construídos e compartilhados pelos homens no mundo em que vivem. Trata-se da interpretação da realidade de maneira simbólica mencionada através das palavras, coisas e ações, pois se entende que tudo tem uma história. Pesavento (2005), em sua obra, destaca que a realidade vista por esse ângulo torna-se mais complexa. Nessa perspectiva, por exemplo, a investigação da realidade da educação de Canela é uma questão complexa, pois a leitura da realidade escolar de hoje permeia a leitura que se deseja fazer daquela distante realidade escolar dos anos de 1930 a 1960.

Pesavento (2005, p. 42) contribui ao refletir que:

[...] decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado impõe.

Pensar a História Cultural a partir dessas novas concepções requer uma nova postura do historiador. É preciso ler e interpretar os documentos nas entrelinhas, ficando atento no dito e ao não-dito e principalmente no silêncio que fica entre uma pergunta e outra. São essas sensibilidades do historiador que, ao se propor trabalhar com memórias, precisa atentar.

As memórias dos indivíduos materializadas na oralidade das narrativas dos professores e alunos a respeito da educação podem ser analisadas também à luz dos princípios de Le Goff (1996). Ele define memória como uma propriedade de conservar certas informações, primeiramente a um conjunto de funções psíquicas, estas que os indivíduos podem acessar informações do passado ou que ele considera como passada. Sobre tais memórias, Le Goff (1996, p. 452) destaca: “a memória é a arca de todas as coisas e se ela não se tornou a guardiã do que se pensou sobre coisas e palavras, sabemos que todos os outros dotes do orador, por mais excelentes que possam ser, se reduzem a nada”.

Segundo Tedesco (2004), nas análises de dimensão biológica, psíquica e social da memória há a afirmação de que os velhos relembram mais e, em suas lembranças, o passado

está mais presente que as coisas do presente atual. É a partir dessa visão de reconstrução do passado que se pretende inferir, através das memórias dos professores da época definida neste trabalho, como foi o processo escolar, como ocorriam as relações entre professor e aluno e de que modo ocorriam as práticas escolares.

Tedesco (2004) acrescenta ainda que o indivíduo se apropria dos elementos de suas próprias memórias, mas para que sejam memórias deve haver uma interação e pertencimento a um grupo, e as memórias devem ser compartilhadas.

Para Stephanou e Bastos (2011, p. 420), a memória:

[...] é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nossos atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente.

Nesse sentido, foi pensando na história de cada indivíduo é que foram coletados os relatos de quem fez parte da construção da educação de Canela, sempre na tentativa de entender as relações do cotidiano que ainda fazem parte da memória dos que fizeram parte daquele contexto. Muitas das vozes que ficaram por longo tempo caladas à espera de alguém para interpretá-las puderam finalmente ser ouvidas e transpostas para as memórias esses que foram indícios, que ajudaram a narrar a história da educação em Canela.

Segundo Alberti (2004), o método da História Oral permite que se investigue algo, desde que os sujeitos vivam para narrar suas histórias e estejam disponíveis e em condições de fazer parte da pesquisa a ser realizada, mesmo que esses sujeitos já se encontrem com idade avançada e até sejam considerados velhos. Segundo Gonçalves e Lisboa (2007), a História Oral se constitui como sendo a base para obter informações e conhecimentos do passado. Nessa diretriz, pode-se afirmar, portanto, que o relato, ao longo dos séculos, sempre foi a maior fonte de conservação e divulgação do saber, pois a palavra vem antes do desenho e da escrita.

Na perspectiva da História Oral, os depoimentos gravados e posteriormente transcritos, constituem-se uma possibilidade de estudos de uma determinada sociedade dando voz àqueles que um dia protagonizaram o dia a dia. Neste estudo, em especial, os protagonistas são os docentes e alunos de Canela que viveram em meados do século XX.

François (2000, p. 4) define a História Oral como:

[...] inovadora primeiramente por seus objetivos, pois dá atenção aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), à história do cotidiano e da vida privada [...], à história local e enraizada. [...] inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo” [...], atenta às maneiras de ver e de sentir, e que as estruturas “objetivas” e as determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-história”.

A partir desse aparato teórico, busca-se, portanto, na História Oral o método de investigação mais adequado para este estudo. Assim, através de entrevistas, são desvendadas as práticas escolares e as relações entre professor e aluno no interior das escolas de Canela, objetivando narrar a memória subjetiva dos sujeitos escolares de maneira que se possa pensar o coletivo e os lugares plurais das escolas muitas vezes esquecidos pela sociedade.

Reafirmando a importância da História Oral, Becker (2000, p. 28-29) destaca que: “[...] a história oral ocupa lugar especial, pois permite que categorias cujo ofício não é escrever possam se expressar. Ela pode dar a palavra aos ‘esquecidos da história’, aos que não têm capacidade, nem tempo, nem vontade de escrever.

De fato, em Canela os estudos sobre educação são escassos, sendo, portanto, a metodologia da História Oral a mais indicada para a obtenção dos dados da pesquisa. Este estudo, certamente, preservará a história dos que viveram em outras épocas, especialmente, no enfoque desta pesquisa, daqueles que fizeram parte da construção da história da educação do município de Canela.

Tedesco (2004, p. 56) destaca que são:

Nas histórias de vida que tentamos fazer, percebemos que os relatos se adensam nos momentos em que as pessoas se recordam das mudanças na trajetória de suas vidas (casamentos, mortes, nascimentos, memória de valores familiares e de trabalho, seus papéis e lugares).

Em busca das memórias e lembranças de professoras e alunos, que se alinham aos passos sugeridos por Alberti (2004), dá-se início ao estudo com a preparação da entrevista, com o foco no objeto de pesquisa, na sequência, verifica-se a sua aplicação e o tratamento que será dado ao acervo obtido.

As entrevistas foram realizadas com três professores e dois alunos, sendo que os professores contribuíram na pesquisa também como alunos. Ainda em relação a escolha dos entrevistados, encontrar-se pertinente o fato de que ambos estavam presentes no contexto escolar de 1930 a 1960, dando-se relevância especial às relações existentes no contexto escolar desses sujeitos.

Primeiramente os entrevistados foram contatados a fim de que manifestassem sua disposição em contribuir com suas memórias para a pesquisa, relatando como ocorria o ensino a partir do entendimento de cada um.

O quadro 1 traz a relação dos entrevistados identificados pelo nome, idade no ano de 2014, ano e local de nascimento, escola que frequentou em Canela, com exceção da entrevistada Gerda Selany Willrich, que fez seu ensino primário na cidade de Três Coroas. Também aparecem no quadro a profissão de cada e o ano da entrevista.

Quadro 1 – Quadro dos entrevistados

Nome do entrevistado	Idade	Ano/local de nascimento	Escola que frequentou	Profissão	Ano da entrevista
Henrique Adolfo Spindler	93	1921 Nova Hartz	Grupo Escolar João Corrêa	Tabelião e escrivão distrital	2013
Rubens Hoffmann	93	1921 Bom Jesus	Escola do Professor Eduardo Gans	Alfaiate	2013
Aura Jung Jardim	85	1929 Canela	Escola do Professor Carlos Wortmann	Professora	2013
Inerci Castelo Branco	85	1929 Canela	Colégio Pátria e Escola Auxiliadora	Professora	2013
Gerda Selany Willrich Bohrer	79	1935 Três Coroas	----	Professora	2013
Ana Glenda Viezzer Brussius	74	1940 Canela	Escola e Ginásio Auxiliadora	Professora	2013
Maria Tereza dos Santos Galle	70	1944 Canela	Escola Olavo Bilac Municipal e Ginásio Auxiliadora	Professora	2013
Sheila Bertolucci	70	1944 Canela	Escola Frederico Mentz e Escola Luterana Cristo Redentor	Professora	2013

Fonte: organização da autora.

Elucidados os sujeitos da investigação, a realização das entrevistas e a coleta de materiais, apresentam-se, de forma sucinta, os três capítulos que fazem parte desta dissertação.

O segundo capítulo apresenta considerações acerca de Canela, abordando alguns aspectos históricos, econômicos, sociais, culturais, bem como o período em que Canela fazia parte do Fachinal, a vinda dos moradores para a localidade com a implementação das madeiras, o desenvolvimento do turismo e os hotéis criados em decorrência do aumento de turistas em busca do clima frio e neve.

O terceiro capítulo é dedicado às primeiras aulas que passam a funcionar em locais improvisados por iniciativa particular de alguns professores. Com o passar dos anos, elas passam a ganhar local próprio, como o caso do Grupo Escolar João Corrêa. O capítulo também traz a história de vida de alguns professores que fizeram parte deste contexto, inicialmente como alunas e, depois, como professoras.

O quarto capítulo está focalizado nos elementos da cultura escolar, principalmente as práticas escolares ocorridas no processo de educação em Canela e desenvolvidas por iniciativas dos professores, não tendo nenhuma espécie de ajuda do poder governamental na implementação do ensino na localidade a não ser com o pagamento dos salários aos professores.

Além do uso das narrativas como análise e fonte de pesquisa, utilizou-se um acervo fotográfico organizado por Olmiro Antônio dos Reis, com fotos de Canela desde 1901 a 1985 que vieram a corroborar de forma significativa para a compreensão de todo o contexto, mesmo que a fotografia, neste estudo, não seja de fato o instrumento de investigação. Sobre a análise de fotografias, Vidal e Abdala (2005, p. 178) elucidam:

Apreciar uma fotografia é sempre um momento de prazer. Um deleite que não se resume à contemplação de pessoas ou lugares que conhecemos e que nos trazem a recordação de aspectos de nosso passado. Várias vezes nos vemos tomados pelo prazer de vaguear o olhar em imagens que não possuem qualquer marca de nossa presença, como fotografias de uma festa da qual não participamos ou retratados de lugares pelos quais jamais passamos. Em nossa sociedade ocular (centrada nos apelos da visão e da visibilidade), a fotografia exerce uma poderosa atração sobre aqueles que a miram.

Para esses autores, a fotografia não se esgota apenas na utilidade simples da contemplação estética, ela também nos transporta no tempo e no espaço, tocando o passado, eternizado pela ação mecânica da máquina fotográfica.

As fotografias utilizadas na pesquisa foram fundamentais para a análise de questões históricas e do ensino em Canela, pois muitas delas vieram ao encontro das narrativas dos entrevistados.

A partir dos apontamentos encontrados nas entrevistas, buscou-se aporte do conceito de cultura escolar compreendida também como práticas escolares e saberes desenvolvidos no interior das instituições de ensino e como elas se estabeleceram no ensino em Canela.

Com esse novo olhar mais reflexivo para o contexto escolar, os pesquisadores passaram a criticar a definição da representação da escola como uma instituição estática e acabada, visão existente desde os tempos coloniais. Os estudos passaram a mostrar que os sujeitos sociais, como a família, a igreja e o mundo do trabalho também fazem parte do universo escolar e, com isso, passam também a ser objetos de estudo.

Gonçalves e Faria Filho (2005) apresentam como tais autores têm aplicado o conceito de Cultura Escolar:

Estes autores têm aplicado o conceito de Cultura Escolar em formas diversas, cada um buscando adotá-lo pela ótica orientadora de suas perspectivas de explicação das práticas internas da instituição escolar. Portanto, o olhar para as práticas cotidianas da escola fixa-se nos acontecimentos silenciosos do seu funcionamento interno. Silenciosos, seja pela ausência de documentos, ou documentos pouco conservados, seja, ainda, por não terem sido encontrados. (GONÇALVES; FARIA FILHO, 2005, p. 33).

A respeito deste funcionamento interno e silencioso do contexto escolar, Julia (2001) o define e apresenta a Cultura Escolar, utilizando a metáfora de que a escola seria uma “caixa preta” e aos pesquisadores cabe a função de abri-la para compreender o que ocorre neste espaço particular. E é a partir da simbologia da “caixa preta”, significando a escola, que os pesquisadores passam a utilizar a cultura escolar como categoria de análise ou campo de investigação.

Para conceituar cultura escolar, toma-se como ponto de partida as considerações de Dominique Julia (2001) e Viñao Frago (1995) por direcionarem sua visão sobre os processos escolares internos, sendo que nesses espaços cada um e cada qual constituiu a sua história e a de seus grupos.

Os debates sobre cultura escolar ocorrem desde os anos de 1980, com André Chervel e Jean-Claude Forquin, mas somente irão ganhar força e destaque com o trabalho apresentado por Dominique Julia em uma prestigiosa *International Standing Conference for the History of Education* (ISCHE) de 1993. No Brasil, este artigo foi publicado nos periódicos da Pedagogia Histórica e na Revista Brasileira de História da Educação como texto de abertura, em 2001, definindo cultura escolar:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar em um sentido mais amplo modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização: aqui se encontra a escala dos dispositivos propostos pela schooledsociety que seria preciso analisar, nova religião com seus mitos e ritos contra a qual Ivan Illich se levantou, com vigor, há mais de 20 anos. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que representam em relação às culturas familiares. (JULIA, 2001, p. 10-11).

O ensino em Canela, que teve início nas primeiras décadas do século XX, passou a ser desenvolvido a partir das práticas de professores que já tinham uma longa caminhada na educação. Não eram professores leigos¹ e tinham em sua bagagem experiências de práticas e culturas escolares vividas em outras escolas por onde haviam passado e elas, a partir dos novos espaços, passaram a ser vinculadas à realidade local, motivando a criação de novas práticas escolares.

Gonçalves e Faria Filho (2005) destacam que Viñao Frago percebe a cultura escolar como tudo aquilo que é produzido e que envolve a vida na escola. Isso vai desde a construção das ideias sobre o ensinar e o aprender até a ação efetiva deste fazer escolar. Nesse contexto, todos são mobilizados a lidar com os objetos, assim como as condutas, os comportamentos e os modos de pensar, dizer e fazer.

Os espaços e tempos escolares não são dimensões neutras da educação, ao contrário, são compostas por sujeitos escolares, impondo, pela sua presença, uma determinada aprendizagem sensorial e motora.

Outro pesquisador influente no Brasil foi Jean-Claude Forquin, que aborda a cultura escolar apoiada no conceito social e étnico de cultura. Para Forquin (apud VIDAL, 2005), além dos sujeitos, aluno e professores com suas características culturais, também devem ser consideradas as práticas e as situações escolares como cultura escolar que, para o autor, tem características de vida própria, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus

¹ Professores Leigos – era o que fora chamado a ministrar aulas numa escola “isolada” em geral da área rural, levando consigo o seu diploma de curso primário e, com certa frequência, apenas o atestado de conclusão do terceiro ano primário. Vale (2010).

modos próprios de regulação e transgressão, seu ritmo próprio de produção e de gestão de símbolo. Tudo isso pode ser observado na constituição do ensino em Canela ao longo dos anos.

Diversos estudos e pesquisas sobre cultura escolar têm sido o foco de pesquisadores que buscam, através da investigação, adentrarem o interior das instituições de ensino através das memórias daqueles que fizeram parte do contexto da época a fim de se ter um melhor entendimento dos acontecimentos e das práticas ocorridas entre professores e alunos. Ao que tudo indica, a presente dissertação que vincula a narrativa de alunos e professores do início da educação em Canela poderá ajudar na compreensão de fatos já passados e de interpretações futuras.

Ao refletir e analisar a respeito de algumas instituições de ensino da época, elas poderão apresentar muitas semelhanças em suas características físicas, ou na formação dos professores, ou nas matérias lecionadas, mas somente se forem analisadas de forma muito superficial. Ao longo da pesquisa, na medida em que se tornam conhecidos os sujeitos que fizeram parte do contexto, percebem-se as suas especificidades e as singularidades em cada um, o que possibilita pensar sobre a própria cultura escolar de Canela.

Em se tratando de alunos que posteriormente se tornam professores e que ambos frequentaram escolas públicas ou privadas, católicas ou luteranas, todos apresentam em suas narrativas aspectos distintos, mesmo se tratando de períodos muito próximos. A partir do entendimento de que cada instituição é única, assim como os sujeitos que nelas se constituem e o conjunto das práticas escolares desenvolvidas nas escolas de Canela, mesmo assim tudo isso faz parte de um único modo de ser, e a isso se denomina de cultura escolar.

Através desta pesquisa, cuja finalidade é narrar uma determinada cultura escolar, através das memórias dos sujeitos escolares, professores e alunos de Canela, no período de 1930-1960, em um contexto social em que a localidade buscava a sua autonomia a partir da municipalização e com um processo de urbanização em ascensão através de migrantes provindos de regiões de descendência alemã e italiana, mostrou-se que os sujeitos professores reproduziam, através de suas práticas escolares, as suas próprias memórias simbólicas sobre educação aprendidas como alunos nas escolas, quer fossem públicas, particulares ou confessionais. Eles acreditavam estar oferecendo uma educação de qualidade para os cidadãos canelenses ao reproduzir uma concepção de educação centralizada no professor, ou seja, o professor é aquele que sabe e conhece e o aluno é aquele que nada sabe, mas que precisa aprender, memorizar, como verdades absolutas, o ensinamento dado pelo professor.

2 FACHINAL, CAMPESTRE CANELLA, CANELA: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

O município de Canela está localizado na região metropolitana de Porto Alegre do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, com aproximadamente 837 metros acima do nível do mar. Os municípios limítrofes são: Gramado, Caxias do Sul, São Francisco de Paula e Três Coroas, e está situado a 123 km da capital do Estado, Porto Alegre.

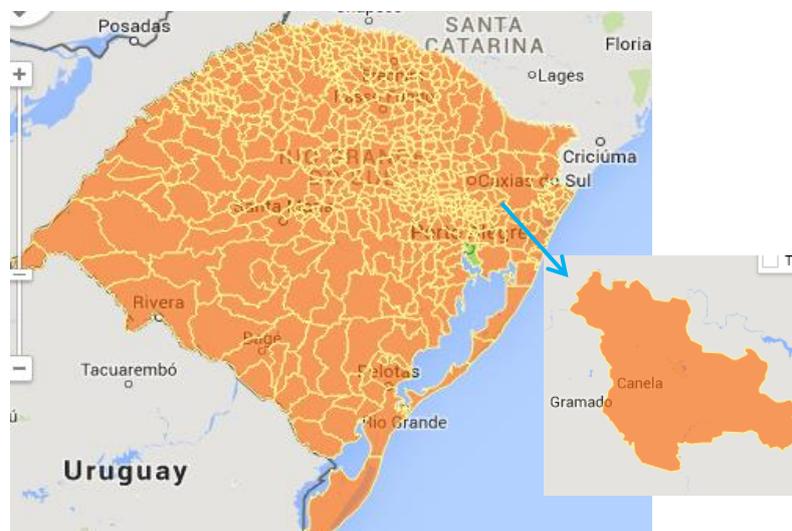
Além da localização geográfica, a cidade faz parte da Região das Hortênsias, como também as cidades de Gramado, Nova Petrópolis e São Francisco de Paula, tendo o turismo como a base da economia, com exceção da última que tem sua economia voltada para as grandes plantações de batata e criação de gado.

Conforme Petit (2003), além de fazer parte desse grupo, Canela recebe o título de “*cidade das hortênsias*” pelo fato de apresentar grande quantidade da flor desde a década de 1930, na maioria das vezes encontrada na cor azul, mas também nas cores rosa e branco.

Essa flor foi introduzida em Canela e, posteriormente, se espalhou por toda região, através de Luíza Corrêa, esposa de João Corrêa, fundador do local. A flor foi adquirida em uma viagem realizada a Petrópolis/RJ, na década de 1930, por Luiza Corrêa que trouxe de lá a planta, pois ela é encontrada em grande quantidade na região serrana do Rio de Janeiro cujo clima é muito semelhante ao frio da serra gaúcha.

No mapa do Rio Grande do Sul, é possível observar a localização geográfica da cidade de Canela (figura 1).

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: IBGE. Cidades, 2014. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?coduf=43&search=rio-grande-do-sul&lang=>>. Acesso em: 10 set. 2014.

Conforme o censo do IBGE (2010), a população de Canela, em 2010, foi contabilizada em 39.238 habitantes, e a maioria da população tem a renda voltada para o turismo, gastronomia e hotelaria. Sobre a rede hoteleira, a Secretaria de Turismo de Canela, no ano de 2013, contabilizou 63 hotéis.

Conforme o site www.canelaturismo.com.br², além dos restaurantes e hotéis, há também o artesanato regional e os pontos turísticos, com destaque para o Parque do Caracol, onde fica localizada a Cascata do Caracol, o Parque da Ferradura, Pinheiro Grosso, entre outros. Durante o ano, a comunidade e os visitantes contam com uma programação variada, como o Festival de Inverno, o Festival Internacional de Teatro de Bonecos, a Festa Colonial e a Sonho de Natal.

Frente à demanda turística, houve a necessidade de qualificação de profissionais para o gerenciamento dos eventos e, para formar tais profissionais, Canela passou a contar com o Polo Universitário Região das Hortênsias da Universidade de Caxias do Sul (UCS), desde o ano de 1986, e com a Escola de Ensino Superior Castelli, desde 1987, ambos com o foco de formação voltada para a área administrativa, hoteleira e turística, o que acabou atraindo grande número de estudantes de várias localidades do Brasil.

Para atender à demanda da Educação Básica, Canela conta com a seguinte configuração estatística escolar no ano de 2013:

Quadro 2 – Estatística escolar do município de Canela em 2013

Escolas	Municipal	Estadual	Privada	Total
Educação Infantil	10	-	08	18
Ensino Fundamental	13	07	02	22
Ensino Médio	-	03	02	05

Fonte: Secretaria Municipal de Educação (2013).

Quadro 3 – Ensino superior e especialização

Graduação - UCS
Administração
Administração – Administração de Empresas
Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Ciências Contábeis

² CANELA É UMA PAIXÃO NATURAL. Disponível em: <<http://www.canelaturismo.com.br/>>. Acesso em 03 ago. 2012.

Direito
Eventos – Tecnologia
Hotelaria – Bacharelado
Nutrição
Processos Gerenciais – Tecnologia
Turismo
Especialização MBA – UCS
Direito e Processo do Trabalho

Fonte: UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Disponível em: <<http://www.ucs.br/site>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

Quadro 4 – Ensino superior e especialização

Graduação – Castelli
Hotelaria – Bacharelado
Tecnólogo Gestão de Turismo
Tecnólogo Gestão Desportiva e de lazer
Tecnólogo Produção Cultural
Especialização – Castelli
Gestão de Negócios em Chocolataria Gourmet
Gestão Hoteleira
Agroecologia Aplicada
Gestão de Produção Cultural
Gestão em Gastronomia

Fonte: CASTELLI ESCOLA SUPERIOR DE HOTELARIA. Disponível em: <<http://www.castelli.edu.br/site/gestao-em-gastronomia.asp>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

Basicamente, esse delineamento é a forma como Canela se encontra estruturada atualmente, mas, para chegar a esse contorno atual, algumas pessoas marcaram o progressivo desenvolvimento da localidade, quer fixando suas raízes na localidade e constituindo famílias, quer implantando alternativas para o crescimento econômico da região.

Nesse sentido, será apresentada uma retrospectiva do início da formação da população da localidade de Canela.

Assim, anterior aos primeiros moradores, há indícios de que a localidade foi habitada por povos indígenas, e vestígios indicam que os índios guaianás habitavam a localidade. Foram encontradas, na localidade do bairro Saiqui, supostas habitações subterrâneas, indicando serem pertencente ao século XVII, segundo Roger Stoltz (1992), escritor de um dos livros sobre Canela que contribuiu na dissertação deste capítulo.

Na busca de mais referências a respeito de Canela, além do livro *Primórdios de Canela: nascente turística do Rio Grande do Sul*, escrito por Roger Stoltz (1992) utilizou-se também dos livros, *Canela por muitas razões* (REIS; VEECK e OLIVEIRA 2000) e *Raízes de Canela* (OLIVEIRA; BARROSO, 2003).

Devido ao número reduzido de obras, algumas lacunas existentes na contextualização histórica não puderam ser preenchidas, mas existem muitas possibilidades de que, no futuro, novos estudos possam narrar outros fatos para completar a história de Canela.

2.1 INDÍCIOS HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DE CANELA

Segundo os documentos pesquisados por Stoltz (1992) indicam que o Fachinal, que mais tarde parte dele deu a origem da cidade de Canela, começou timidamente a ser povoado em 1781 por Apolinário de Almeida Roriz e sua esposa Tereza, um local com características de campos abertos.

Conforme Stoltz (1992), Apolinário de Almeida Roriz, ao se apossar de documentos indicando que recebera as terras como sesmarias do Império e que, portanto, o Fachinal lhe pertencia, quis vendê-las a Joaquim da Silva Chaves em 1782. Desconfiado da legitimidade do documento, Joaquim solicitou ao Império a verificação da certidão e a posse das terras do Fachinal. Sendo atendido e verificando a veracidade dos documentos, ele comprou e recebeu as terras do Fachinal. Quando Joaquim assumiu as terras, em 1785, Apolinário já havia falecido, um ano antes. Joaquim e a viúva Tereza de Jesus entraram em um acordo, e ela acabou retornando a sua terra de origem, Laguna, em Santa Catarina.

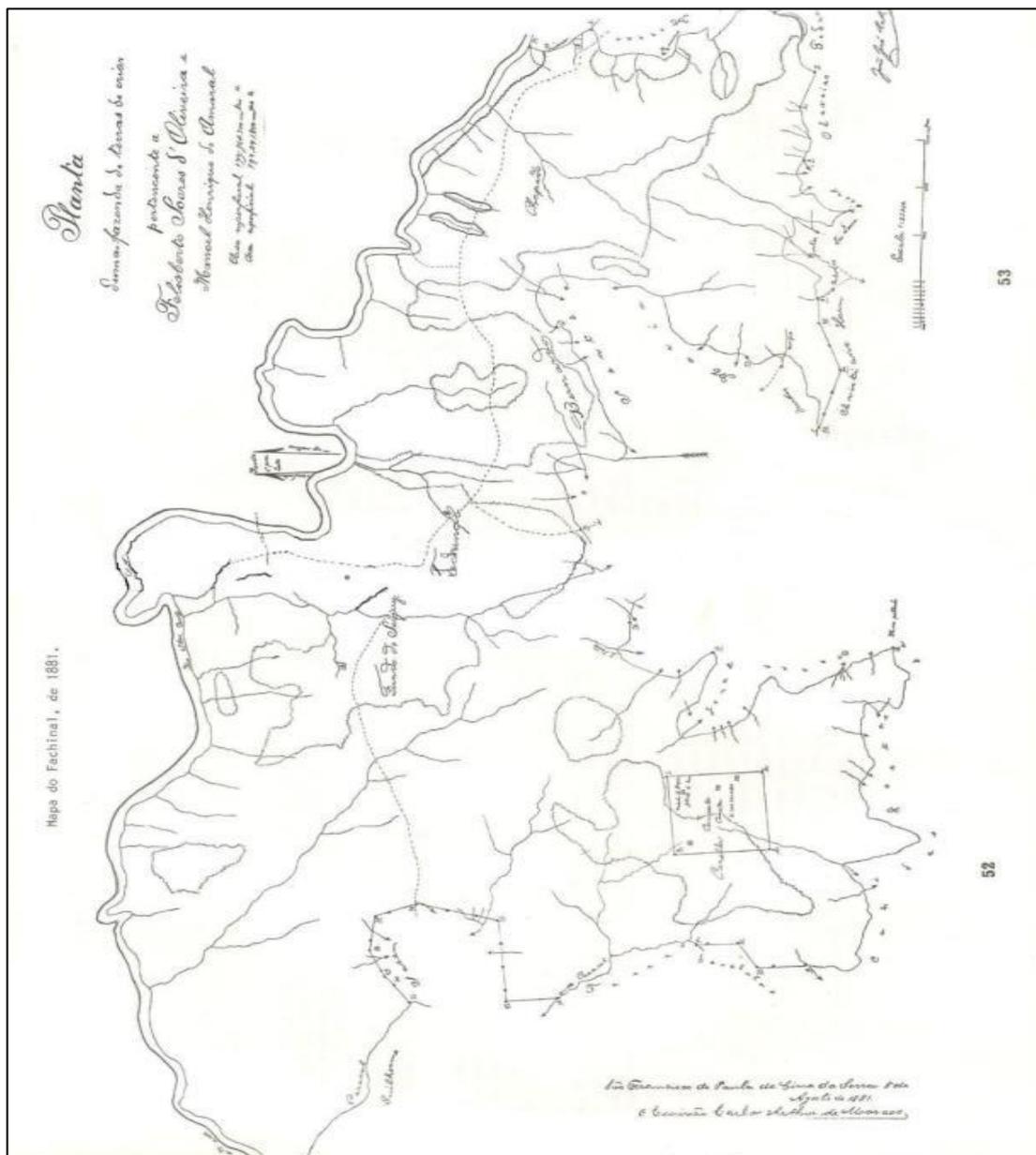
Três décadas após, o Fachinal é vendido a Henrique José do Amaral, no ano de 1817, recebendo uma escritura denominando o campo de Fachinal de Cima da Serra. É nesse período que se ouve falar, pela primeira vez, do Campestre Canella, localizado nas terras do Fachinal. Para Stoltz (1992), o nome Campestre Canella se deve ao fato de que, na localidade, havia uma frondosa caneleira que servia de abrigo para os tropeiros que levavam gado para São Paulo, e para os mercadores, que passavam por ali e que, embaixo dela, pernoitavam.

Conforme o mesmo autor, o foco passa a ser Campestre Canella. A ação de Joaquim da Silva Esteves, em 1821, de pedir ao Império o campo por sesmaria, tornou-o o primeiro dono legítimo do Campestre Canella. No ano de 1843, Cândida Bella da Silva recebe o Campestre Canella através da herança deixada pelo pai, nunca chegando a residir na

localidade, até que, em 1864, Guilherme Wasem, imigrante alemão, recebe autorização de Cândida para morar, plantar e fazer criação de gado no Campestre Canella.

Dois anos depois, em 1866, Joaquim Gabriel de Souza compra o Campestre Canella de Cândida e encontra em Guilherme Wasem muita resistência em deixar as terras, sendo obrigado a expulsá-lo. O dono das terras pede medição oficial da localidade em 1881 e passa a ter um documento oficial que demarcava as terras e quem as possuía de fato. O mapa (figura 2) indica a área da localidade em questão.

Figura 2 – Mapa da área Campestre Canella



Fonte: Stoltz (1992, p. 52-53).

Nota: o mapa indica a demarcação territorial do Fachinal e a parte demarcada formando um quadrado indicando o Campestre Canella.

Novamente o Campestre Canella é vendido, no ano de 1887, tendo como comprador Ignácio Saturnino de Moraes que, além do Campestre, compra também mais terras nas mesmas imediações.

A partir das leituras realizadas, tentou-se resumir brevemente o que se passou em muitas décadas. Inicialmente, pode-se citar a vontade de algumas pessoas de terem a posse das terras da localidade, tanto do Fachinal quanto do Campestre Canella. Por posse, doação ou compra, o fato se caracteriza pela falta de desenvolvimento da localidade a qual pode ser atribuída à longa distância de outros centros, como é o caso da capital, e da falta do olhar de alguém que notasse na localidade potencialidade para a ocupação.

2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DE CANELA ENTRE AS DÉCADAS DE 1930-1960

O local conhecido como Canella, com duas letras ‘ll’, foi terra de cobiça de muitos, mas até o início do século XX encontrava-se improdutiva, pertencendo sempre a um só dono, sem perspectiva de desenvolvimento. Havia também empecilhos que dificultavam o desenvolvimento e que podem ser atribuídos à longa distância da região de outras localidades, à falta de qualquer tipo de estrutura e também na vontade do proprietário em tornar o local próspero.

De acordo com Stoltz (1992), em 1903, João Corrêa e seu irmão Agnelo, já conhecedores da localidade, sobem a serra com a intenção de comprar Canella, mas a venda não se concretiza. Somente em 6 de maio de 1908 as terras são finalmente vendidas e por um valor de 20 contos de réis.

Conforme Petit (2003), o novo proprietário de Canela nasceu em 17 de fevereiro de 1863, em Santa Maria da Boca do Monte, sendo filho do tenente Manoel Corrêa e de Luiza Juliana Sonet Corrêa. Iniciou em Santa Maria da Boca do Monte/RS a função de ferreiro e, aos dezessete anos de idade, ele vai a São Leopoldo e ingressa como mestre-ferreiro nas oficinas da Estrada de Ferro Porto Alegre-Novo Hamburgo, dirigidas por uma companhia inglesa.

Em 1889, quando ainda residia em Santa Maria da Boca do Monte, seu irmão Agnelo, que na época era diretor do Banco da Província de Porto Alegre, lhe propõe sociedade para a construção de estradas de ferro. Provavelmente, João Corrêa necessitava de ajuda financeira para impulsionar os seus objetivos. Um fato novo coloca João Corrêa mais próximo do que hoje conhecemos como Canela. O governo do Estado, em 1899, abre concorrência para a

construção da estrada de ferro que ligaria Novo Hamburgo-Taquara. Os irmãos Corrêa apresentam-se com sua folha de serviços já prestados ao Estado e, então, é concedida a eles a permissão para a construção da ferrovia.

De acordo com Petit (2003), foi em 1912 que João Corrêa empreitou uma de suas obras mais audaciosas, assinando o contrato com a prefeitura de Taquara para a construção da linha férrea que ligaria Taquara a Canela. Essa decisão foi audaciosa pelo fato de que a ferrovia deveria ser construída serra acima e com muitos obstáculos pela frente, pois se tratava de uma região com grande quantidade de pedra basáltica. Com esse contrato, entretanto, privilegiou-se principalmente João Corrêa, o dono das terras, pois ele iria ter a oportunidade de desenvolver a localidade e gerar muitos lucros. A esposa Luiza Corrêa e os seus filhos Agnelo, Vitor Manuel, Carlos, Josefhina, Danton, Luizinha e Apparicio passam a residir em Canela.

Segundo Petit (2003), somente em 1º de agosto de 1924, doze anos após o início da construção da estrada de ferro que ligaria Taquara a Canela, ela foi concluída. A inauguração oficial se deu no dia 13 de agosto de 1924 e nesse mesmo dia foi nomeado o agente da estação, Adelino Camargo.

Pouco tempo após a inauguração da ferrovia, o fundador de Canela é nomeado Intendente do município de São Leopoldo, em 12 de outubro de 1924, pelo governador do Estado Borges de Medeiros, e, nessa mesma data, recebe a concessão para dar continuidade à construção das estradas de ferro pelo Rio Grande do Sul.

Em 16 de março de 1928, João Corrêa vem a falecer na cidade de São Leopoldo, a notícia logo se espalha. O comércio, repartições públicas e bancos são fechados em momento de luto. Em São Leopoldo, foi realizada uma cerimônia em sua homenagem e, em seguida, foi conduzido até a estrada de ferro, seguindo para Canela.

O fato que marcou a fundação da localidade é atribuído à chegada do trem, em 1924, marco esse que levaria ao desenvolvimento e urbanização da localidade, já que um dos fatores que poderia estar dificultando a fixação de pessoas em Canela acabava de ser resolvido, tendo o trem como meio para se chegar a localidade.

Na fotografia (figura 3), pode-se observar as primeiras casas construídas na região central de Canela em meados da década de 1920. A flecha está indicando a estação do trem, ponto final e de partida de muitas viagens pela ferrovia que ligava Porto Alegre a Canela.

Figura 3 – Início da urbanização de Canela no ano de 1924



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Timidamente, nas duas primeiras décadas do século XX, observam-se movimentações referentes à política. Segundo Reis, Veeck e Oliveira (2000), a maioria das pessoas que residia em Canela era simpatizante do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), e documentos do período referenciavam que os moradores de Canela eram partidários de Borges de Medeiros e do PRR.

Por conta dessa afinidade política, e por intermédio de João Corrêa junto ao PRR, em 2 de março de 1926, através do Ato de nº. 309, Canela passa à condição de 6º Distrito do Município de Taquara, tendo como subintendente Henrique Muxfeldt, nomeado por João Corrêa que abdicou ao cargo.

Na imagem (figura 4) aparece um grupo de pessoas, moradores de Canela, com ferramentas em punho, prontos para abrir estradas e para construir o que fosse necessário para o desenvolvimento da localidade. O grupo, denominado “Legião do trabalho” era idealizado e coordenado por Henrique Muxfeldt. Chama a atenção, na imagem, a presença de diversas crianças.

Figura 4 – Grupo de pessoas que fazia parte da Legião do Trabalho em 1930



Fonte: acervo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: grupo de pessoas que fazia parte da Legião do Trabalho em 1930, idealizado por Henrique Muxfeldt, indicado pela seta, subintendente de Canela enquanto 6º Distrito de Taquara.

Talvez essas pessoas não tinham a noção do que esse gesto representou para o futuro da região. Com a ajuda apenas de pás e picaretas deram o passo inicial e muito importante para a história e o futuro de Canela.

É isso que também mostra a figura 5, produzida com intuito de “guardar” e registrar o trabalho da legião.

Figura 5 – Mutirão dos primeiros moradores de Canela – 1930



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: a imagem mostra o mutirão dos primeiros moradores de Canela realizando a ampliação e conservação das estradas em Canela em 1930.

Além da abertura de ruas, com o desenvolvimento do comércio e cada vez mais migrantes passando a escolher Canela como local para viver, frente à divisão administrativa e judiciária do Estado, estabelecida pelo Decreto nº 7.199 de 31 de março de 1938, Canela passa por uma nova mudança, sendo elevada à categoria de Vila. Ao longo de 18 anos, a Vila de Canela é administrada por cinco subintendentes, sendo eles: Henrique Muxfeldt, Danton Corrêa da Silva, Olivério Steves, Silvino Haack e Archimimo Alves da Silveira.

Na fotografia de Canela (figura 6), no final da década de 1930, é significativo o aumento do número de casas em relação às imagens anteriores, que passa a evidenciar o desenvolvimento da localidade, agora denominada de Vila.

Figura 6 – Vista geral de Canela, em 1938



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: vista geral de Canela, em 1938, ano em que passa à categoria de Vila. No primeiro plano, os trilhos por onde passava o trem e, ao fundo, as moradias.

Na década de 30, do século XX, Canela já possuía uma economia em desenvolvimento com as empresas ali localizadas, como a Cia. Florestal e o Cassino Palace Hotel, movimentando economicamente a região e estimulando nos moradores a vontade política de se tornarem independentes de Taquara.

Frente a esse anseio, autoridades e moradores locais buscaram junto ao governo do Estado a emancipação do município de Canela, fato que ocorreu em 28 de dezembro de 1944, por meio do Decreto-lei nº. 717, com jurisdição sobre território pertencente ao município de Taquara, compreendendo uma área de 220 quilômetros quadrados. A instalação do município foi no dia 1º de janeiro de 1945, com a nomeação de Nelson Schneider para prefeito.

Na imagem parcial de Canela (figura 7), aparece o desenvolvimento econômico da localidade e o crescimento populacional.

Figura 7 – Imagem parcial de Canela em 1944



Fonte: arquivo pessoal Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: imagem parcial de Canela em 1944, ano de sua emancipação.

Para a administração do município de Canela, nos três primeiros anos, houve a nomeação do prefeito interventor do Estado, Cordeiro de Farias, porque não havia eleições para a escolha de interventores. O quadro 3 lista os prefeitos nomeados com as respectivas datas efetivas de administração.

Quadro 5 – Prefeitos nomeados no período de 1945 a 1947

Prefeitos	Período do mandato
Nelson Toohey Schneider	01/1945 a 04/1945
Pedro Sander	04/1945 a 12/1945
Ernani Kroeff Fleck	01/1946 a 12/1946
Pedro Oscar Selbach	01/1947 a 12/1947

Fonte: Reis, Veeck e Oliveira (2000).

A primeira eleição para prefeito em Canela ocorreu no ano de 1947, participando as legendas: Partido Social Democrático (PSD), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e Partido Renovador Popular (PRP). Nesta época votava-se para prefeito e para vice-prefeito e na

legenda do partido. Na primeira eleição, Canela contava com oito sessões eleitorais e 1.559 votantes.

Foram prefeitos eleitos em Canela até o ano de 1960, conforme recorte histórico pesquisado:

Quadro 6 – Prefeitos eleitos em Canela até o ano de 1960

Prefeito	Vice-Prefeito	Mandato
Danton Corrêa da Silva	Pedro Sander	01/1948 a 12/1951
João Alfredo Corrêa Pinto	Dante Bertoluci	01/1952 a 09/1952
Dante Bertoluci		09/1952 a 12/1955
Severino Travi	Pedro Paulo Corrêa Pinto	01/1956 a 12/1959
Danton Corrêa da Silva	João Wender	01/1960 a 12/1963

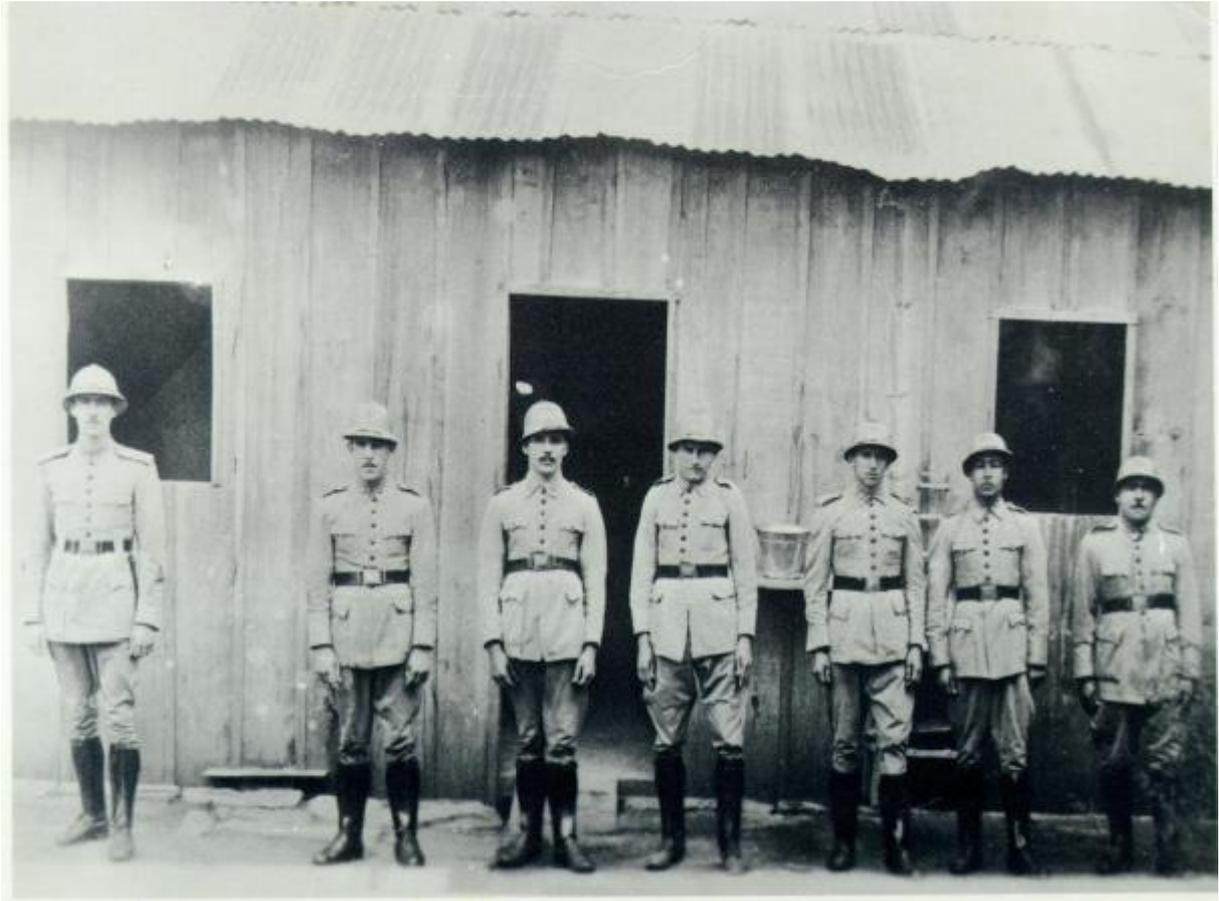
Fonte: Reis, Veeck e Oliveira (2000).

Em virtude da emancipação do município de Canela, houve a necessidade da instalação do destacamento da Brigada Militar, pois, até aquela data, Canela não contava com nenhum tipo de segurança e começava a ser um motivo de preocupação dos moradores visto que inúmeras pessoas de várias localidades passaram a frequentar a cidade.

Segundo Reis, Veeck e Oliveira (2000), a corporação inicial contava com o efetivo de um sargento comandante, um cabo e cinco soldados. Os materiais utilizados pelos soldados eram fornecidos pela prefeitura assim como o prédio onde funcionava a Brigada Militar. As armas utilizadas pelos soldados eram chamadas de mosquetões e havia apenas uma para cada soldado.

A fotografia (figura 8) mostra os policiais, em frente à sede da prefeitura, responsáveis pela segurança de Canela, a partir de 31-01-1946, com a seguinte denominação: Primeiro destacamento de Canela e Quinto Batalhão de Caçadores da Brigada Militar do Estado.

Figura 8 – Policiais responsáveis pela segurança de Canela



Fonte: acervo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: da esquerda para a direita, na ordem, conforme o cargo que ocupavam no policiamento. O primeiro, um pouco mais afastado, o 3º sargento Edy Saul Pütten, após o cabo Nelson Pereira de Araújo e, por último, os cinco soldados Ostarlique Idiarte, João Terzik, Agostinho Siqueira Filho, João M. S. Colmann e Ernesto Machado.

Para que pudessem fazer o atendimento das ocorrências mais distantes, para o transporte dos soldados, contavam com um cavalo. Nas ocorrências mais próximas, faziam o percurso a pé e, quando havia a necessidade de saída de mais de um policial, a comunidade emprestava um ou mais cavalos; já em uma emergência, as pessoas cediam seus carros particulares para a polícia atender as diligências.

A polícia de Canela foi ter sua sede própria somente em 1954, com a inauguração da Cadeia Civil. O efetivo da Brigada passa de sete homens para treze, com um comandante, dois cabos e dez soldados e passam a ter também treze mosquetões.

Com um sistema de segurança organizado, a cidade de Canela, no decorrer dos anos, passa a ser o local de férias de políticos do Governo do Estado. Segundo Reis, Veeck e Oliveira (2000), a ideia da construção da residência de férias do Governo do Estado em Canela surge em um baile de carnaval no Esporte Clube Serrano. Não há precisão da data, se

1939 ou 1940. Nessa ocasião, o interventor do Estado do Rio Grande do Sul, o General Oswaldo Cordeiro de Farias recebe uma homenagem, e este, imbuído de espírito de hospitalidade, no dia seguinte sai à procura de um local de seu agrado para comprar e posteriormente realizar a construção da casa de férias do Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

A área total adquirida de 23 hectares foi paga pelo Governo do Estado, em 1941, à família Corrêa. Nesse mesmo período, o mundo está todo voltado para os acontecimentos na Europa, com a Segunda Guerra Mundial. O General Farias coloca-se à disposição do então presidente Getúlio Vargas e segue para a Itália, ficando o assunto “Casa de Veraneio” em esquecimento.

Conforme Reis, Veeck e Oliveira (2000) o assunto somente é retomado em 1952, quando Canela já está emancipada e brota na comunidade canelense a vontade de reiniciar o projeto de construção da casa de férias do Governador, liderado por Ernani Fleck. Inúmeras campanhas são realizadas para a arrecadação de dinheiro e material, mas o arrecadado não é suficiente. Então, a mesma comissão se reúne com o prefeito de Canela, Dante Bertoluci, que aceita realizar a construção da casa de veraneio, mas sem a intervenção de terceiros.

O prefeito Dante Bertoluci imediatamente realiza os contatos necessários para a construção da residência do Governador e a inauguração ocorre em 17 de abril de 1954 com um grande churrasco servido a convidados, autoridades civis, militares e eclesiásticos e a comunidade que retomou o projeto de anos atrás. Também estava presente o Governador do Estado, o General Ernesto Dorneles, e o Secretário da Fazenda, Leonel Brizola, entre outros.

Conforme os registros encontrados, inúmeros políticos passaram por Canela como: Getúlio Vargas, em 25 de julho 1930, para a inauguração da Usina Hidrelétrica da Toca; na semana da criança, em 1958, o Governador do Estado, Ildo Meneghetti; em 1961 esteve presente o governador do Estado, Leonel Brizola e sua esposa Neusa Brizola que, na ocasião, adquiriram terras em Canela.

Vale a pena ressaltar, neste momento, que alguns governantes passaram por Canela, alguns adquiriram terras, mas de fato o que realmente fez a diferença para Canela foram as pessoas que ali fixaram suas raízes e desenvolveram a localidade a partir do trabalho realizado a cada dia por eles.

Esse mesmo acesso passou a ser usado por tropeiros e mercadores para o transporte de gado e para a venda de mercadorias. Nessa ocasião, as mulas e os cavalos passaram a ser muito importantes para a época, pois eram o único meio de transporte para as pessoas da região e os únicos animais que conseguiam enfrentar os terrenos de difícil acesso.

O primeiro sinal de desenvolvimento turístico ocorreu no Caracol, local de ambiente muito calmo, habitado por aproximadamente 350 pessoas, a maioria delas descendentes de Guilherme Wasem. A tranquilidade do local passa a ser substituído pelo movimento de pessoas, que compravam terras da família Wasem, e pela implantação da Cia. Florestal, no ano de 1913, para a extração de madeira da região. Com isso, a localidade passa a contar também com novos moradores, trabalhadores das serrarias juntamente com as suas famílias.

Para todos os que tinham a vontade de um dia visitar ou residir em Canela, foi construído um primeiro acesso e, segundo Reis, Veeck e Oliveira (2000), em meados do século XIX, ligando a região metropolitana do Rio Grande do Sul à Serra, mais precisamente de São Leopoldo a São Francisco de Paula de Cima da Serra. O acesso foi aberto por um grupo de escravos de Francisco Pacheco. A picada aberta em meio ao mato levou em torno de 28 dias para ser concluída e tinha como finalidade levar um piano de presente a Vitalina do Amaral Pacheco.

A fotografia do ano de 1917 (figura 9) apresenta o trabalho realizado em meio à mata no Caracol para a extração da madeira.

Figura 9 – Trabalho realizado em meio à mata no Caracol para a extração da madeira



Fonte: acervo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: no detalhe da imagem, uma tora está pronta para ser colocada no carretão e ser conduzida até uma das serrarias do Caracol. Para este trabalho, aparecem oito homens para realizar a extração das toras e nove bois para puxar os carretões. Esse tipo de trabalho oferecia recursos limitados e estrutura precária aos seus trabalhadores.

O trabalho nas serrarias aumentava constantemente e, em decorrência do uso das máquinas e carroças, elas passaram a quebrar com mais frequência. Para dar suporte às madeireiras, foram construídas uma oficina mecânica, uma ferraria para atendimento às serrarias e uma oficina para conserto de carroças.

Com a ampliação do ramo madeireiro, mais pessoas aproveitaram o progresso para se instalar na região do Caracol, com o objetivo de fixar residência, e para abrir novas empresas de comércio. Segundo Stoltz (2003), houve, em decorrência desse progresso, a necessidade de se construírem pensões para atender aos clientes das serrarias e, posteriormente, aos turistas que iam para a serra em busca de frio e neve.

Para atender a essa demanda, Alvino Sonnenstrahl instalou o primeiro hotel do Caracol, que foi inaugurado no ano de 1916, sendo ele um dos pioneiros da rede hoteleira do Estado do Rio Grande do Sul. Para os veranistas e viajantes, o hotel oferecia cancha para esportes, cavalos para passear pelo Caracol, natação em uma piscina natural no poço do arroio caracol e ainda uma orquestra. Para os apreciadores de caça e pesca, que havia em abundância, e para as famílias que permaneciam em torno de dois a três meses no Caracol, o hotel contava com alguns chalés que serviam de lugar de hospedavam às famílias vindas, principalmente, de Porto Alegre.

A fotografia (figura 10) apresenta o hotel e pensão Werner, na ocasião sendo abastecido pelos mercadores ambulantes em suas mulas, um dos únicos meios de transporte da época.

Figura 10 – Hotel e pensão Werner



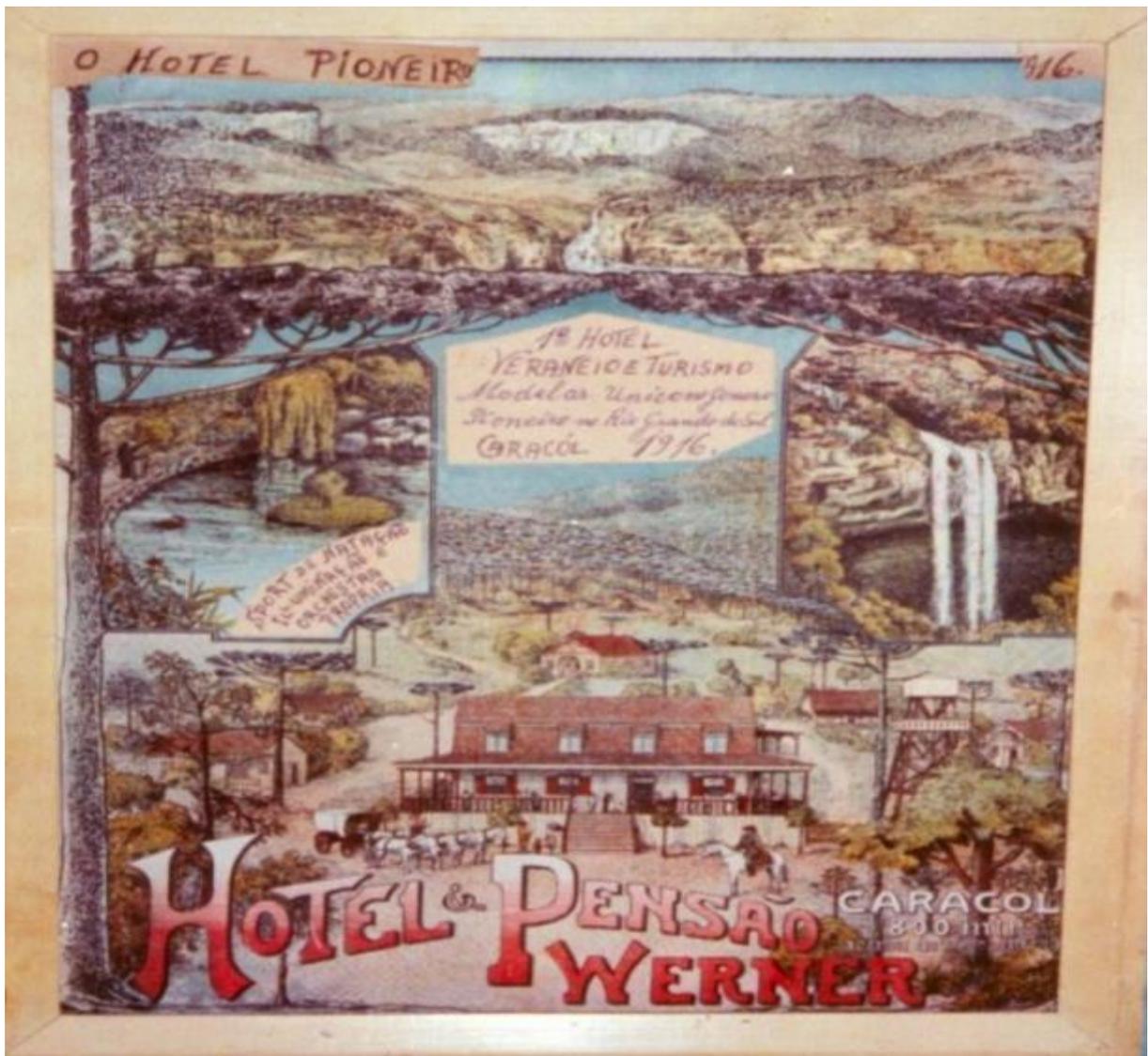
Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: na imagem, o Hotel e Pensão Werner, pioneiro no Caracol.

A notícia e propaganda sobre os hotéis no Caracol se propagaram e, em consequência, o turismo no Caracol. Uma das comodidades oferecidas pelo Hotel e Pensão Werner aos veranistas foi o fato de serem recebidos pela direção do hotel na estação de trem em Sander, Três Coroas. Após descerem do trem, eram conduzidos até o hotel no Caracol. A viagem levava em torno de oito horas até chegar ao destino final.

Para que cada vez mais turistas pudessem desfrutar das belezas naturais, do clima da região assim como dos hotéis e pousadas, alguns hotéis faziam investimento com propaganda em folhetins que eram distribuídos em outras cidades e até mesmo pelos hóspedes que frequentavam os hotéis e levavam a propaganda para suas cidades de origem.

Figura 11 – Folhetim do Hotel e Pensão Werner no Caracol



Fonte: arquivo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: imagem do folhetim do Hotel e Pensão Werner no Caracol, com a seguinte informação: 1º Hotel, Veraneio e Turismo. Modelar, único no gênero. Pioneiro no Rio Grande do Sul. Caracól, 1916. Sport de natação, iluminação e orchestra própria. (Escrita original).

Com o passar dos anos, os proprietários de hotéis e pensões sentiram a necessidade de ampliar seus estabelecimentos, assim como de construir outros para suprir a demanda que aumentava de forma significativa, principalmente de veranistas, que gostavam de desfrutar as paisagens naturais, como a Cascata do Caracol, os passeios a cavalo, os banhos nas águas do Arroio Caracol e a prática de alguns esportes. No inverno, apreciavam a neve que caía nos meses de junho e julho.

Na fotografia (figura 12), aparece um dos passeios oferecidos na propaganda dos hotéis, a Cascata do Caracol, sendo um dos principais atrativos do local, passeio que também e com frequência era realizado pelos moradores do local.

Figura 12 – Cascata do Caracol



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: na ocasião do passeio em visita à Cascata do Caracol, os moradores de Canela, no ano de 1935, onde aparecem sentados Hugo Schmitt e sua esposa, em pé, Albino Freitaz com sua esposa Erna Lengler Freitaz.

Ao longo do tempo, as pessoas começaram a perceber que ali era um local de oportunidades e passaram a construir mais hotéis, tirando o foco do Caracol. O Hotel Feltes é um exemplo, localizado na área central de Canela. Além de hospedagem, o hotel oferecia aulas de ginástica, realizava bailes e era um ponto de encontro de amigos. Esse local não era de uso exclusivo de veranistas, era também muito frequentado pelos moradores locais.

Figura 13 – Hotel Feltes em 1924



Fonte: arquivo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: imagem do Hotel Feltes em 1924.

A partir da década de 1940, alguns hotéis começaram a mudar sua arquitetura, deixando para trás a construção de casas em madeira para a construção com materiais de alvenaria. Com isso, os hotéis adquiriram uma aparência mais moderna, podendo oferecer mais conforto aos hóspedes que vinham para a região, como pode ser observado na fotografia (figura 14).

Figura 14 – Hotel Central em construção no ano de 1944



Fonte: arquivo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Em proporções maiores e em meio à natureza, foi construído o Palace Hotel, com ampla estrutura para a acomodação dos veranistas que escolhiam a serra para passar suas férias (figura 15).

Figura 15 – Palace Hotel no período do verão



Fonte: arquivo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: Palace Hotel no período do verão, quando as hortênsias estão em plena florada. Este hotel foi construído muito próximo às construções do que seria o cassino, com a finalidade de acomodar também aqueles que vinham tentar a sorte no jogo.

Assim como as madeiras, os hotéis e pensões que impulsionaram o desenvolvimento da região, a chegada do trem, no ano de 1924, como já mencionado anteriormente, foi o fator propulsor para o desenvolvimento de Canela. Até então, a localidade permanecia isolada dos acontecimentos que ocorriam principalmente nos centros maiores.

Segundo Reis, Veeck e Oliveira (2000), para chegar até Canela, o trem saía de Porto Alegre, da Rua Voluntários da Pátria, às 6 horas e 30 minutos da manhã. Costumeiramente, a cada estação que o trem chegava, o fiscal mencionava o nome da localidade. Ao chegar ao pé da serra, atualmente conhecida como a cidade de Três Coroas, o trem ia em marcha reduzida, pois fazia muito esforço para subir. Em determinados locais, os passageiros podiam andar ao lado do trem, indo na mesma velocidade, tamanha era a lentidão da subida.

Conforme os mesmos autores, para o transporte de passageiros e mercadorias, havia o trem que era movido a carvão e à lenha. O abastecimento de água era feito através de caixas

de água existentes próximas à ferrovia. Uma fumaça densa e negra saía da chaminé, obrigando os passageiros a usar um guarda-pó fornecido pela Cia. Viação Férrea para se protegerem das faíscas e não queimarem as roupas. Este trem que aparece na imagem (figura 16) realizava o trajeto somente em alguns dias da semana. Para o transporte daqueles que iam a Canela para jogar no cassino, havia um outro tipo de trem, chamado de carro motor, movido a gasolina, que subia a serra no sábado e retornava a Porto Alegre no domingo.

Figura 16 – Trem que fazia o trajeto Porto Alegre/Canela de 1924 a 1963



Fonte: arquivo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: a imagem registra uma dentre as inúmeras viagens realizadas ao longo dos 39 anos em que o trem fez o trajeto Porto Alegre/Canela de 1924 a 1963.

De acordo com a descrição de Reis, Veeck e Oliveira (2000), o trem tinha as seguintes divisões: além da locomotiva havia mais quatro vagões, dois de passageiros, um maleiro e outro de correio e mantimentos. Também havia o trem que era somente de carga, trazendo de Porto Alegre materiais de construção, areia e outros, retornando com madeira para Porto Alegre farinha de trigo e erva-mate.

Com o aumento da população e também do poder aquisitivo, começa a crescer consideravelmente o número de pessoas que podiam adquirir carro como meio de transporte. Nas ruas, as carretas puxadas por cavalos passaram a competir com carros, ônibus e bicicletas

e os palanques que serviam para amarrar os cavalos começam a ceder espaço para o estacionamento dos carros.

Apesar do aumento considerável na década de 1940 da frota de caminhões, principalmente no interior de Canela, os carretões puxados por bois ainda realizavam o trabalho mais pesado, retirando as toras das matas de araucária. As carroças puxadas por cavalos para o transporte dos moradores ainda continuaram por muito tempo devido à precariedade das estradas, já que os carros quase não conseguiam passar, principalmente em dias de chuva.

Segundo Reis, Veeck e Oliveira (2000), foi no mesmo ano da chegada do trem, em 1924, que outro meio de transporte se popularizou, a bicicleta. Na época, era tido como prático e mais acessível financeiramente. Feldmann (2003) relata que Wolf, pastor da Comunidade Evangélica São João de Canela, que tinha uma disposição invejável, visitava as famílias do centro circulando de bicicleta.

Dando continuidade ao desenvolvimento de Canela, a empresa de ônibus Seibt & Spier inicia suas atividades, fazendo o trajeto de Canela a Porto Alegre em 1938. Tratava-se de um ônibus de madeira. Saía de Canela às 6 horas da manhã, parava para almoço em Nova Petrópolis e seguia para Porto Alegre. Em determinados locais, devido às péssimas condições das estradas e atoleiros, o ônibus era puxado por um trator, pois não tinha força para realizar as subidas íngremes.

A maioria dos carros que se via circulando em Canela era de veranistas que gostavam de desfilar pelas poucas ruas de Canela, mesmo sendo esburacadas e apresentando muitos atoleiros. Em 1946, uma loja de carros da Ford se instalou na cidade e, então, aos poucos, os moradores com mais posses, tiveram o privilégio de adquirir seus carros.

Reis, Veeck e Oliveira (2000) relatam que, gradativamente, as carretas e carretões vão dando lugar aos meios de transporte motorizados, principalmente após 1945. O trem passa a concorrer com uma frota de ônibus organizada, com um itinerário mais amplo, com mais segurança e com a certeza de que as pessoas chegariam ao seu destino sem cheiro de fumaça e sem a roupa queimada. Em 11 de março de 1963, o ramal ferroviário fechou suas portas e o trem apitou pela última vez, deixando as pessoas desoladas, pois estavam acostumadas com toda a movimentação de pessoas e mercadorias que a chegada e a partida do trem ocasionava.

Além do turismo e das serrarias, a economia de Canela passou a contar com outro segmento para o seu desenvolvimento, quando, em março de 1939, se instalou na localidade uma fábrica de celulose e papel, considerada na época a mais completa da América Latina. Era de propriedade de Emílio e Willy Dienstmann e Hermann Haberland.

A fábrica de celulose, ainda de acordo com Reis, Veeck e Oliveira (2000), marcou o declínio do turismo no Caracol devido aos dejetos que a fábrica lançava no arroio, este que, após alguns quilômetros, forma a Cascata do Caracol. Os turistas não podiam mais se banhar nas águas devido ao forte cheiro que tomava conta de todo ambiente.

Enquanto no Caracol o turismo entra em declínio, em Canela inicia a construção do Cassino Palace Hotel, um empreendimento de colossal estrutura e com possibilidades de grande movimentação financeira. Tratava-se do maior empreendimento até então realizado pelo banco da Caixa Econômica Federal da época. Em proporções menores, um pequeno cassino já funcionava no centro da cidade, o que já atraía muitos jogadores nos finais de semana para a região. Esse empreendimento não chegou a ser concluído, devido à proibição dos cassinos pelo presidente Eurico Gaspar Dutra em 30 de abril de 1946.

O turismo em Canela entra em declínio novamente e, com ele, muitas pessoas que investiram em empreendimentos contando com toda a movimentação que o cassino iria gerar tiveram os bens confiscados pelos bancos para a quitação dos empréstimos realizados.

O desenvolvimento em Canela não ficou somente vinculado às serrarias e ao turismo. O comércio, a prestação de serviços e as fábricas foram se consolidando ao longo dos anos, e a atividade de vendas toma proporções que vão ao encontro das necessidades da população.

Ao longo das décadas de 1930 a 1970, Canela contava com casas de comércio de alimento, lojas em geral, fábricas, prestação de serviços e de serviços pessoais, acomodações e salas para baile, conforme enumera Oliveira (2003):

Figura 17 – Relação de comércios existentes em Canela no período de 1930 a 1970

Secos e molhados	4	Moinho	1
Bar e restaurante	2	Ferraria	2
Açougue	1	Construtora de estradas	2
Café	1	Carpintaria	2
Tenda de frutas e verduras	1	Serraria	2
Tambo de leite	1	Reboque	2
Olaria	1	Fotógrafo	2
Artigos elétricos	2	Empresa de ônibus	2
Alfaiataria	1	Banco	1
Bazar, livraria e tipografia	1	Farmácia	1
Casa de roupas feitas	1	Escritório de advocacia	1
Malharia	1	Contabilidade	1
Casa de joias	1	Funilaria	1
Alambique	2	Carreteiro	1

Fábrica de café	1	Imobiliária	1
Fábrica de calçados	1	Venda e consertos de rádios	1
Fábrica de caixão	1	Instalador hidráulico	1
Fábrica de cabides	1	Lotérica	1
Fábrica de cadeiras	1	Gabinete dentário	2
Fábrica de ferramentas	1	Médico	2
Fábrica de queijos	1	Barbearia	2
Fábrica de sabão	1	Salão de beleza	1
Madeireira	1	Hotel	6
Curtume	1	Pensão sem caráter familiar com dança	2
	1	Salão bailante com botequim	1

Fonte: Oliveira (2003).

O ramo hoteleiro e turístico em Canela tem seu declínio quando a madeira extraída pelas serrarias fica escassa. As madeireiras, então, fecham e boa parte das pessoas que residiam no local volta para suas cidades de origem. O trem que trazia para a cidade muitos turistas também deixa de fazer o trajeto capital/Canela, diminuindo desta forma o número de veranistas.

Durante cinco décadas se extraiu muita madeira de toda a região de Canela, e os donos de madeireiras pouco ou nada investiram na cidade, apenas extraíram a riqueza natural das grandes matas de pinheiro, deixando para trás estradas totalmente danificadas pelo grande fluxo de carretas e de caminhões usados para o transporte das madeiras.

No início da década de 60, a madeira já não é mais encontrada em grande quantidade, e com ela acaba o sonho de muitos que apostaram que Canela seria uma cidade promissora. Em 1963, o transporte ferroviário deixa de fazer o trajeto Canela/Porto Alegre, pois a maioria das cargas de madeira que transportava deixou de ser extraída.

As pessoas que subiam a serra já optavam pelo transporte de ônibus, alegando ser mais seguro que o trem, e as que tinham melhores condições financeiras iam com os seus próprios automóveis.

Nesse mesmo período, partindo de algumas lideranças locais, aconteceu um movimento para a retomada do prestígio que a cidade de Canela havia perdido. Alguns eventos sociais foram realizados no Esporte Clube Serrano e cinco edições do Festival da Serra, cabendo ao Cônego João Marchesi a presidência e organização dos festivais.

Conforme Reis, Veeck e Oliveira (2000), ao longo da década de 1950, as famílias que buscaram em Canela uma terra promissora para morar e prosperar financeiramente passaram a

enviar os filhos para estudarem na capital, e outros foram em busca de trabalho no Vale do Paranhana e do Vale dos Sinos, os quais se encontravam em processo de industrialização. Após se formarem, não retornavam, pois não havia mais mercado de trabalho. Algumas famílias também acabaram retornando para as cidades de origem, muitas vezes lamentando o tempo perdido e levando o pouco que haviam adquirido em Canela, após, inclusive, terem vendido suas terras para a Fábrica de Celulose.

Nos anos 70, muitas empresas do comércio em geral fecharam suas portas, um reflexo ainda devido ao fechamento das madeireiras. Surge então a oportunidade de construção do Hotel Charrua, de propriedade de Ernani Dieterich, que passou a necessitar de mão de obra para a construção e posteriormente para o trabalho no ramo hoteleiro. Nos anos seguintes, no mesmo segmento hoteleiro, aconteceram as construções do Hotel Laje de Pedra e do Hotel Continental que impulsionaram o turismo local.

Desde os primeiros tempos, quando famílias buscavam Canela para morar, não priorizaram a etnia do povo que iriam encontrar, nem a religião que o povo professava. Apenas queriam um lugar para morar e ali prosperar. E, portanto, ali se estabeleceram famílias descendentes de alemães, de italianos, negros, luso-brasileiros, católicos, luteranos, protestantes, uns com mais posses financeiras, e outros com menos. Foi dessa forma que, aos poucos, começou a se consolidar a comunidade canelense e também a se formar os laços sociais frente às afinidades de cada um.

As pessoas começam a fazer parte de grupos, e as primeiras manifestações sociais que surgiram em Canela e das quais se têm informação são as atividades de caráter religioso. Os encontros ou reuniões inicialmente passaram a acontecer mesmo não havendo um templo ou local próprio para realizarem as orações, missas, cultos, batizados e até mesmo casamentos.

Segundo Feldmann (2003), a iniciação religiosa em Canela foi evangélica com a criação, em novembro de 1925, da Comunidade Evangélica São João de Canela. Essa comunidade era uma filial da Igreja de Gramado, localidade vizinha, e as duas eram atendidas pelo mesmo pastor. Inicialmente a comunidade evangélica reunia em torno de 35 pessoas para os cultos que aconteciam em locais diferentes, ora em salas alugadas, ora em salas de escolas. Para que as festas pudessem ser realizadas, os organizadores alugavam o salão do Hotel Feltes de Henrique Jacob Feltes.

A comunidade evangélica de Canela torna-se independente da comunidade de Gramado em janeiro de 1945, quando é construída a igreja em um terreno de doação de Luíza Corrêa. As comunidades evangélicas do interior não ficavam desassistidas, pois contavam com igrejas afiliadas na localidade de São João, no Caracol, e outra na colônia do Chapadão.

A igreja também contava com um grupo de 39 mulheres, coordenado pela professora Maria Frida Haack, que tinha como objetivo a assistência social através da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE), fundada em abril de 1934. A igreja também passou a contar com o Grupo da Juventude Evangélica, em 1950, inicialmente frequentado por 22 jovens da comunidade canelense, que tinha como objetivo inicial a oração e a recreação.

As famílias de migrantes luteranos que chegavam a Canela não tinham uma igreja matriz para frequentar, conforme lembra Rubens Hoffmann (2013). Os cultos eram realizados pelo pastor Rodolfo Hasse que chegava a Canela de trem, apenas esporadicamente para atender a região nos anos de 1920 e 1930. A comunidade iria ter sua sede própria somente em 1942, quando sete membros da comunidade evangélica luterana fundaram a igreja Cristo Redentor que passa a ser atendida pelo pastor Alberto Feldmann.

Na década de 1950, a igreja luterana teve seu apogeu tanto espiritual como material. Nesse período, passaram a adquirir carros para atendimento paroquial nas residências e também a comprar terrenos na cidade de Canela para a construção de novas capelas. Após a década de 1970, a igreja passa a ter autonomia financeira, não necessitando mais do auxílio da igreja da capital.

Assim como a comunidade evangélica de Canela e Gramado eram assistidas pelo mesmo pastor, a comunidade católica seguiu os mesmos passos, pois dividiam o mesmo padre. Provavelmente, esse fato se deu em razão de as comunidades serem pequenas e também pela pouca disponibilidade de padres para a região.

Conforme Daros (2003), os padres, além de celebrarem as missas, também estavam incumbidos dos serviços paroquiais nos domicílios. Essa prática era muito comum na época. Na maioria das vezes, os padres destinados para a localidade de Canela vinham das dioceses de Novo Hamburgo e São Lourenço da Linha Imperial.

Após esse período em que a comunidade católica não dispunha de um local próprio para a celebração das missas, em 7 de janeiro de 1938, Canela tem a oficialização de sua paróquia denominada Nossa Senhora de Lourdes, tendo como vigário João Alberto Hickmann, que fica à frente da igreja até 1944, quando é transferido para outra comunidade e passa a assumir seu lugar o padre João Marchesi. O padre Hickmann foi de grande importância para a comunidade católica em relação à educação, pois foi o responsável pela vinda das Irmãs Bernardinas para iniciar a Escola Nossa Senhora Auxiliadora.

Segundo Daros (2003), o padre João Marchesi, ao assumir a igreja em 1944, contava com 8.000 católicos e 2.500 acatólicos. O padre se sente acolhido pela comunidade, vendo-se

totalmente envolvido em muitas das atividades do cotidiano de Canela. Muitas decisões somente eram tomadas mediante consulta ao padre. A prática de ter o padre como conselheiro, no período estudado e anterior a ele, era muito comum acontecer. As famílias procuravam o padre para se aconselharem.

Além dos encontros religiosos, a comunidade de Canela passou a contar com um outro local para a realização de encontros sociais. O cinema foi instalado pela família Hoffmann, vinda de Bom Jesus em 1928. Conforme Reis, Veeck e Oliveira (2000), Sylvio Hoffmann recebe auxílio financeiro do industrial Patrício Zini para a construção do prédio que abrigaria o cinema. Ao final do mesmo ano em que a família Hoffmann se instalou em Canela, conseguiram inaugurar o cinema.

Nesse período, o cinema era mudo e recebia acompanhamento de alguns instrumentos musicais, como a gaita ponto e um rabecão, que animavam as sessões. Além da música tocada por moradores de Canela, Raul Hoffmann, filho de Sylvio Hoffmann, proprietário do cinema, vendia doces para as pessoas que iam ao cinema.

Segundo Reis, Veeck e Oliveira (2000), um ano e meio após a inauguração do Cinema Ideal, ele é vendido a dois rapazes vindos de Carlos Barbosa. Sylvio Hoffmann foi nomeado Professor Estadual de um grupo escolar de Gramado, razão pela qual se desfez do cinema.

Os rapazes Antonio Spezatto e Roberto Sauthier ficaram pouco mais de um ano em Canela e fecharam o cinema. Ele ficou desativado de 1932 a 1934. As atividades de cinema são retomadas em 28 de junho de 1934 por Hugo Schimitt que aluga o cinema de Pedro Oscar Selbach. Ele passa a ser sonoro com o nome de Cine Theatro João Corrêa em homenagem ao fundador de Canela.

Conforme Reis, Veeck e Oliveira (2000), os filmes que ali passavam não agradavam muito ao público, muitas vezes sendo vaiado ao final das sessões. Hugo, então, desiste e passa a direção do cinema para seu irmão Aodomar, que muda a programação para um gosto mais popular, o que deu muito sucesso ao empreendimento.

Os filmes eram alugados e chegavam de trem em latas redondas com uma ficha técnica que era reproduzida em mimeógrafo e espalhada pela vila de Canela. A propaganda do filme era distribuída por três pessoas que faziam o trabalho a cavalo. O folheto da época demonstra como as pessoas recebiam em suas casas a informação a respeito dos filmes que iriam passar na sessão de sábado.

Figura 18 – Folhetim do Cinema João Corrêa



Fonte: arquivo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: folhetim do Cinema João Corrêa, de propriedade de Pedro Oscar Selbach, em Canela, no início dos anos 40. A propaganda do folhetim fazia um convite aos espectadores e até os elogiava como sendo pessoas cultas. O folheto também mostra a imagem dos atores principais do filme.

Reis, Veeck e Oliveira (2000) destacam ainda que, no verão, havia uma sessão extra às quartas-feiras para atender aos veranistas que frequentavam a localidade. Aos sábados, a sessão continuava como de costume, às 8 horas da noite. O atrativo do cinema estava ligado à decoração em frente ao cinema que ficava ornamentado de acordo com a temática do filme, o que chamava muito a atenção das pessoas para a programação do dia.

No cinema, entre os anos 30 e 40, era muito comum acontecerem bailes da comunidade e cultos religiosos por se tratar de um local amplo e bem localizado, sem contar que era bem visto por todos, um lugar para as famílias frequentarem.

Na figura 19, do Cine Theatro João Corrêa, vê-se o anúncio do filme a ser exibido na sessão de sábado.

Figura 19 – Cine Theatro João Corrêa



Fonte: arquivo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: o Cine Theatro João Corrêa exibiu o filme *Bigcage: o rei da jaula*. No quadro em frente ao cinema, escrito a giz, aparece a informação de que seriam exibidas duas sessões neste dia, para que ninguém perdesse a grande oportunidade de assistir ao filme.

Curiosamente, antes de iniciar a sessão do filme, era passado um noticiário com informações e notícias do mundo, denominado *Aconteceu*. O fato, entretanto, é que as notícias chegavam com mais de trinta dias de atraso. Além do noticiário, o cinema também contava com um sistema de alto-falantes, no qual eram lidas mensagens e dedicatórias de rapazes para as moças que se encontravam passeando na praça e também eram oferecidas músicas como forma de homenageá-las.

Assim como a igreja, escolas, hospital, entre outros locais, que passam a receber novas instalações, o cinema também inaugurou um novo local, mais amplo e mais bonito, em 31 de janeiro de 1957, com capacidade para 1.110 pessoas e uma grande tela que comportava a apresentação de grandes produções cinematográficas, como, por exemplo, *Os dez mandamentos*.

Nos anos seguintes, o Cine Theatro continuou com suas atividades de sessões de filmes, algumas peças de teatro e apresentação de grupos musicais e também com a Hora da Arte, quando, então, as pessoas da comunidade tinham sua oportunidade de apresentarem-se.

O Cine Theatro João Corrêa sempre esteve com suas portas abertas, e somente com algumas exceções deixava de exibir a programação, como no dia do casamento de Ary e Isolda moradores de Canela.

Além dos noticiários apresentados antes dos filmes, até os meados da década de 40 o único meio de comunicação e informação social diária que se tinha em Canela eram as emissoras de rádios de cidades vizinhas, mas o sinal era muito fraco e de difícil entendimento.

Ainda de acordo com Reis, Veeck e Oliveira (2000), eles relatam que no ano de 1945 surgem as primeiras manifestações para a criação de uma emissora em Canela, sendo que a primeira iniciativa seria de fazer o pedido de firma individual ao Ministério da Viação e Obras Públicas. Mesmo quando Semílio Zeferino Munaretti, que estava à frente das negociações, recebeu a notícia do arquivamento do seu processo, ele não desistiu e continuou buscando junto ao governo a autorização para a abertura da rádio.

A Rádio Clube de Canela, para Reis, Veeck e Oliveira (2000), que até então funcionava em caráter experimental, passou a transmitir a programação oficial em 21 de março de 1951. Todos os acontecimentos e notícias eram transmitidos através da Rádio de Canela, como missas, formaturas, futebol, teleteatro, anúncios fúnebres e também, todas as datas festivas, que tinham uma programação especial. O início da transmissão diária ocorria das 6 horas da manhã e o encerramento às 22 horas sempre com a mesma música de Aida de Verdi.

De acordo com Reis, Veeck e Oliveira (2000), a direção da Rádio, em 1953, passa a ser de Carlos Adyr Selbach. Algumas mudanças ocorreram, como o programa de auditório que passou a ser transmitido diretamente do cinema. O sucesso foi tanto que houve a necessidade da instalação de caixas de som do lado de fora do cinema para as pessoas que não conseguiam entrar, pois o cinema contava somente com 1.100 lugares, pudessem ouvir a programação.

A Rádio Clube de Canela contava com uma programação diária que iniciava às 10 horas e 30 minutos com a leitura do Carnê Social que era referente aos aniversariantes do dia. Às 18 horas tinha a prece da “Ave Maria”. Aos domingos a missa era transmitida às 19 horas. Nos sábados à tarde, a programação apresentava as duplas caipiras, bandinhas e conjuntos musicais. O outro atrativo da rádio e que rendia financeiramente eram as dedicatórias, principalmente aos sábados e domingos. Também tinha o programa de atendimento ao ouvinte, as “damas” do meretrício eram as que mais solicitavam músicas.

Ao final dos anos 50, a rádio de Canela passou por um período difícil. Os equipamentos se encontram ultrapassados, e isso prejudicava muito as transmissões. Era quase impossível realizar a substituição do aparelhamento devido à falta de recursos financeiros da emissora e inúmeras foram as vezes em que as transmissões foram interrompidas.

Nos anos seguintes, a Rádio de Canela começou a sofrer, como todos os outros meios de comunicação do Brasil, a censura imposta pela ditadura, principalmente com as transmissões diretas, o que merecia uma atenção maior sobre o conteúdo a ser transmitido aos ouvintes.

Além do rádio como meio de comunicação e informação, Canela passou a ter seu primeiro jornal impresso, fundado em 21 de abril de 1946. O jornal Sentinela pertencia a Francisco de Albuquerque Montenegro, pernambucano que havia tido outras experiências com jornais pelo Brasil. O jornal era impresso com equipamentos próprios e com ajuda de seus familiares.

No período correspondente à fundação do jornal, a tecnologia não era tão desenvolvida em comparação às décadas seguintes. Para realizar a escrita no papel era utilizada a tipografia, cuja técnica consistia em formar as palavras letra por letra, tudo manualmente. O jornal era impresso por uma impressora plana, tocada a mão. Após a impressão, a dobra era feita manualmente, assim como os possíveis encartes.

Na edição de 1º de janeiro de 1958 o jornal se reportou à matéria informando a grande quantidade de assinantes do jornal Sentinela, inclusive com assinantes de cidades vizinhas, como Gramado, São Francisco de Paula, Taquara, Bom Jesus, Sapiranga, Jaquirana, Três Coras, Esteio e Hamburgo Velho. O jornal Sentinela teve a direção de Francisco de Albuquerque Montenegro até 26 de setembro de 1959 e, após, a direção passou para as mãos de Ricardo Luiz Frizzo até 31 de janeiro de 1963. Após essa data deixou de existir.

A comunidade canelense, além de ter o cinema como espaço cultural também passou a contar com um clube, idealizado por Orestes Travi, jogador de futebol do Clube Juventude de Caxias do Sul. O clube foi denominado de Esporte Clube Serrano.

O vínculo de Orestes Travi com Canela era inicialmente comercial, pois tinha uma fábrica de caixas de madeira. Como era jogador, não queria deixar de lado o esporte, mas juntamente com mais alguns amigos deram início ao clube. Nos primeiros tempos o Clube Serrano funcionava em um salão de madeira onde, na parte da frente, eram realizados os bailes e, na parte dos fundos, os jogos de bolão.

Segundo Reis (2003), por volta de 1932, o clube recebeu uma doação de um terreno de Luiza Corrêa para a construção da sede própria. Um dos maiores eventos ocorridos no clube, na época em questão, foi em fevereiro de 1939, com a Festa das Hortênsias, que teve como atividades principais competição ciclística, missa, escolha da rainha, desfile de carros alegóricos, entre outros eventos.

O Esporte Clube Serrano sempre foi palco de muitas festas, inclusive concertos nas formaturas de acordeom. Nos anos 50 tinha a torcida organizada só de mulheres, chamada “A ala moça” do clube. O clube também iniciou o departamento de tiro em 1955 e passaram a competir em 1958 em campeonatos oficiais pela Federação Rio-grandense de Tiro.

Somente poderia frequentar o clube e aproveitar tudo o que ele oferecia as pessoas associadas que podiam desfrutar da mesa de sinuca, das canchas de bocha e bolão e até mesmo do time de futebol, atividade essa exclusiva da ala masculina do clube, cabendo às moças e esposas usufruírem somente dos bailes.

Um dos bailes tradicionais era o Baile da Pelúcia, realizado sempre no inverno, sendo que as mulheres deveriam ir com vestidos de pelúcia longos e enfeitados. Ao final, havia premiação para os três melhores. Tinha o baile da Chita, uma referência ao tecido, bem barato na época, usado para confeccionar as roupas do baile. Porém, o mais tradicional e luxuoso baile da cidade era o do final de ano, o Réveillon. Usavam-se os melhores vestidos, e os sapatos eram de salto alto; já os homens, vestiam-se de terno branco e gravata, pois era obrigatório o traje social. Antes da meia noite, todos dançavam a valsa da despedida.

O carnaval era o mais famoso da serra. Vinham grupos de outras cidades para prestigiar as três noites de bailes no Serrano. Quem era da religião católica, parava de pular o carnaval quando batia a meia-noite de terça para quarta-feira de cinzas em sinal de respeito ao início da Quaresma.

No início da década de 60, foram surgindo mais bailes, como o Baile da Garota Turismo, Baile do Suéter, Baile de São João e, ao final de 1961, foi criado o evento chamado Festival da Serra, com programação diversificada que agradava a todos, principalmente os jornalistas que escreveram várias matérias sobre o assunto por um período longo.

A partir do Esporte Clube Serrano, em uma roda de amigos, durante um encontro ocorrido em meados de 1954, surge a ideia de organizar o Centro de Tradições Gaúcha de Canela. Deram-lhe o nome de CTG Querência, pois assim o gaúcho chama a sua terra natal.

O CTG Querência teve sua primeira internada artística em 1958. A construção da sede social iniciou em 1962 e o patrão do grupo era Afonso Huff. Enquanto a sede não estava pronta, os bailes eram realizados no Esporte Clube Serrano. Para as atividades campeiras, o

CTG Querência somente foi ter terreno próprio em 1979, com 5 hectares de terras, na localidade do Saiqui.

Como a tudo se deve um início, com o hospital de Canela não foi diferente. Conforme Elody Alves da Silveira (2003), muitos foram seus esforços na área da saúde até que se pudesse ter um local adequado par tal finalidade.

No final da década de 1920, Elody Silveira e Anita Franzem Corrêa realizam uma festa e, com o dinheiro arrecadado, compram os primeiros materiais para a construção do hospital e o terreno foi recebido de doação de Danton Corrêa da Silva.

O local onde as pessoas inicialmente eram atendidas, em 1929, era em um pavilhão de madeira e tinha como responsável o Dr. Rufino Bezerra. Os atendimentos nesse local foram realizados até o ano de 1951, quando, então, o prédio novo é inaugurado, ficando a administração do hospital a cargo das irmãs americanas da Congregação das Bernardinas de Camaquã.

Em 1958, em Canela, é realizada a formatura de um grande grupo de enfermeiras que passam a atuar na cidade e na região, qualificando, dessa forma, os serviços de saúde na região.

E assim iniciou a construção do município de Canela e as suas peculiaridades. Começou pelo entusiasmo de uma minoria de pessoas sem contar com vínculo governamental. Alguns vieram com a intenção apenas de explorar as terras e enriquecer, e outros, na busca de oportunidades.

Apesar de chegarem a Canela e encontrarem situações adversas, como a falta de condições de moradia, saúde, saneamento, por serem inexistentes, afora o isolamento e a falta de recursos em relação a outras localidades, não foram fatores determinantes para que famílias deixassem de acreditar no local como um lugar para bem viver. Aos poucos, Canela foi se transformando e crescendo, passando a se organizar socialmente através de clubes, escolas e igrejas organizados pelas famílias.

O foco deste capítulo foi narrar alguns aspectos da história de Canela correspondente a três décadas, desde a sua denominação inicial de Campestre Canella, local que tinha uma árvore caneleira que servia de abrigo a tropeiros e mercadores, até chegar à condição de município. Foram a riqueza da região, o trabalho e o desejo que garantiram a permanência do seu povo no local.

Percorrer três décadas da história de Canela, narrando alguns de seus aspectos, permite compreender as condições, as necessidades, os tensionamentos e as negociações que, no tempo, foram sendo produzidos por homens e mulheres que construíram Canela. Do Fachinal,

como extensão de terras, ao Campestre Canella, como abrigo de tropeiros e mercadores, emerge a cidade Canela. A ocupação das terras, a exploração da madeira, os turistas e o crescente processo de municipalização e urbanização são parte de sua história. É esse contexto que permitirá conhecer as condições de escolarização em Canela.

3 O PROCESSO HISTÓRICO ESCOLAR EM CANELA

O segundo capítulo tem como objetivo descrever o processo escolar em Canela, a partir das primeiras iniciativas de escolarização, com o professor Carlos Wortmann, até a década de 1960, quando a educação escolar já se encontrava estabelecida.

Neste capítulo também serão nomeados os primeiros prédios escolares usados nas iniciativas de escolarização e a forma como ocorreu o processo de construção de espaços próprios para a finalidade de ensino. O capítulo também é contemplado com a história de vida de alguns professores que atuaram nas escolas de Canela, assim como de alunos que estudaram nas escolas primárias entre 1930-1960 e que, posteriormente, trabalharam como professores. Tendo em conta a dinâmica da organização escolar em Canela, serão revisitadas fotografias e narrativas de memórias docentes e discentes, pois são fontes privilegiadas que permitem reconstruir alguns prováveis indícios e aspectos significativos da educação em Canela.

3.1 ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES NO INÍCIO DO SÉCULO XX EM CANELA

O início do desenvolvimento econômico de Canela, nas primeiras décadas do século XX foi atrelado à exploração da madeira, como já mencionado no capítulo anterior. Em virtude disso, famílias passaram a migrar de outras localidades para Canela em busca de oportunidades de trabalho e acabaram formando, em torno das madeireiras, pequenos lugarejos, e o local mais propício para iniciar uma aula de ler, escrever e contar era esse pequeno lugar, desde que houvesse também alguém disposto para iniciar as atividades.

Nas três primeiras décadas do século XX, o Estado do Rio Grande do Sul teve acentuado desenvolvimento na econômica. Segundo Tambara (1998), o governo gaúcho tinha o discurso de “ensine quem quiser, onde quiser e como puder”, pois acreditava que essa poderia ser a fórmula para resolver o problema dos altos índices de analfabetismo no Rio Grande do Sul.

Nesse mesmo período, o Estado do Rio Grande do Sul alcançou o terceiro lugar na economia nacional, embora apresentando o índice de analfabetos de 67,3%. Mesmo considerando esse índice alto, ainda era uma das melhores médias do Brasil. Além disso, a

indústria era primitiva e exigia trabalho pesado e os salários pagos aos trabalhadores eram baixos e os locais de trabalho eram insalubres e disseminadores de doenças.

A partir desse discurso, qualquer indivíduo, desde que soubesse ler, escrever e calcular, poderia ensinar o que quisesse e em qualquer lugar. Foi dessa forma que os lugarejos criados em torno das madeireiras, em Canela passaram a ser os locais preferenciais para o surgimento das primeiras aulas como mostra o quadro 6, o número parcial de escolas em Canela da década de 1910 a 1960.

Quadro 7 – Número parcial de escolas em Canela da década de 1910 a 1960

Escolas de Canela – década de 1910			
Ano	Escola	Localidade	Mantenedor
1908	46ª Aula do Saiqui, que em 1913 passa a ser Escola Estadual Isolada em novo prédio.	Saiqui/Canelinha	Estado
1916	Escola Isolada do Caracol	Caracol	Estado
Escolas de Canela – década de 1920			
1929	Aulas Públicas de Canella, em 1930, que passa a Grupo Escolar João Corrêa em novo prédio.	Centro	Estado
1934*	Colégio Pátria	Centro	Estado
1938*	Colégio Cristo Redentor	Centro	Igreja Luterana
*	Escola Frederico Mentz	Centro	Igreja Luterana
Escolas de Canela – década de 1940			
1940	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (privada)	Centro	Igreja Católica
1947	Santos Dumond	Chapadão	Município
1948	Carlos Gomes	Monjolo	Município
1948	Santa Terezinha	Bairro Santa Terezinha	Município
1949	Barão do Rio Branco	Saiqui	Município
Escolas de Canela – década de 1950			
1950	Saldanha Gama	Amoreiras	Município
1951	Luiza Corrêa	Centro	Município
1951	Marechal Deodoro	Banhado Grande	Município
1951	Olavo Bilac	Morro Calçado	Município
1951	Visconde de Mauá	Rua 7 de Setembro	Município
1951	Catulo da Paixão Cearense	IBDF	Município

1951	Duque de Caxias	Chapadão	Município
1951	Ernesto Dorneles	Caçador	Município
1951	Felipe Camarão	Linha São Paulo	Município
1951	General Osório	Saiqui	Município
1951	Henrique Dias	Tubiana	Município
1951	José Bonifácio	Limeira	Município
1952	José Alencar	Bugres	Município
1953	D. Pedro II	Canastra	Município
1954	Sete de Setembro	Limeira	Município
1956	Santa Terezinha	Bairro Santa Terezinha	Município
1957	Júlio Feijó	Tiririca	Município
1957	Luiz Antônio Dalbem	Morro Calçado	Município
1957	Oswaldo Cruz	Morro Calçado	Município
1957	Liberato Vieira Cunha	Caçador	Município
1957	Gonçalves Ledo	Gato Preto	Município
1957	Marista Maria Imaculada	Centro	Igreja Católica
1958	Escola Cenecista	Centro	Privado
1959	Leonel Brizola	Campo da Aviação	Estado
1959	Leonel Brizola	Fundo do Campo	Estado
Escolas de Canela – década de 1960			
1960	Emílio Lúcio Esteves	Canasta Alta	Município
1960	Piratininga	Morro Calçado	Município
1961	Ildo Meneghetti	Pulador	Município
1961	Carlos Wortmann	Fundo do Campo	Estado
1961	Neusa Brizola	São José	Estado
1961	Escola 15 de Novembro	Estenho Alto	Município
1961	Senador Alberto Pasqualini	Chácara da Prefeitura	Município
1962	E. Estadual Zeferino José Lopes	Morro Calçado	Estado
1962	Danton Corrêa da Silva	Centro	Estado

1963	Gonçalves Dias	Linha Caçador	Município
1963	João Alfredo Corrêa Pinto	Rua José Joaquim Raymundo	Município
1964	Campo Sales	Morro Alegre	Município
1966	Getúlio Vargas	Amoreiras	Município
1966	São Rafael	Vila São Rafael	Município

Fonte: Decreto nº 133/80 e também através da pesquisa em demais documentos escolares obtidos durante a pesquisa.

* As datas correspondentes de 1934 e 1938 não são do ano de início de funcionamento das escolas, sendo que as datas oficiais não foram encontradas durante a pesquisa.

A primeira escola de Canela, a 46ª Aula do Saiqui, como era denominada, funcionava em uma pequena casa de madeira e ficava localizada nas imediações do Saiqui, em terras pertencentes ao professor Carlos Wortmann, terras essas que herdara de seu sogro o Capitão Felisberto Soares. Segundo os cadernos de registro, as aulas tiveram início em 18 de junho de 1908 e teve como professor primário o então dono das terras. No primeiro ano de funcionamento, a escola contou com 24 alunos matriculados; no ano seguinte, teve o mesmo número de alunos matriculados; em 1910, eram 29 alunos; em 1911, 25 alunos e em 1912, a escola passou a contar com 29 alunos.

A escola apresentava características de escola isolada, tendo um único professor para ensinar a todos os alunos, mesmo que estivessem em diferentes níveis de aprendizagem. As turmas eram mistas, conforme consta no caderno de chamada do professor Carlos Wortmann, entre os anos de 1908 a 1912.

Durante cinco anos, as aulas do Saiqui funcionaram no mesmo local e atendiam às crianças moradoras das proximidades da escola e também de localidades mais distantes. No ano de 1913, o professor Carlos Wortmann construiu sua moradia na localidade do Canelinha, cerca de três quilômetros de distância de Saiqui, e destinou parte de sua casa para o funcionamento da Escola Isolada do Canelinha, que iniciou com 36 alunos no primeiro ano de seu funcionamento.

Na imagem (figura 20), podem-se observar os alunos da Escola Isolada do Canelinha juntamente com o professor Carlos Wortmann e sua filha Alice, no ano de 1929, e ao fundo a sua casa, cedida em parte para que as aulas pudessem ser ministradas.

Figura 20 – Alunos da Escola Isolada do Canelinha, professor Carlos Wortmann e sua filha Alice



Fonte: arquivo particular de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: na imagem da direita para a esquerda, indicados por flechas, o Professor Carlos Wortmann e, ao lado, sua filha Alice Wortmann com o seus alunos da Escola Isolada do Canelinha em 1929.

O registro fotográfico do momento escolar era uma ocasião muito importante para professores e alunos. Daí a preparação para a ocasião, vestindo suas melhores roupas, ainda que alguns não possuíssem sapatos, mas o traje era o melhor que possuíam. Alguns dos pais desses alunos eram pessoas humildes que migraram para Canela em busca de oportunidade de trabalho e acabaram formando comunidades pluriculturais e multiétnicas. Como consequência, para que houvesse condições para o ensino de seus filhos, era comum dividir a casa e ceder alguns espaços da casa para a iniciação escolar.

Inicialmente, as aulas na Escola Isolada do Canelinha eram ministradas por um único professor e, nesse caso, era o professor Carlos Wortmann. Posteriormente, passou a dividir a função com suas filhas Alice e Miná que o ajudaram no ensino de leitura, escrita e cálculo.

Sobre as escolas isoladas, Silva, Jesus e Ferber (2012 apud HOELLER, 2009, p. 30) caracterizam-nas da seguinte forma:

Nas escolas isoladas, grosso modo, um só professor lecionava no mesmo horário escolar, na mesma sala e a todos os alunos ao mesmo tempo, embora ocorressem níveis diferenciados de adiantamento e diferenciação dos anos de escolarização entre os alunos. Os conteúdos também eram distintos, considerando a série que as crianças frequentavam.

Na imagem (figura 21), vê-se a casa do professor Carlos Wortmann que abrigou a Escola Isolada do Canelinha de 1913 a 1951. O ensino nessa escola era destinado a crianças moradoras próximas à escola.

Figura 21 – Casa do professor Carlos Wortmann



Fonte: Roger Stoltz (1992).

Nota: a imagem é da casa do professor Carlos Wortmann que também abrigou a Escola Isolada do Canelinha de 1913 a 1951.

Segundo Koppe (2003), assim como no Canelinha, houve a necessidade de aulas de ler, escrever e contar na localidade do Caracol, e essa demanda era proveniente dos filhos dos trabalhadores das madeireiras e também dos filhos de Pedro Franzen, dono das terras no Caracol. Para concretizar essa necessidade, Franzen cedeu um local para a construção de uma escola. A Escola Isolada do Caracol passou a funcionar em 1916 e teve como professores primários Bruno Boelter e Amélia Boelter. Anos após, Cora Franzen, filha de Pedro Franzen, assumiu as aulas e passou a ensinar a aproximadamente 60 crianças do ensino primário. Em 1943, a escola passou a denominar-se Escola Rural Isolada do Caracol.

A região central de Canela também passou a contar com uma escola denominada de Aulas Públicas de Canella, com registros encontrados a partir do ano de 1928. O professor Eduardo Gans cedeu parte de sua casa para o funcionamento da escola, que também abrigava um posto telefônico. Essa escola atendia à demanda de alunos que moravam nas imediações da casa escola, filhos de trabalhadores do comércio local.

Conforme Rubens Hoffmann (2013), o ensino era primário, e alunos de todas as idades estudavam na mesma sala, mas com ensino individualizado, ou seja, cumpriam atividades propostas pelo professor, as quais eram diferenciadas de acordo com o nível de adiantamento de cada um dos alunos. A questão do elevado número de alunos com diferentes idades marcou Hoffmann, que narrou: “Eles me botaram muito cedo, com seis anos me botaram na aula, junto com os outros de dez, onze anos” (HOFFMANN, 2013). A memória de Hoffmann pode nos fazer pensar sobre as dificuldades e conflitos que ocorriam entre os alunos e, principalmente, em relação aos menores, que sofriam com a situação.

Na imagem (figura 22), do ano de 1929, aparecem os alunos das Aulas Públicas de Canella acompanhados do professor Eduardo Gans e das duas professoras, Odila Cachoeira e Sueli Cardoso.

Figura 22 – Alunos das Aulas Públicas de Canella, em 1929



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: alunos das Aulas Públicas de Canella, em 1929, e os professores, indicados com flechas, da esquerda para a direita: Sueli Cardoso, Eduardo Gans e Odila Cachoeira.

A figura apresenta grande quantidade de crianças e jovens que participavam da aula, mas, conforme relato de Hoffmann (2013), a frequência era um problema, já que muitos faltavam às aulas. Percebe-se, observando a imagem, a dimensão pluriétnica das turmas, a diversificação de idades e o preparo do momento para o registro fotográfico. Cabelos e roupas ajeitados, meninos engratados e posições organizadas, tudo para elevar a importância da fotografia naquele momento de suas vidas.

Nas Aulas Públicas de Canella, nas quais o professor Eduardo Gans lecionava, apesar de muitos alunos faltarem às aulas, a demanda de vagas para alunos aumentava consideravelmente, ele então, convida as sobrinhas, Sueli Cardoso e Odila Cachoeira, para que fossem trabalhar com ele como professoras.

Conforme Silveira (2003), frente ao quadro crescente de alunos novos, os professores das escolas isoladas, Carlos Wortmann, Eduardo Gans e Maria Frida Haack, viram a possibilidade de união das três escolas e de sua transformação em um grupo escolar. Duas escolas passaram a constituir o Grupo Escolar João Corrêa, menos a Escola Isolada do Canelinha, e uma das possibilidades de sua não integração ao Grupo Escolar talvez tenha sido a longa distância que os alunos deveriam percorrer até chegar à escola.

De acordo com Bencostta (2011), os grupos escolares já estavam sendo instalados no Brasil desde 1891 no Estado de São Paulo, que previa uma nova organização administrativo-pedagógica, com mudanças didáticas no currículo e na arquitetura dos prédios escolares. Sobre os grupos escolares, tais mudanças acabaram se resumindo na união de algumas escolas isoladas de uma determinada região em um único prédio, o que, de fato, para o governo, acabava sendo viável financeiramente.

Segundo o mesmo autor, o governo não via os grupos escolares como um agrupamento de várias escolas isoladas.

Contrários à ideia de que os grupos escolares não deveriam ser um ocasional agrupamento de escolas em um mesmo edifício, as autoridades de ensino, que defendiam a proposta deste modelo, afirmavam que se esta escola deveria possuir uma sequência metódica e sistemática do ensino, seria necessário, portanto, submetê-los a uma regulamentação científica. Desse modo enfatizava-se que os alunos, na medida do seu aproveitamento, passassem por diversas classes e graus e assim cada vez mais se aperfeiçoaria sua educação intelectual, física e moral, a fim de torná-los capacitados a serem cidadãos úteis à República. (BENCOSTTA, 2011, p. 71).

Com o advento dos grupos escolares e o aumento do número de alunos, os espaços de escolarização passaram a contar com a figura do diretor que, segundo Faria Filho, Gonçalves e Vidal (2004), passou a exercer a função administrativa, com o objetivo de ordenar os

professores e alunos a partir de normas pré-estabelecidas, e também a assumir a responsabilidade pedagógica na transmissão de novos conhecimentos e conteúdos discutidos nas escolas normais como sendo inovadores. Esse cargo, na maioria das vezes, passou a ser ocupado pela figura masculina e isso se deve também à saída das mulheres de seus lares para assumirem a função de professoras primárias nas instituições de ensino.

Essa afirmativa pode ser observada no Grupo Escolar João Corrêa, em Canela. Tendo em vista o grande número de alunos, o professor Eduardo Gans passou à condição de diretor, e as professoras ficaram com a responsabilidade do ensino primário. Na escola isolada do Canelinha, o professor Carlos Wortmann não assumiu como diretor, mas passou à condição de inspetor escolar, tendo que percorrer algumas cidades nos arredores de Canela, inspecionando as aulas e deixando a cargo de suas filhas Miná e Alice Wortmann a função de escolarizar os alunos da localidade do Canelinha.

Na imagem (figura 23), podem-se observar os professores do Grupo Escolar João Corrêa no ano de 1940. No momento da fotografia, os professores e também a diretora Zulma Villanova se apresentam uniformizados, mas não era uma prática habitual, conforme narrou Rubens Hoffmann (2013) sobre os hábitos do período em que frequentou o grupo escolar.

Figura 23 – Professores do Grupo Escolar João Corrêa no ano de 1940



Fonte: arquivo da Escola Estadual João Corrêa, pesquisado em janeiro de 2013.

Nota: na imagem, da esquerda para a direita: 1- Eduardo Gans; 2- Ilka Reis; 3- Suely Cardoso; 4- Zulma Villanova; 5- Maria Maisonave; 6- Maria Frida Hack.

As escolas isoladas, multisseriadas e unidocentes, instaladas no interior e até mesmo nas localidades mais centrais, foram responsáveis pelo início da escolarização dos moradores de Canela, porém, aos poucos, tais escolas passaram a ser substituídas pelos Grupos Escolares.

Com a chegada e permanência da fé católica, a localidade passou também a ter interesse na implantação de aulas voltadas para a comunidade, segundo Dallabrida (2011), a igreja Católica, então, se organizou para formar e consolidar uma rede de escolas para a reestruturação de instituições de ensino com base na fé.

Dallabrida (2011) destaca que, para fazer frente à laicidade do sistema público de ensino, o episcopado brasileiro investiu suas melhores energias institucionais no estabelecimento de uma rede de escolas católicas no território nacional.

O fator decisivo do êxito da Igreja Católica no campo educacional foi a atuação das ordens e congregações católicas, masculinas e femininas, de origem europeia como os lazaristas, jesuítas, salesianos, maristas, franciscanos, lassalistas, Irmãs de São José de Chamberry, Apóstolos do Sagrado Coração de Jesus, Irmãs da Divina Providência. (DALLABRIDA, 2011, p. 79).

Conforme o mesmo autor, a rede de escolas católicas foi se desenvolvendo por todo o território brasileiro e se estabelecendo em diversas instituições de ensino, desde as escolas paroquiais até as universidades, passando por colégios de ensino secundário a escolas normais, abrangendo, enfim, todos os níveis de escolarização.

Segundo Dallabrida (2011) as escolas paroquiais foram importantes nas colônias de imigrantes alemães e italianos no século XIX e início do século XX, especialmente no sul do Brasil, período esse que o governo não demonstrava interesse em relação à escolarização.

Dallabrida (2011) ainda destaca que o episcopado brasileiro foi instruído a fundar, junto a cada paróquia, uma escola primária, e todas elas ficaram conhecidas como escolas paroquiais. A criação dessas escolas fez parte de uma estratégia contra as escolas públicas laicas instituídas pelo regime republicano, apoiadas a uma pedagogia moderna.

Em Canela, não diferente de outras localidades, a Igreja Católica, através do vigário João Alberto Hickmann, realizou contato com a Congregação das Irmãs Bernardinas da cidade de Camaquã para que se instalassem em Canela e dessem início às atividades de escolarização, isso acontecendo no ano de 1942. Inicialmente, as aulas aconteciam em um barracão de madeira conforme a figura 24 da página 69, ao lado da igreja matriz Nossa Senhora de Lourdes.

Ao longo dos anos, a igreja de Canela foi percebendo a necessidade de a escola ter seu prédio próprio e de ampliar a oferta de ensino com a implantação do curso de admissão e o ensino secundário. Resolveu, então, dar início às obras do novo prédio que, posteriormente, abrigou a primeira escola de ensino secundário, o Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora. O ensino secundário no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, se configurou diferentemente do ensino primário, pois contou especialmente com a participação de escolas privadas, com destaque para aquelas vinculadas à Igreja Católica, muito semelhante ao que ocorreu em Canela.

Segundo Dallabrida (2011), a predominância do ensino católico se deveu ao fato de terem mão de obra especializada, com dedicação exclusiva e fervor missionário, consolidada em todo território nacional. Esses colégios, na maioria das vezes, tinha o sistema de internato e eram divididos por gêneros. Os meninos estudavam nos colégios de padres e as moças frequentavam os internatos de freiras.

A Escola Nossa Senhora Auxiliadora era de ensino misto, e somente nas manhãs de domingo, durante a missa, é que os meninos e meninas sentavam em fileiras separadas. A divisão da escola por gênero somente ocorreu quando chegaram a Canela os Irmãos Maristas, no ano de 1957, que passaram a atender somente meninos, ficando a cargo da escola Nossa Senhora Auxiliadora educação das meninas.

Na imagem (figura 24), pode ser observada a Escola Nossa Senhora Auxiliadora, ao fundo, indicado pela flecha, e, ao lado, em construção, o que viria a ser o Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora, a primeira escola do ensino secundário, em Canela, a partir da década de 1950. Nos primeiros tempos, essa escola ofereceu ensino misto, mas somente até a chegada dos irmãos Maristas, em 1957, que assumiram o ensino privado masculino de Canela.

Figura 24 – Primeiro comício em Canela



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: por ocasião da fotografia, datada de sete de novembro de 1950, ocorreu o primeiro comício em Canela, com a pró-candidatura do General Ernesto Dorneles a governador do Estado. Destaca-se, no segundo plano da imagem, da escola Nossa Senhora Auxiliadora e ao lado a construção do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora.

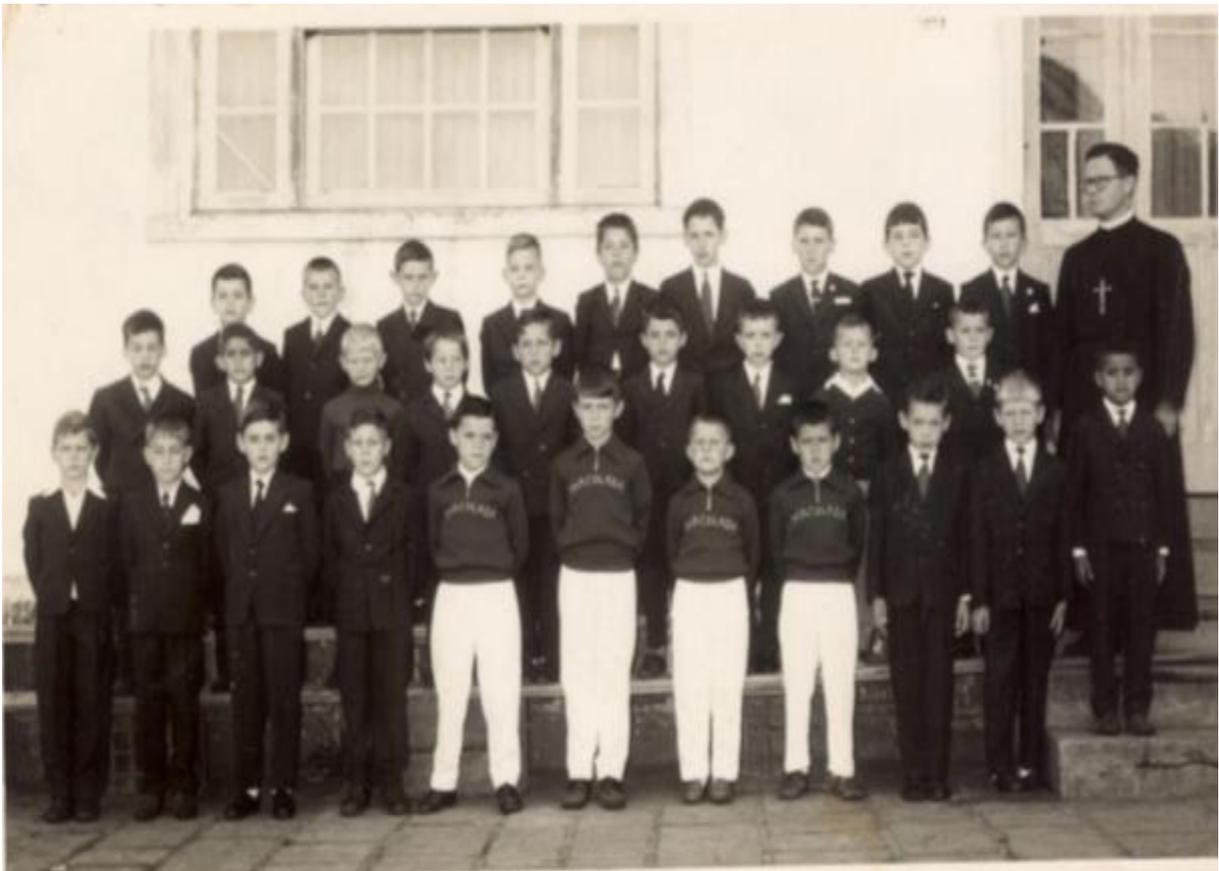
O prédio do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora passou a contrastar com as outras construções, pois se tratava de uma obra grandiosa para a época, ficando atrás apenas da igreja matriz. Além do prédio abrigar o ginásio, parte dele passou a ser o local de moradia das irmãs Bernardinas. Somente em 1953 é que a escola passou a funcionar em prédio próprio, com toda a estrutura que uma escola poderia oferecer para a época.

A construção da Escola Nossa Senhora Auxiliadora, talvez pelo fato de ter sido administrada e regida pela congregação religiosa, sempre teve a notoriedade de ser um local disciplinado e organizado. As atividades ali realizadas estavam inicialmente ligadas à fé católica, a começar pelas professoras que eram religiosas, e suas vestimentas não deixavam, em momento algum, que os alunos esquecessem de que se tratava de uma escola confessional católica. As aulas de religião eram ministradas pelo padre da paróquia, e a obrigatoriedade do comparecimento às missas matinais do domingo era outro fator marcante e característico da escola.

Segundo Dallabrida (2011), o desaparecimento das escolas paroquiais³ iniciou com a aproximação da Igreja ao Estado republicano, que só ocorreu quando o Estado passou a admitir o ensino da doutrina católica nas escolas públicas, tornando-se oficial a partir de 1931. O processo de fechamento das escolas paroquiais ocorreu de maneira tensa e conflituosa, pois boa parte do clero tinha ascendentes europeus e, portanto, havia uma grande identificação étnica dos alunos dessas escolas.

Na imagem (figura 25) aparecem os alunos da escola dos Irmãos Maristas, estes já instalados em Canela. Como houve a separação das escolas, ficou a cargo das irmãs Bernardinas a escolarização das meninas, mas essa separação se manteve até o momento em que o Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora fechou suas portas em 1975.

Figura 25 – Alunos da Escola dos Irmãos Maristas



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: alunos da Escola Maria Imaculada, juntamente com o Irmão Leonel no ano de 1960.

³ Escolas Paroquiais – As Escolas Paroquiais surgiram na Idade Média e perduram ao longo dos séculos, transformando-se em alguns aspectos, mas mantendo a relação com a Igreja Católica. De modo geral eram criadas, mantidas e supervisionadas pelo pároco da comunidade. Elas também tinham uma cultura escolar centrada na doutrina e na moral católica. Os sujeitos programados, “quer dizer, dotados de um programa homogêneo de percepção, de pensamento e de ação, constituem o produto mais específico de um sistema de ensino”. Bourdieu (1999).

No registro fotográfico da turma do Irmão Leonel, ficam evidentes a seriedade nos semblantes dos alunos, a organização e a disciplina, o que caracterizava o pertencimento deles a uma escola confessional. Uniformes impecáveis, com destaque para um grupo à frente com calças claras e blusas escuras. Talvez eles pertencessem a um grupo de ginástica ou de outro grupo, todos com cabelos bem cortados, formando um grupo sob os olhos vigilantes do Irmão.

Durante a pesquisa, foram encontrados mais registros fotográficos fazendo referência a duas escolas. A primeira delas era o Colégio Pátria, de 1934, que se tratava de aulas públicas, e a escola Cristo Redentor, de 1938, vinculada à igreja evangélica luterana. De acordo com as narrativas, essas aulas eram frequentadas por crianças da mesma religião. Nas imagens (figuras 26 e 27) o colégio Pátria, em 1934, e a Escola Cristo Redentor de 1938.

Figura 26 – Colégio Pátria – 1934



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: na imagem vê-se o Colégio Pátria, de responsabilidade da professora Maria Frida Haack.

Figura 27 – Escola Cristo Redentor – 1938



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: na imagem, da esquerda para a direita, vê-se o Colégio Cristo Redentor, de responsabilidade do professor Waldomiro Ramos, e ao lado uma sapataria.

De maneira tímida, mas presente, as escolas luteranas evangélicas tiveram algumas iniciativas de implantação do ensino primário em Canela, na década de 1930, como a Escola Cristo Redentor e a Frederico Mentz, ambas de ensino privado. Além das aulas, os alunos participavam dos cultos, dos festejos e das celebrações. Segundo Sheila Bertolucci (2013), a figura do pastor estava presente no momento da aula de religião, todo ele voltado para o estudo do evangelho.

As aulas dessas duas escolas aconteciam nas próprias igrejas, os mesmos bancos que serviam para os cultos eram utilizados pelos alunos durante a semana para a aprendizagem. Assim como nas demais escolas primárias, o ensino era primário com ênfase na aprendizagem da leitura, escrita e nas atividades de contar.

Segundo Sheila Bertolucci (2013), não havia uma estrutura de escola, era tudo improvisado. Entretanto, a Escola Nossa Senhora Auxiliadora, apesar de estar em um local improvisado, já se destacava por contar com salas já divididas para facilitar o ensino e também por ter professoras com formação. As escolas evangélicas luteranas se apresentavam mais próximas às escolas isoladas, com professoras da própria comunidade. Essas escolas não estavam vinculadas a outras entidades que pudessem dar a elas um apoio maior para se desenvolverem de fato.

Na imagem (figura 28), veem-se os alunos do Jardim de Infância da Escola Cristo Redentor de 1951. Essa fotografia é a única imagem obtida do interior de uma sala de aula de Canela apresentada neste trabalho. Além das crianças aparentarem estar mais agasalhadas do que nas imagens anteriores, pode-se observar que os bancos ou cadeiras das salas de aula das crianças eram próprias para a idade delas.

Figura 28 – Alunos do Jardim de Infância da Escola Cristo Redentor – 1951



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: alunado da Escola Cristo Redentor no ano de 1951. Da esquerda para a direita, a professora Nelga Seodler. De pé com uma criança no colo a esposa do pastor, Anilda Krainovich.

Timidamente, ao longo dos anos, foram as pequenas casas construídas em madeira, as que aparecem nas imagens e também muitas outras, que configuraram o cenário da educação em Canela nas primeiras décadas do século XX, cada qual com suas características próprias, e que proporcionaram às crianças a oportunidade de aprendizagem de leitura, escrita e cálculos.

Pelo Decreto Municipal nº 133/80, que revoga o Decreto nº 08/77, o vice-prefeito em exercício, em 1980, Benito Bertolucci, decreta a criação e a denominação de Escolas Municipais de Canela, com a sua localização e data de início de funcionamento das atividades docentes. Foram municipalizadas 29 escolas, sendo a mais antiga, Santos Dumond, de 1947, até a Escola Piratininga, de 1960.

A partir desse documento, pode-se observar o aumento significativo em relação ao número de escolas que surgiram após Canela ser emancipada em 28 de dezembro de 1944.

Praticamente, anterior a essa data, Canela contava apenas com quatro escolas isoladas, um grupo escolar e três escolas confessionais, sendo duas evangélicas.

A primeira iniciativa de escolarização de Canela, em 1908, por iniciativa do professor Carlos Wortmann, instigou em outras localidades a possibilidade de poderem ter suas aulas, como ocorreu no Caracol. E timidamente, até meados da década de 1940, algumas poucas escolas deram conta da demanda escolar, mas em virtude da municipalização de Canela, com o aumento da sua urbanização, houve a necessidade de, cada vez mais, se ter mais escolas. E é através das narrativas dos entrevistados e da pesquisa documental que se consegue entender como se constituíram as escolas e professores no período do recorte histórico pesquisado.

Inicialmente, Canela se caracterizou por iniciar a escolarização com aulas cujos objetivos eram ler, escrever e contar. Posteriormente, essas aulas foram definidas como escolas isoladas. A Escola Isolada do Canelinha é um exemplo de escola isolada existente em Canela nas primeiras décadas do século XX. As aulas aconteciam em uma grande sala onde os alunos, meninos e meninas, de diferentes idades, recebiam atendimento individualizado, com atividades adequadas ao desenvolvimento de cada um.

Com a implementação e a constituição do ensino primário no Brasil, o ensino secundário e a profissionalização docente ficam por conta dos educandários privados, principalmente os confessionais. E como não recebiam recursos do governo, passaram a se manter sozinhas através do pagamento das mensalidades recebidas dos pais dos alunos da elite da sociedade, estes que buscavam um ensino de qualidade com professores de formação europeia. Segundo Dallabrida (2011), a privatização do ensino secundário brasileiro, até a metade do século XX, deu a ele um caráter elitista.

A localidade de Canela, além de apresentar desenvolvimento nas regiões centrais, o interior, ou colônia, como costumavam chamar, também passou a ter um aumento considerável de sua população e, sendo assim, houve a necessidade de instalar escolas no interior para atender ao alunado dessas localidades. Por se tratar de uma região muito extensa, o número de aulas de ler, escrever e contar eram encontradas em maior número que na região central, e esse fato facilitava a ida dos alunos para a escola sem terem que percorrer longas distâncias.

As comunidades do interior dificilmente recebiam professores enviados pelo governo para o ensino nas escolas. O mais comum, na época, era chamar uma pessoa da comunidade, que já tivesse completado o ensino primário, para ser a professora dessas escolas que funcionavam em casas adaptadas para a função.

O que se pôde observar durante a pesquisa foi que, ao longo das três primeiras décadas do século XX, o município de Taquara, a quem Canela pertencia, não fez movimento algum em relação à escolarização, ficando a critério das comunidades a instalação das aulas.

Esse cenário educacional somente passou a se configurar de outra forma após a municipalização de Canela, em meados da década de 1940, de acordo com o Decreto de Lei nº 717/44, passando de um total de sete escolas para um total de 43 até o ano de 1966. Na sua maioria, as escolas estavam localizadas nas colônias e no interior do município, e contavam com aquelas professoras que recebiam formação durante o ano letivo, oferecida pelo município.

3.2 A PROFISSÃO PROFESSOR EM CANELA

Como já mencionado, a escolarização em Canela partiu, primeiramente, da iniciativa do Professor Carlos Wortmann, que trabalhou para organizar o ensino primário na localidade do Saiqui, em 1908, e posteriormente pelo professor Eduardo Gans. Deve-se salientar a grande dificuldade de encontrar professores com formação para o ensino, por isso, eles passaram a ser escolhidos com base nos seus conhecimentos básicos já adquiridos, na disponibilidade para a função como também pela sua proximidade do local das aulas.

Segundo Villela (2000), de 1835 até o final do século XIX, o magistério passou por uma transformação, ou seja, de uma profissão totalmente masculina para uma quase que exclusiva profissão feminina. Já no século XX, cada vez mais as mulheres passaram a assumir o magistério dada a evasão dos homens, justificada pelos baixos salários pagos aos professores e pelo desprestígio da profissão, os quais passaram a assumir cargos de direção e inspeção escolar.

Ao analisar a afirmativa de Villela (2000), vê-se que o ensino em Canela foi marcado, no seu início, pela figura masculina, mas não se tornou um fator exclusivo, pois as mulheres passaram a fazer parte desse cenário, dividindo as salas de aula com os professores homens que, gradativamente, passaram a ser minoria nas atividades de ensino.

Esta parte do capítulo destina-se a narrar histórias de alguns moradores deste local chamado Canela, de alunos que frequentaram a escola primária e que, depois, tornaram-se professores das escolas pertencentes a essa localidade.

3.2.1 Professor Carlos Wortmann

Segundo Stoltz (1992), a história do pioneiro da educação de Canela inicia na cidade de São Leopoldo, em 22 de novembro 1873, quando nasce Carlos Teodoro Augusto Wortmann, filho de Júlio Wortmann e Amália Wortmann, ambos naturais da Alemanha. Pouco se sabe sobre a infância de Carlos Wortmann e que influências teve em sua vida que o levaram a escolher o magistério como profissão. Formou-se na Escola Normal de Porto Alegre, em 1892, aos 19 anos, iniciando sua carreira de professor no ano seguinte, na Linha de Padre Eterno, em São Leopoldo, lecionando também nas cidades de Campo Bom e Novo Hamburgo.

No ano de 1896, o professor Carlos Wortmann pediu sua transferência e passou a residir no Fachinal para ficar mais próximo de sua esposa e filhos, passando a lecionar em algumas escolas em São Francisco de Paula e, em 1908, passa a 46ª aula do Saiqui, esta criada e organizada em suas terras.

Segundo Stoltz (1992), em 1912, começou a construir uma casa na localidade do Canelinha, designando parte dela para aulas. No ano de 1913, pelo Decreto nº 1442 ela se torna Escola Isolada do Canelinha.

As filhas de Carlos Wortmann, Miná e Alice, que viveram sempre na companhia do pai, com ele aprenderam e desenvolveram o gosto pela profissão de professor e se tornaram também professoras. Com o tempo, passaram a assumir a escola do pai que, então, pôde se dedicar a outras funções como: diretor da escola, inspetor escolar, escrivão e também administrador de suas fazendas.

Segundo a entrevistada Aura Jung Jardim (2013), o professor Carlos Wortmann dava aula para todas as séries, e sua filha Miná dedicava-se ao ensino da leitura e da escrita. As aulas de que ele mais gostava de lecionar eram as aulas de geografia. Para dar essas aulas, ele usava um mapa e indicava no mapa com uma varinha, esta que servia também para fazer os alunos obedecerem. Em alguns momentos, a monotonia das aulas era quebrada pelo som do violino entoado pelo professor. Os alunos, porém, não recebiam instrução para aprender a tocar o instrumento, apenas contemplavam as melodias.

No decorrer desta pesquisa, em visita à casa de Carlos Wortmann, localizei o violino do Professor, cadernos de registro escolar, a partir de 1908, enciclopédias em língua alemã, mapas geográficos, mobílias escolares e as suas correspondências, que trocava com parentes na Alemanha, foram localizadas e encontravam-se em perfeito estado de conservação, todos eles preservados e cultuados pela neta do professor, Zilda Wortmann.

Na imagem (figura 29), vê-se o violino utilizado pelo professor Carlos Wortmann durante algumas aulas em que os alunos podiam apreciar a habilidade do professor com o instrumento.

Figura 29 – Violino usado pelo professor Carlos Wortmann



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Nota: imagem do violino usado pelo professor Carlos Wortmann na Escola Isolada do Canelinha.

De acordo com Zilda Wortmann (2003), Carlos Wortmann foi um professor muito exigente e comprometido com a aprendizagem dos alunos, pois, ao final das aulas, gostava de retomar as tarefas do dia além da exigência de caligrafia e da leitura diária. Por ser simpatizante das ideias do Governador Getúlio Vargas, as atividades cívicas na escola enaltecendo o Brasil e seus representantes políticos eram realizadas constantemente, assim como o canto do Hino Nacional Brasileiro. A bandeira nacional brasileira era presença constante exposta na escola como também a participação dos alunos nos desfiles cívicos na semana da pátria, na qual os alunos declamavam em praça pública textos e poemas reverenciando o Brasil.

Conforme Aura Jung Jardim (2013), o Professor Wortmann, no exercício de suas atividades como fazendeiro, sofreu um acidente ao banhar o gado com produtos para combater doenças, parte do líquido respingou em seus olhos, que o deixaram cego. Passou os últimos anos de sua vida limitado a apenas ouvir as aulas ministradas por suas filhas na escola do Canelinha até o ano de sua morte em 1950.

3.2.2 Professor Eduardo Gans

Conforme Silveira (2003), Eduardo Gans nasceu na Rússia, filho de Emil Albert Godofrido Gans e Frida Gans, ambos de nacionalidade alemã. A família Gans veio para o Brasil no final do século XIX, quando Eduardo tinha 12 anos de idade, fugindo do regime autoritário da época. O local da chegada ao Brasil foi no Estado de Santa Catarina, mais precisamente em Teresópolis, atualmente cidade de Palhoça.

Segundo Silveira (2003), Eduardo na sua adolescência, juntamente com a família, passou a residir em Porto Alegre e foi estudar no colégio Júlio de Castilhos, que após concluir os estudos, passou a trabalhar como professor em Lajeado Grande, distrito de São Francisco de Paula, posteriormente em Jaquirana e Bom Jesus, último lugar a residir antes de se mudar definitivamente para Canela ao receber o convite de João Corrêa para exercer a função de professor.

Não se tem a data precisa do início das atividades das Aulas Públicas de Canella, estas que ficaram sob a responsabilidade do Professor Eduardo Gans, mas sabe-se que elas se realizaram em sua casa até o ano de 1929 e, no ano seguinte, as aulas passaram a ter prédio próprio, denominado de Grupo Escolar João Corrêa, sendo frequentado pela maioria das crianças que estudava com o professor Eduardo Gans, que assumiu a função de diretor do Grupo Escolar.

Segundo Henrique Adolfo Spindler (2013), na escola em que o Professor Eduardo Gans lecionava e, mesmo depois, quando assumiu a direção, os alunos eram muito bem recebidos pelos professores. Uma de suas melhores lembranças do professor Gans é referente a sua dedicação e comprometimento com a educação. O fato que muito o impressionou aconteceu quando, ao terminar o ensino primário em Canela, e não tendo uma escola que oferecesse o ensino secundário e desejando muito continuar os seus estudos, o professor se ofereceu para ministrar aulas particulares, de forma gratuita.

Conforme Rubens Hoffmann (2013), que também foi aluno do professor Eduardo Gans, ele se dedicava à pregação de mora, para quem não se comportava bem. Ele não deixava por menos, os alunos eram corrigidos no ato, em frente de todos, para servir de exemplo e para que tal comportamento não viesse a se repetir.

O ensino nas Aulas Públicas de Canella e mesmo depois no Grupo Escolar João Corrêa mantinha uma didática muito comum nas escolas primárias do período estudado, pois a exigência básica era que os alunos decorassem as lições.

Para Rubens Hoffmann (2013), o Professor Eduardo Gans foi além das salas de aula, foi um exemplo a se seguir, como narrou:

O que vou levar para sempre de lembranças da minha época do colégio, a começar pelo professor Eduardo Gans, não que ele fosse erudito, mas o modo de ensinar, sempre elogiava os professores dele, além de ensinar, ele se dedicava a fazer uma pregação de moral cívica, que era uma matéria que tínhamos naquela época, hoje não vejo falar mais. Eu achava que era uma das coisas mais importantes pra vida do cidadão. (HOFFMANN, entrevista realizada em janeiro de 2013).

Além da moral cívica, em alguns momentos o professor era muito rigoroso, como lembra Rubens Hoffmann (2013). Quando ele passava pela sala de aula, ele se dirigia a cada um dos alunos e, chegando bem perto deles, esfregava os dedos na cabeça de cada um dizendo: “*vocês precisam meter isso na sua cabeça*”, uma referência ao conteúdo que estava sendo ensinado naquele momento. “*Nós ríamos, mas era bem discreto. A sorte é que não éramos chamados pro quadro, se fosse também era um fracasso (risos)*”. (HOFFMANN, 2013).

Considerando as memórias do aluno Rubens Hoffmann, pode-se inferir que o professor levava muito a sério o ensino, visando a formar nos cidadãos comportamentos de boa conduta. Entretanto, frente à ingenuidade dos alunos, acreditava que eles não estavam aprendendo, daí o seu gesto de se dirigir a cada um em particular e de chamar atenção. A moral e cívica foi a disciplina que marcou os ensinamentos do professor Eduardo Gans, ensinamentos que os alunos carregam até os dias de hoje, muito mais valiosos, talvez, do que outra aprendizagem menos comprometida com a realidade.

Silveira (2013) destaca que, além da contribuição do Professor Gans para a educação em Canela, através de seu intermédio passaram a residir em Canela Jorge Cardoso, com a função de farmacêutico e Didi Hübbe, que era dentista, e também Manuel Stumpf, como policial. Após se aposentar como professor, Eduardo Gans passou a trabalhar na fábrica de celulose até seu falecimento.

O professor Eduardo Gans foi um homem muito culto, conhecedor de sete idiomas, mas não gostava que soubessem da sua nacionalidade, receoso por questões políticas de seu país de origem, a Rússia.

3.2.3 Professora Aura Jung Jardim

Aura Jung Jardim, professora aposentada, viúva, nasceu em Canela em 7 de fevereiro de 1929. Neta de descendentes alemães, sua família migrou para Canela primeiramente para a localidade do Caracol e após para Canelinha onde começa seus estudos na Escola Isolada do Canelinha. Ela não sabia ao certo a origem de seus avós, pois mudavam constantemente de local de moradia, sempre em busca de melhores oportunidades, assim como seus avós.

Seu pai trabalhava como carreteiro, e a mãe era dona de casa, cuidando da família composta por seis filhos. Na década de 1920, conseguiram fixar residência em Canela, pois havia grande oferta de trabalho.

As lembranças que Aura Jung Jardim tem do seu tempo de criança e de escola são as melhores possíveis, pois são as lembranças boas que ficam e, como ela mesmo disse, nunca iria esquecer a visita que o professor Carlos Wortmann fez à sua família para saber o porquê de sua irmã Ada estar faltando aula. A seguir o comentário de Aura:

Um dia, a minha mãe tira a Ada da escola e bota a trabalhar, acho que ela já tinha uns 14 anos, nós era pobre. O professor foi lá em casa fala com a mãe. Olha, a senhora não tire essas meninas do colégio, isso vão dá umas professora, vão trabalha, ganha melhor daí. Não precisa trabalhar tanto, ser escrava dos outros. Aí minha mãe disse: que vão ser professora, pobre ser professora, que nada, eu nunca vi. (AURA, entrevista em fevereiro de 2013).

A mãe de Aura acreditava que aquele momento era hora da filha mais velha começar a ajudar em casa com seu trabalho ou até mesmo trabalhar em casas de famílias em fazendas em troca de cama e comida, atividade muito comum na época e não viam na educação a oportunidade de poderem crescer e exercer uma profissão, e ademais, os pobres não podiam “sonhar” com a possibilidade de vir a ser professor, ao contrário do que anunciava o professor Carlos Wortmann.

Em outra ocasião, o professor Carlos Wortmann observa e instiga em Aura a possibilidade dela ser professora como ela mesma conta:

No 7 de setembro, a gente treinava e eu era muito metida, eu ajudava as crianças, eu era bem pequena mas eu ajudava a colocar na fila, nós tinha que marcha, marchando. Então o professor dizia. Essa Branquinha vai dá uma professora! Olha só como ela ajuda a gente. (AURA, entrevista em fevereiro de 2013).

São passagens da época em que Aura Jung Jardim era criança e frequentava a escola e que nunca vai esquecer, pois foram as palavras do seu professor que a incentivaram a

trabalhar como professora, mesmo que tivesse apenas o ensino primário. Devido às mudanças constantes de casa, Aura nunca deixou de estudar, pois, mesmo após a conclusão do ensino primário, procurava a escola mais próxima de sua casa para continuar estudando. Pelo fato de estar sempre na escola, nas ocasiões em que a professora precisava faltar, ela pedia para Aura dar a aula em seu lugar, o que ela fazia com muito gosto.

Seu primeiro trabalho como professora foi como preceptora em uma fazenda aos 14 anos de idade conforme relata:

Com catorze anos eu fui trabalhar numa casa particular, foram lá na minha casa me busca pra dá aula pros filho de um fazendeiro. E eu fiquei na casa do homem. Não posso nem me lembrar. Eu era muito magrinha e não me dava com a comida daquela gente, eles cozinhavam com graxa de ovelha. (JARDIM, entrevista em fevereiro de 2013).

Apesar de não ter tido uma experiência muito positiva com seu primeiro trabalho como professora, isso não a impediu de dois anos depois, assumir as aulas no lugar de sua irmã Ada, que havia acabado de se casar. Após alguns meses, houve a necessidade de se ter uma professora na Linha São João, interior de Canela, mas a comunidade determinava que esta professora deveria ser de origem alemã e não necessariamente deveria saber o dialeto alemão, mas precisava ser de origem alemã.

Frente a essas duas situações, em nenhum momento cogitou-se a formação da professora, ou seja, a sua qualificação profissional, porque não havia professores preparados e suficientes para atender à demanda. As razões do convite para ensinar os filhos dos fazendeiros seria, em primeiro lugar, para suprir a vaga da professora que se afastara para casar-se e, em segundo lugar, a solicitação feita pela comunidade é que o professor deveria ser de origem alemã. Ao assumir uma vez a postura de professora, Aura, mesmo sem formação inicial, assume a função de professora com muita seriedade e adota o magistério como profissão.

Segundo a professora Aura Jung Jardim (2013), o magistério lhe fez assumir uma postura como professora e essa postura continua servindo de exemplo até hoje:

Eu me considerava um exemplo, eu tinha que andar muito direita porque era professora. Eu não ia nos bailes simplesinho, não ia porque se eu for nesses baile e falam mal de mim. E daí que vergonha a professora mal falada, coisa que eu mais cuidei, com medo que falasse mal de mim. A professora era um exemplo. A gente tinha que mostra uma qualidade, uma educação muito séria para que os outros se espelhassem na gente, se a professora faz eu também vou fazer. (JARDIM, entrevista em fevereiro de 2013).

Segundo Aura Jung Jardim (2013), além da postura séria enquanto professora do ensino primário, ela buscou também a formação necessária para poder lecionar. Primeiramente, fez concurso para ingressar no magistério. Neste concurso, conforme a nota que se obtinha na prova, seria determinado o nível de atuação na escola, se na 1ª, 2ª ou na 3ª entrância, e o salário do professor. Esses concursos eram feitos após as alunas realizarem cursos de até três meses no período das férias de verão e podiam ser feitos nas cidades de Porto Alegre, Caxias do Sul ou Bento Gonçalves.

Ao longo dos anos em que trabalhou como professora, lecionou também nas escolas Castro Alves e Frederico Mentz, junto com os professores Geraldo e Geni. Também trabalhou no Grupo Escolar Luíza Corrêa, na Escola Municipal Santa Terezinha e, por fim, é convidada pelo irmão da Escola Marista Maria Imaculada para lecionar nessa escola, e lá permaneceu até sua aposentadoria.

3.2.4 Professora Ana Glenda Viezzer Brussius

Ana Glenda Viezzer Brussius, professora aposentada, hoje viúva, nasceu em 13 de abril de 1940 em Canela. Seu pai nasceu em Caxias do Sul da família Viezzer, e a mãe, de sobrenome Bertolucci, nasceu no interior de Canela.

Durante seu período de escolarização primária e secundária, estudou na Escola Nossa Senhora Auxiliadora dedicando o seu tempo exclusivamente aos estudos. Mas não parou por aí, pois queria ser professora. Ana Glenda mudou-se, então, para Caxias do Sul, ingressando no curso Normal. Como o ensino não foi do seu agrado, no ano seguinte, muda-se para Porto Alegre e passa a morar com os avós, e reinicia seus estudos no curso normal na Escola Primeiro de Maio, formando-se no ano de 1958.

Após a conclusão do curso normal, através de indicação, começou a lecionar no Grupo Escolar Luíza Corrêa, na 1ª série, em uma turma de alunos repetentes. Segundo a própria Ana Glenda Viezzer Brussius, houve necessidade de se fazer um trabalho de aceleração para aqueles alunos prosseguirem seus estudos.

Conforme Ana Glenda Viezzer Brussius (2013), ela sempre quis ser professora, mas o cenário em que ela havia estudado o ensino primário e secundário já não era mais o mesmo, havia alunos indisciplinados, alunos fora da idade para frequentar determinada série por terem repetido de ano e também com turmas muito numerosas, em alguns casos passando de 35 alunos.

Na primeira escola em que lecionou, no Grupo Escolar Luiza Corrêa, a escola contava com uma pequena biblioteca que, na sua época de estudante, não havia; os conteúdos a serem ensinados aos alunos eram obrigatórios; havia aulas de Educação Física, passeios ao zoológico e visitas para conhecer estabelecimentos públicos de Canela, como a prefeitura e os Correios, e aulas de jardinagem também fazia parte do currículo. Esse foi o cenário existente até o final da década de 1950 nas escolas de Canela.

A afetividade foi um dos pontos destacados por Ana Glenda Viezzer Brussius, mas não como algo positivo, atribuindo às questões étnicas como as responsáveis pelo distanciamento entre professores e alunos.

A relação com os alunos não era muito afetiva, era mais o aluno lá e o professor aqui, não tinha como hoje. Nessa época em que eu comecei era bem distante, era rigidez mesmo, pra controlar o aluno. Era como era com os pais, eles também eram mais secos, pelo menos os meus eram, talvez pela origem italiana que não tinha muito abraço e beijo no professor, e na sala de aula também, ninguém recebia o aluno com beijo. (BRUSSIUS, entrevista realizada em janeiro de 2013).

E foram nesses moldes de escola pública que Ana Glenda foi exercendo o seu papel de professora, passando por momentos difíceis nas contínuas tentativas de, através da educação, tornar a sociedade melhor e também de coibir, nas aulas, a classificação e a divisão dos alunos em bons e outros nem tão bons assim, segundo Brussius (2013).

3.2.5 Professora Maria Tereza dos Santos Galle

Maria Tereza dos Santos Galle, professora aposentada, hoje viúva, nascida em 8 de julho de 1944, na localidade do Morro Calçado, interior de Canela, filha de pais agricultores. Era neta de carreteiro que transportava gado, charque e rapadura.

Ao terminar o ensino primário na escola Olavo Bilac, interior de Canela, Maria Tereza não tinha mais como continuar os estudos, pois nas escolas públicas de Canela não tinha o ensino secundário. E seu desejo de estudar era muito grande, conforme relata:

Como eu tinha vontade de estudar! Não interessava onde e como, eu queria estudar. Em uma das vezes em que o padre Rubens foi celebrar a missa ele me descobriu e perguntou: Tu não tá mais estudando? Não! Não dá mais pra mim ir na escola, eu não posso mais porque eu já terminei o primário, eu queria tanto estudar. (GALLE, entrevista em fevereiro de 2013).

Foi a partir dessa conversa e, posteriormente, por intermédio do padre Rubens e das irmãs do Ginásio Escola Nossa Senhora Auxiliadora que ela consegue uma bolsa de estudos na escola, mas ainda não havia vaga para o internato. A solução temporária encontrada seria de Maria Tereza ficar abrigada no hospital, que também era da responsabilidade das irmãs Bernardinas, até o internato possuir uma vaga, e esta situação perdurou por cerca de um ano.

A rotina das alunas bolsistas consistia, após o período das aulas, ajudar na limpeza da escola e após iam para o hospital ajudar as irmãs com os pacientes levando comida, chá, bolsa de água quente e tudo mais que precisassem.

Após terminar o ginásio, a vontade de continuar estudando ainda era muito grande, porque queria ser professora. Em Canela, não havia Curso Normal, somente na cidade de Gramado. Para entrar no Curso Normal, deveria fazer uma prova que consistia em três etapas. No primeiro dia era português e redação, no segundo dia, matemática, e no terceiro dia, conhecimentos gerais.

Após passar por todas as etapas e ser aprovada, Maria Tereza novamente ganha uma bolsa de estudos, mas somente de externato. Como morava no interior de Canela, ela descreve como era sua rotina para ir à escola:

Antes de conseguir a vaga no internato em Gramado, eu ia com a minha irmã mais nova a cavalo até a encruzilhada onde passava o ônibus, aí ia pra Gramado. Depois eu voltava de noite e tinha sempre alguém me esperando naquela encruzilhada, pra mim ir pra casa. Aí as irmãs ficaram sabendo da minha dificuldade e do meu interesse que eu tinha, que eu queria estudar e me deram uma bolsa de estudos de internato. (GALLE, entrevista em fevereiro de 2013).

Apesar de todas as dificuldades pelas quais passou para concluir o Curso Normal, Maria Tereza não desistiu e pôde concluir o curso. Todo o Curso Normal foi realizado em Gramado, não tendo sido necessário prestar nenhum serviço, pois ganhara uma bolsa de estudos, e o seu tempo era todo disponibilizado para os estudos.

No final da década de 1950, Maria Tereza começou a dar aula no município de Canela e, posteriormente, no Estado, intercalando alguns períodos como professora e outros como diretora, e isso até sua aposentadoria.

Esses foram relatos de como se deu a formação de alguns professores que atuaram na educação em Canela no período de 1930-1960.

Inicialmente, para o preenchimento das vagas de professor, contava-se com a indicação da comunidade de algum nome que fosse habilitado para a função. Somente após

1945 é que passaram a exigir algum tipo de formação e curso para os candidatos a uma vaga de professor.

De acordo com as entrevistas e análise documental, a escola contava sempre com a presença de inspetores nas escolas, apenas direcionada aos exames finais, ficando a responsabilidade das aulas com os professores.

A maioria dos primeiros professores de Canela não possuía formação pedagógica adequada à função, pois muitos deles tinham apenas cursado o ensino primário. No entanto, frente à comunidade, eram os mais cultos e, ao agregarem a disponibilidade para a atividade de ensino, acabavam angariando o respeito de todos, tornando-se referências nos locais em que ensinavam.

Essas foram algumas das representações produzidas a respeito dos professores de Canela nas décadas de 1930-1960, a partir das narrativas de memórias.

4 MEMÓRIAS DE PROFESSORES E ALUNOS DE CANELA: INDÍCIOS DAS PRÁTICAS ESCOLARES

Neste capítulo, serão abordadas as culturas escolares presentes no recorte histórico deste estudo, sendo que as memórias, as fotografias e documentos foram as fontes utilizadas que permitem narrar o processo escolar de Canela, de 1930 a 1960, desde as escolas improvisadas e os seus espaços, o tipo de material didático utilizado nas aulas até as práticas e os saberes que fizeram parte daquele contexto.

Inúmeros estudos sobre a escola já foram desenvolvidos e continuam sendo realizados sob seus mais variados aspectos. Em um primeiro olhar, pode-se acreditar que escolas públicas, privadas e confessionais se assemelham, tanto em questões físicas, materiais ou pessoais se as observarmos de maneira muito superficial. Contudo, cada uma no seu interior possui peculiaridades que somente podem ser percebidas e observadas na medida em que se busca conhecê-las através da pesquisa, buscando o entendimento a respeito das instituições que foi proposto como objeto de investigação. Desse modo, o conceito de cultura escolar ajudou a apontar, a compreender como ocorriam a organização das escolas no seu cotidiano assim como a compreensão das práticas escolares através dos sujeitos que fizeram parte do contexto. Para Luchese (2007, p. 256), “compreender as similaridades, as singularidades, as diferenças, a diversidade nas práticas escolares olhando a escola por dentro, compreendendo a cultura que viceja no seu interior a partir dos mais variados indícios documentais/monumentais”.

Na tentativa de compreender como ocorria a dinâmica das escolas em Canela, e percebendo as semelhanças e diferenças a partir de uma grande diversidade, observam-se indícios das práticas escolares nas memórias narradas. Com o olhar voltado para o interior das escolas, tenta-se analisar, observar e compreender através dos vestígios como se davam de fato os processos educativos, atravessados por relacionamentos entre professores e alunos, assim como as mudanças ocorridas quando as escolas deixaram de funcionar em locais improvisados e passaram a ter local próprio para o desenvolvimento de suas atividades.

Os professores com suas práticas e saberes, na sua maioria sem formação específica para a função, os alunos com desejo de aprender, do improvisado das escolas aos prédios construídos e destinados à educação, são algumas das marcas presentes na memória daqueles que fizeram parte do ambiente escolar do período pesquisado.

4.1 OS PRÉDIOS ESCOLARES EM CANELA

Como já dito no capítulo anterior, o início da educação em Canela esteve voltado a iniciativas particulares que passaram a adaptar determinados locais para que aulas do ensino primário pudessem ser realizadas para atender à demanda de alunos provindos de cidades próximas e também de mais distantes cujas famílias buscavam oportunidade de trabalho.

Pela provável destruição dessa memória, fica improvável saber como essas escolas eram mantidas, se com recursos provindos do Estado para pagamento do aluguel das casas e dos salários dos professores, ou se com a ajuda da comunidade para manter as aulas em funcionamento. Em relação a essa questão Luchese (2007, p. 296) explica:

Sabe-se que as escolas públicas e mesmo as particulares e étnico-comunitárias funcionavam nas primeiras décadas pós-colonização, em lugares improvisados, adaptados para abrigarem a aula. Sua localização, no caso das zonas rurais, foi próximo à capela ou na própria capela – espaço social privilegiado na comunidade, ou, então, como nas sedes, em salas, residências familiares (de pais de alunos ou dos próprios professores), eram lugares emprestados ou alugados.

Entende-se que essa afirmação não cabe a todos os lugares, que cada uma das escolas se configurava de modo diferenciado, e em Canela não foi diferente, pois cada professor passou a organizar as aulas de acordo com a realidade de cada espaço em que estava inserida a escola.

Luchese (2007) ainda destaca que no Rio Grande do Sul, em 1896, o Secretário de Interior e Exterior, João Abbot, afeiçoado com os “ideais da moderna pedagogia” e especialmente com o projeto republicano, via a necessidade urgente da substituição dos espaços alugados por espaços construídos para abrigar as aulas. Uma das razões para isso era decorrente do aumento dos aluguéis das casas que abrigavam as escolas, sem mencionar o fato de que havia um grande número de casebres que funcionavam como escolas, ou de que os espaços destinados aos alunos eram muito pequenos que, além de não possuírem condições higiênicas não comportavam a demanda de alunos. João Abbot também defendia a ideia de que a escola tivesse atrativos para os alunos, que os mestres fossem capazes, bem preparados e bem remunerados, que as escolas fossem boas, com edifícios espaçosos e iluminados, com mobília decente e moderna.

Em relação ao que pretendia o Secretário João Abbot, inicialmente a educação em Canela, tendo à frente os professores Carlos Wortmann e Eduardo Gans, dentro das

possibilidades da época, organizaram da melhor maneira os locais de ensino para que as aulas pudessem ocorrer de fato.

Nas Aulas Públicas de Canella, como era chamada a escola onde lecionava o professor Eduardo Gans até 1929, as condições e locais de ensino não eram muito diferentes em relação à Escola Isolada do Canelinha dirigida pelo professor Carlos Wortmann. Essas escolas funcionavam em casas de madeira adaptadas para as aulas, e ali estudavam crianças de diferentes idades, todos na mesma sala, inicialmente com apenas um professor para atender a todos os alunos do 1º ao 4º ano. Em relação ao pagamento de aluguel aos proprietários das casas onde as aulas aconteciam e dos salários dos professores, não foram encontrados registros que permitam inferir mais detalhes sobre essa questão.

Para Gonçalves (2012), a mudança dos espaços escolares centra-se no deslocamento e na transformação de entendimentos. “A escola iniciou em um lugar emprestado e passou a um lugar específico e próprio, saiu da casa do professor e ocupou um lugar público, saiu dos espaços da igreja e passou a um lugar pagão estatal” (GONÇALVES, 2012, p. 28).

A primeira escola que teve seu local próprio de ensino foi a Aulas Públicas de Canella, passando a ser chamada de Grupo Escolar João Corrêa, no ano de 1930, recebendo esse nome para homenagear o Coronel fundador da localidade. Gonçalves (2012) define que a arquitetura das escolas, ou seja, o cenário material da escola, e também os modos e conteúdo do ensinar e aprender, além do fato de os alunos, acostumados a um contexto escolar plural com as mais variadas faixas de idade, passarem pelo processo de frequentar salas de aula com alunos da mesma idade, tendo contato com um número maior de professores, tudo isso faz parte dos espaços escolares como uma dimensão material e simbólica das culturas escolares.

A história mostra que qualquer lugar era lugar para se adaptar e ali iniciar as atividades de ensino, desde que bem iluminado e ventilado e com o mínimo de higiene para que os professores e alunos ali pudessem desenvolver suas atividades de ensino e de aprendizagem, mas na prática não era desta forma que ocorria, pois muitos dos locais eram insalubres tanto para quem ensinava como para aqueles que queriam aprender. Essa não foi a realidade encontrada nos locais destinados ao ensino em Canela. O improvisado esteve presente nas escolas, independentemente de estarem localizadas nas regiões mais centrais ou no interior.

Por se tratarem de escolas improvisadas em espaços inadequados, não foi observada e nem tiveram a preocupação com a padronização e a arquitetura dos edifícios, pois, na maioria das vezes, eram feitos de madeira sem projetos específicos que viessem contemplar e beneficiar os usuários do espaço escolar.

Na mesma ordem de escolas improvisadas, no início da década de 1940, por intermédio do padre João Alberto Hickmann, inicia em Canela a primeira escola orientada pela fé católica que se chamou Escola Nossa Senhora Auxiliadora, como já visto no capítulo anterior.

Segundo Luchese (2007), as escolas paroquiais eram iniciativas lideradas pelo vigário que, juntamente com o marceneiro da comunidade, se empenhavam em construir um local para que as crianças pudessem ter aulas em um lugar adequado e educativo.

A Escola Nossa Senhora Auxiliadora passou a funcionar em um barracão de madeira localizado ao lado da Igreja Matriz de Canela. Tratava-se de um prédio enorme ocupando quase todo o terreno de esquina. Ao evocar suas memórias, Ana Glenda Viezzer Brussius, que foi aluna da Escola Nossa Senhora Auxiliadora, lembra que, nesse mesmo prédio onde funcionava a escola durante a semana, nos sábados e domingos eram apresentadas sessões de cinema, de responsabilidade do padre João Marchese. Havia todo o cuidado do padre em assistir ao filme antes de ser projetado para a comunidade para que nenhuma cena inadequada aparecesse e fosse motivo de constrangimento para todos. (BRUSSIUS, 2013).

Conforme Ana Glenda Viezzer Brussius (2013), o barracão, como era chamado e conhecido por todos da comunidade, era composto por seis salas de aula, um enorme corredor e uma secretaria. Duas salas de aula eram ocupadas pela turma do Jardim de Infância, nas outras salas ocorriam as aulas das turmas de 1º, 2º, 3º e 4º anos. Também havia banheiros para meninos e meninas, eram bem rústicos, mas tinha água vinda do poço.

Nesse prédio, também havia um sótão que, segundo Inerci Castelo Branco (2013), morava um professor vindo da Alemanha, o professor Guilherme. Ali ele dava aula para aqueles alunos que queriam aprender a tocar piano, gaita, órgão, violino e outros instrumentos. Ele ensinava ali mesmo, no barracão e, apesar da pronúncia lembrar muito a língua alemã, podia-se entender bem, pois falava a língua portuguesa.

Somente em 1945, por iniciativa do padre João Marchese, um novo prédio começou a ser construído para abrigar a Escola Nossa Senhora Auxiliadora, que passou a se chamar Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora. Em diferentes proporções ao prédio anterior, este era composto por três andares. Cada um deles foi descrito pela aluna Maria Tereza dos Santos Galle, que frequentou a escola como bolsista. Segundo Galle (2013), o Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora era organizado da seguinte maneira:

No terceiro piso ficava a clausura das irmãs, que vivia chaveada, ninguém entrava, somente as irmãs. Neste mesmo piso ficava uma pequena capela frequentada diariamente pelas irmãs e pelas alunas que quisessem rezar. Também abrigava o terceiro andar o dormitório das juvenistas e o alojamento das alunas internas vindas de outras cidades como São Francisco de Paula e Bom Jesus e algumas alunas bolsistas que frequentavam a escola também podiam dormir no alojamento. O segundo piso era composto por salas de aula, a secretaria, banheiros e o corredor. Apesar de a escola ser de alvenaria, todo o assoalho das salas era de madeira e o piso do corredor era com ladrilhos de madeira que formavam mosaicos. As salas de aula eram bem ventiladas com janelas enormes de vidro que podiam ficar totalmente abertas. No primeiro piso primeiramente funcionava uma marcenaria do Tomiello, ele organizou esta marcenaria para que pudesse fazer as janelas, as portas e tudo mais que fosse de madeira e fizesse parte da escola. Após terminado o trabalho de marcenaria, o primeiro piso passa a ser usado como salão de festas religiosas, para reunião de pais e professores e para outras atividades que a escola viesse a desenvolver. (GALLE, entrevista em fevereiro de 2013).

Este prédio foi o primeiro a ser projetado nos moldes da “pedagogia moderna” para o período, no início da década de 1950. O prédio era monumental, considerando as características e condições de Canela, pois nenhum outro prédio era de tal tamanho, nem mesmo a igreja matriz.

Na imagem (figura 30), o Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora no ano em que foi concluída sua construção.

Figura 30 – Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: imagem do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora no ano de 1953.

Segundo Luchese (2007, p. 315):

A arquitetura e os espaços escolares instituem em sua materialidade um sistema de valores. Educam, formam e conformam corpos. São parte da ‘maquinaria escolar’. Para além do espaço externo, cabe analisar, também, a organização e disposição interna das escolas.

Não diferentemente dos outros contextos, as aulas da Escola Frederico Mentz aconteciam em um pavilhão pertencente à igreja luterana. Conforme Sheila Bertolucci (2013), este pavilhão era enorme e, para que ali pudesse funcionar uma escola, parte do local foi dividida em quatro salas de aula e ali se organizaram as turmas do 1º ao 4º ano. Como se tratava de um local espaçoso, a parte que não era utilizada para as aulas ficou sendo usada para as festas da igreja, para apresentações da escola e comemorações de final do ano.

Na fotografia (figura 31), veem-se alunos da Escola Frederico Mentz, em 1950. Não há informações referentes a comemorações de final de ano ou sobre outro tipo de festividade. Sabe-se que o uniforme somente era exigido em ocasiões especiais.

Figura 31 – Alunos da Escola Frederico Mentz – 1950



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: da esquerda para a direita, indicados pela flecha, a professora Geny Engelbrecht, o pastor Wolff e na outra ponta as professoras Silvia Heckmann e Aurea Jung Jardim, juntamente com os alunos da Escola Frederico Mentz, no ano de 1950. O local era dividido entre igreja e escola.

Com padrão muito parecido à Escola Frederico Mentz, uma nova aula passa a ser criada em conjunto com a igreja. A Escola Luterana Cristo Redentor não tinha prédio, por isso as aulas aconteciam no interior da própria igreja, e os alunos tinham como professor Waldomiro Ramos. Os alunos tinham que utilizar os bancos da igreja para poderem estudar, a estrutura não era nada parecida com a de uma escola, mas era ali que os alunos aprendiam, como relatou Sheila Bertolucci (2013).

As escolas do interior ou da colônia, como eram chamadas, possuíam características bem marcantes presentes nas escolas isoladas. As aulas passaram a ser ministradas em pequenos prédios de madeira sem repartições, pois o número de alunos nas escolas do interior eram inferiores às escolas da localidade central de Canela.

Gerda Bohrer (2013) descreve a sala de aula da escola em que lecionou na década de 1950, no Colégio Carlos Gomes, localidade do Monjolo, interior de Canela, da seguinte forma:

Nas escolas do interior, as turmas eram multisseriadas, a gente tinha quadros compridos, daí a gente dividia no meio. Chegava uma turma e sentava pra lá, e a outra pra cá, não misturava. Pra um não presta atenção no que o outro fazia, cada um ficava pro seu lado. (BOHRER, entrevista em janeiro de 2013).

Lentamente, ao longo dos anos, passaram a ocorrer algumas melhorias e ajustamentos nos prédios escolares, foram erguidas construções específicas para abrigar as escolas, o que permitiu desenhar um novo cenário da educação em Canela ao longo das décadas de 1930-1960. O que era adaptado passou a ter local próprio de ensino, e o que já possuía local, ganhou novas dimensões para abrigar locais específicos de ensino. Também há uma evidente divisão entre aqueles que podiam pagar pelo ensino privado e aqueles que estudavam na escola pública, dividindo, com isso, os alunos por classe social, ou seja, quem podia e quem não podia pagar pelos seus estudos.

No período do recorte deste presente estudo, em momento algum os governantes da localidade de Canela tiveram a intenção de padronizar qualquer aspecto que estivesse vinculado à educação. Qualquer lugar servia para dar início a uma aula para ensinar e para aprender a ler, escrever e contar. As casas improvisadas de madeira que abrigavam as escolas davam conta de acolher aqueles alunos que buscavam as primeiras aprendizagens.

O fator determinante para que as aulas pudessem ocorrer, seria o espaço cedido pela comunidade que poderia ser a própria casa do professor, um espaço da igreja que não estivesse sendo usado no momento, ou até mesmo dividindo espaços com o cinema, salão de

festas e a moradia do professor, como no início das atividades da Escola Nossa Senhora Auxiliadora.

Basicamente a organização interna estava voltada ao improvisado, cada escola organizava da melhor maneira seu espaço para as aulas, em vista que recursos vindos do governo seriam apenas para o pagamento do salário do professor e para o pagamento de aluguel do local onde as escolas funcionavam.

O Grupo Escolar João Corrêa, primeiramente denominado Aulas Públicas de Canela, foi a primeira escola pública em 1930 a ser construída para tal finalidade em Canela, sendo que o terreno foi doação de Luíza Corrêa, viúva do então fundador de Canela, o Coronel João Corrêa.

Bencostta (2011) destaca que, no Brasil, o modelo de escola denominado de Grupo Escolar, foi implantado pela primeira vez no Estado de São Paulo, em 1893. Essa organização previa mudanças significativas e profundas na didática, no currículo e na distribuição espacial de seus edifícios. Essas casas destinadas às escolas deveriam estar em local de destaque na cena urbana, eram as marcas do ideal republicano. A administração pública entendeu que a organização dos grupos escolares, isto é, a reunião de várias escolas primárias em um único local, seria um benefício financeiro ao governo, pois não teria que pagar diversos aluguéis pelas casas que abrigavam as escolas isoladas.

Ainda na visão do governo, Kinchescki e Neves (2012) destacam que os grupos escolares eram símbolos que demarcavam força política, registravam ação governamental, além de disseminarem um ideal de escola que tinha como objetivo maior o alcance do progresso, da modernidade e da redenção da população através da aprendizagem, neste caso, a população infantil.

Bencostta (2011) destaca a visão das autoridades de ensino em relação aos grupos escolares:

Contrários à ideia de que os grupos escolares não deveriam ser um ocasional agrupamento de escolas em um mesmo edifício, as autoridades de ensino, que defendiam a proposta deste modelo, afirmavam que se esta escola deveria possuir uma sequência metódica e sistemática do ensino, seria necessário, portanto, submetê-lo a uma regulamentação científica. Desse modo, enfatizava-se que os alunos, na medida do seu aproveitamento, passassem por diversas classes e graus e assim cada vez mais se aperfeiçoaria sua educação intelectual, física e moral, a fim de torná-los capacitados a serem cidadãos úteis a República. (BENCOSTTA, 2011, p. 71).

A implantação dos grupos escolares não teve o mesmo sucesso ocorrido em outras localidades. O que de fato ocorreu foi que as escolas isoladas estenderam-se por toda a

localidade, principalmente logo após a emancipação do município no final do ano de 1944. Até essa data, Canela contava oficialmente com cinco escolas, e até o ano de 1960 mais trinta e uma escolas foram inauguradas, sendo que onze delas foram inauguradas no ano de 1951, somando-se as escolas do interior do município com as inauguradas na região central, conforme o Decreto Municipal nº 133/80.

Figura 32 – Materiais e objetos escolares presentes na escola em Canela de 1930-1960



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, foto obtida em 2012.

Nota: o registro fotográfico realizado em 2012, na casa que pertencia ao professor Carlos Wortmann, que era também o local onde funcionava a Escola Isolada do Canelinha, podem-se observar os materiais que ainda se encontram em bom estado de conservação, estes que foram utilizados pelos alunos da escola desde a década de 1910. Da direita para esquerda, estão dois tinteiros, ao centro, a lousa de pedra de ardósia. De utilidade do professor, aparece o globo terrestre e, ao fundo, um mata borrão. Todo o material está apoiado em uma classe utilizada pelos alunos durante as aulas. E ao fundo, pendurado na parede, parte do mapa geográfico do Rio Grande do Sul.

Os materiais escolares que aparecem na imagem estão apoiados em uma classe conhecida também como carteira escolar de uso dos alunos, podendo ser usada por dois alunos. Para se fazer uso dela, era necessário sempre uma outra classe à frente, pois o banco era fixo na parte da frente da classe, necessitando, por isso, de uma outra para servir de apoio para a escrita, e assim sucessivamente.

Segundo Castro e Silva (2012), no período anterior ao uso de classes, os alunos utilizavam o próprio corpo como apoio, no tempo em que a escola apenas se preocupava com o ensino da leitura. A cadeira ou o banco não precisava de “seu par” em formato de mesa, que veio a caracterizar-se fortemente apenas mais tarde.

Ao se estudar a materialidade escolar, Kinchescki e Neves (2012, p. 132) consideram: “[...] os objetos escolares são como fontes que auxiliam a abrir caminhos para entender sua constituição, assim como para caracterizar tendências e modelos pedagógicos de cada período”.

No início do século XX, a Escola Isolada do Canelinha, descreve Aura Jardim Jung (2013), estava localizada em um local muito bonito, a casa tinha uma sala grande e um estrado mais alto no qual ficava o professor. Nessa sala, não havia divisórias e era quase toda ocupada pelas classes. Ali, os alunos agrupavam-se conforme o ano escolar em que se encontravam, podendo ser do 1º ao 4º ano, mas, isso, não impedia de a classe ser ocupada por dois alunos. Nesse caso específico, as classes da sala de aula foram usadas para organizar a turma por série, mas todos usavam a mesma sala de aula. A separação das classes contribuía para a organização e o melhor andamento das aulas. O estrado onde ficava o professor, um local mais alto, indicava o lugar daquele que detinha o conhecimento. Ainda, conforme Aura Jardim Jung (2013), os alunos não podiam ir até o professor; era ele que se deslocava até o aluno.

Sobre a sala de aula, Silva, Jesus e Ferber (2012) afirmam que o mobiliário constitui um dos itens obrigatórios de organização do espaço escolar que permite uma certa uniformização estética do local. Eram peças indispensáveis da sala de aula no contexto escolar da época: carteiras, cadeiras ou bancos, mesa do professor e armários. Entretanto, dependendo do local, como a matéria-prima e o *design* diferenciavam-se, também havia diferenças dos objetos escolares de um local para outro, como ocorreu com as escolas isoladas dos grupos escolares que apresentavam diversificação em seu mobiliário escolar usado.

Desde os primórdios, nas escolas improvisadas ou construídas, se fez uso de classes e bancos para que os alunos pudessem aprender, principalmente a escrita. Também se pode observar, através das entrevistas realizadas, que não havia uma padronização dos espaços escolares, pois, cada uma, dentro das suas possibilidades, organizava e dispunha dos móveis da melhor forma, de acordo com o espaço da sala de aula existente.

No interior de Canela, na Escola Carlos Gomes, os alunos utilizavam mesas e bancos de madeira bem compridos como apoio para realizarem suas atividades. Já nas Escolas Luteranas Frederico Mentz e Olavo Bilac, nos primeiros tempos, não havia mesa para

apoiaram o material, o apoio era feito no colo. Somente tempos mais tarde é que os alunos passaram a fazer uso de mesas para o apoio dos cadernos.

Para que a aprendizagem da escrita ocorresse, como lembram os entrevistados, os alunos iam para a escola levando sua lousa de pedra de ardósia envolvida por uma moldura de madeira, e era nesta lousa que aconteceram as primeiras tentativas de escrita e, para que ela ocorresse, os alunos escreviam com um giz e apagavam com um paninho úmido.

Segundo Maria Teresa Galle (2013), as famílias que tinham maior poder aquisitivo compravam cadernos para os filhos usarem na escola, mas aqueles que não podiam comprar continuavam utilizando a lousa de ardósia. O sonho de Maria Teresa era ter uma lousa como descreve a seguir:

Na escola Olavo Bilac eu não cheguei a usar a pedrinha, a lousa aquela. Mas eu tinha uma prima que usava, eu tinha uma vontade de ter uma. Eu já usava o caderno, já me deram um caderno, mas tinham crianças que estudavam junto comigo que tinham essa pedra. (GALLE, entrevista em fevereiro de 2013).

Na escola Isolada do Canelinha o uso da lousa era exigência por parte do professor, conforme relata Aura Jung Jardim (2013):

Eles exigiam a pedra, caderno já existia, já tinha, mas eles exigiam a pedra, porque eles achavam que gastava muito caderno, então a gente fazia na pedra, se errava, apagava, no caderno não tinha como apagar e não ficava bom com borracha. Então a gente escrevia na lousa pra poupar. Era tão bom, eu gostava tanto de escrever na minha pedra. A gente dizia pedra, mas era lousa. (JARDIM, entrevista em fevereiro de 2013).

Nas escolas tudo era muito simples e, na maioria das vezes, o governo não investia em educação para os alunos. Os professores trabalhavam com básico: ler, escrever e calcular.

O uso da lousa permaneceu nas escolas de Canela até meados dos anos de 1940, conforme lembra Ana Glenda Viezzer Brussius (2013). Na Escola Nossa Senhora Auxiliadora, a lousa passou a ser substituída pelo caderno e caneta tinteiro após essa data. Foi difícil a adaptação da passagem da lousa para o caderno para aqueles que somente usavam a lousa, pois tinham que se preocupar com os erros já que não conseguiam apagar a tinta.

Aos poucos, os cadernos passaram a fazer parte do cotidiano das aulas em substituição às lousas, assim como também os livros começaram a ser utilizados nas aulas, primeiramente

com a coletânea de Clemente Pinto⁴ “A Seleta: prosa e verso”⁵, utilizada pelos alunos do Grupo Escolar João Corrêa a partir da década de 1930.

Na Escola Nossa Senhora Auxiliadora, como recorda Ana Glenda, os alunos utilizavam o livro “Queres Ler”⁶ na alfabetização. Outros materiais também faziam parte das aulas, como o caderno de caligrafia, pois somente se escrevia com letra cursiva. Para a realização das atividades matemáticas, usava-se um caderno todo quadriculado, cada número deveria ficar em um quadradinho como rememora Ana Glenda Viezzer Brussius (2013).

Os professores tinham como recurso para o ensino da escrita e da leitura nas aulas um pequeno quadro negro que ficava ao lado da mesa de frente para os alunos. O quadro negro nem sempre era usado, já que a maioria das aulas era oral, baseada na memorização.

Na Escola Nossa Senhora Auxiliadora, cada disciplina exigia que o aluno usasse livros e, no caso dos alunos bolsistas que não tinham condições de adquirir esse material, havia a possibilidade da compra de livro de segunda mão para que pudessem acompanhar as aulas.

A professora Ana Glenda Viezzer Brussius (2013) comenta que no Grupo Escolar Luíza Corrêa havia uma biblioteca muito pequena, e não havia material escolar para ser utilizado durante as aulas, eram poucos os mapas de geografia, e os alunos dependiam do professor para confeccionar materiais se quisessem ter uma aula diferente.

4.2 PRÁTICAS E SABERES ESCOLARES NO CONTEXTO ESCOLAR DE CANELA

No fazer cotidiano das escolas, nas relações construídas, nos encontros, nas trocas, na transmissão de saberes, dizeres e fazeres estão as práticas educativas. Bergozza (2010) aponta que:

⁴ Clemente Alfredo Pinto – nasceu em Porto Alegre/RS no ano de 1854. Destacou-se no cenário gaúcho, pelo seu trabalho direcionado a educação. Sua formação em Filosofia como também na produção de gramática e o interesse teológico-cristão, preocupando-se com a formação moral cristã do educando. Viveu no momento histórico da República Velha e da República entre 15/11/1889 e 03/10/1930, períodos marcados pela Constituição de 1891 que separou a Igreja do Estado. Almeida (2007).

⁵ Seleta em Prosa e Verso: dos melhores autores brasileiros e portugueses. Porto Alegre: Selbach, 1884; é uma obra didática voltada para o ensino do Português destinado ao Ensino Primário. Almeida (2007).

⁶ Queres ler? O primeiro livro? Quieres ler? Foi publicado pelo educador uruguaio José Henríquez Figueira em 1892. Sua obra didática foi reconhecida como propulsora de um método da leitura estruturado sobre bases científicas, verdadeira inovação pedagógica iniciada na época. A obra didática foi adaptada para o português por Olga Acauan e Branca Diva Pereira, sendo aprovada pela Comissão de Exame das Obras Pedagógicas em 1924. Foi indicado por essa comissão para adoção na Instrução Pública do Rio Grande do Sul em 1929, identificando-a como de orientação “analítico-sintático”. Trindade (2004).

É necessário ter em mente que as práticas instauradas na Escola, após serem apropriadas pelos sujeitos, deram origem a outras práticas, e essas por sua vez contribuíram na produção de novas práticas escolares que propiciaram a consolidação das culturas escolares. (BERGOZZA, 2010, p. 115-116).

As experiências dos entrevistados, como docentes e discentes que haviam sido, permitem entrever alguns vestígios das práticas escolares. Maria Tereza dos Santos Galle, filha de agricultores da localidade do Morro Calçado, interior de Canela, (re)lembra que ao completar o ensino primário na Escola Isolada Olavo Bilac e com onze anos de idade passou a frequentar o Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora como bolsista no início da década de 1950. Ela declarou o seguinte:

As aulas na Auxiliadora eram muito puxadas. O irmão Terenciano dava matemática e ele tinha um enunciado do teorema de Pitágoras. Então ele dava o enunciado e tinha que resolver. Eu me formei no 4º ano do ginásial, e eu não sabia desenvolver o bendito teorema de tanto medo que eu tinha daquele irmão. (GALLE, entrevista em fevereiro de 2013).

Ao tentar reproduzir o cenário educacional que vivenciou no final da década de 1940 e início da década de 1950, Maria Tereza dos Santos Galle relata o rigor disciplinar das aulas, principalmente as de matemática do professor irmão Terenciano, assim como a relação entre o teor do conteúdo lecionado vinculado à autoridade do professor, pois o medo de uma punição por parte do professor não deixava os alunos se sentirem à vontade para poderem aprender.

A narrativa da aluna Maria Tereza reforça a ideia da autoridade do professor vinculada ao conteúdo ensinado por ele, o silêncio em sala de aula e o respeito às normas e regras, que estavam acima da própria aprendizagem, como se pode concluir do caso da aluna que terminou o ensino secundário sem saber desenvolver o teorema de Pitágoras, algo de sua vida escolar que ficou seriamente marcado.

Tentar compreender a dinâmica das práticas escolares como algo produzido pelos sujeitos escolares, ou seja, alunos, professores e inspetores, é de fundamental importância o entendimento de como foram produzidas as formas de fazer o ensino e a aprendizagem através das múltiplas relações presentes no cotidiano do interior das salas de aula como também os materiais que davam suporte para os procedimentos escolares.

Para Luchese (2007), as práticas pedagógicas podem ser pensadas à luz das relações de poder e saber:

Ao estabelecer conteúdos a serem ensinados, ordenando-os, indicando formas de lecionar e de proceder junto aos alunos, bem como avaliando, adquirindo, distribuindo e sugerindo o uso de determinados livros ou manuais didáticos, os inspetores, os presidentes de Conselhos Escolares, os intendentos e as diferentes instâncias reguladoras do Estado produziam e eram produzidos pelas condições históricas. Falar de um caleidoscópio de práticas e saberes que cotidianamente foram sendo produzidos, ensinados e reinventados nas salas de aula por diferentes professores e alunos é restringir-se a alguns traços que chegam a permitir inferir sobre algumas dessas possibilidades de fazer o ensino e a aprendizagem. (LUCHESE, 2007, p. 401).

Nos primeiros tempos, as escolas isoladas existentes na localidade de Canela tinham como objetivo o ensino da leitura, da escrita e da aprendizagem das quatro operações básicas, este também vinha a ser o esperado das inúmeras famílias para seus filhos, as quais passam a migrar para a localidade em busca de oportunidade de trabalho, acreditando que a escola era a única que poderia transmitir conhecimento e a responsável pelas primeiras aprendizagens. A esse respeito, Luchese (2007, p. 404) esclarece:

Esses saberes elementares, na prática escolar cotidiana, parecem ter sido os mais presentes apesar de as normas prescreverem longas listas de conteúdos a serem ensinados – um currículo enciclopedista. Há, porém, que se constatar com a falta de formação da maioria dos professores e a média de tempo de permanência dos alunos na escola para compreender que os conhecimentos básicos do ler, escrever e calcular foram os mais trabalhados na escola elementar.

Historicamente, o objetivo principal da escola era o de ensinar a ler, escrever e contar, mas também, no plano formativo, o objetivo era disciplinar e controlar os corpos. Esses objetivos foram os principais, e à escola eram atribuídas as funções informativas e formativas, deixando para segundo plano outras intenções ou funções que poderia desenvolver.

Conforme as entrevistas realizadas, verificou-se que nos relatos sobre as aprendizagens, destacaram-se as relacionadas à aprendizagem da leitura, da escrita e da resolução de cálculos, para o 1º e o 2º ano, e também o ensino de história e geografia nas demais séries do ensino primário.

No caderno de aula de Benito Bertolucci, do ano de 1934, em material impresso pela Gráfica Selbach de Porto Alegre, constatou-se, na tabela indicativa da quantidade de aulas ministradas por disciplina, que as aulas de gramática e aritmética foram as de maior número, como mostra o quadro 7, com o panorama de todas as aulas desenvolvidas ao longo do ano de 1934 no Grupo Escolar João Corrêa.

Quadro 8 – Panorama de todas as aulas desenvolvidas ao longo do ano de 1934 no Grupo Escolar João Corrêa

Disciplina	Aulas dadas no ano de 1934
Gramática	39 aulas
Aritmética	29 aulas
Geografia	14 aulas
Geometria	11 aulas
Redação	10 aulas
História	06 aulas
Anatomia	05 aulas
Zoologia	03 aulas
Moral e Cívica	03 aulas
Botânica	02 aulas
Física	02 aulas
Caligrafia	01 aula

Fonte: caderno de aula do aluno Benito Bertolucci do ano de 1934.

A priorização do ensino da gramática e da aritmética vai ao encontro ao que pretendia o Estado Novo e a política nacionalizante para a erradicação do analfabetismo no Brasil, assim como no movimento de nacionalização a partir das escolas com o ensino da língua portuguesa. Deixar de lado a língua falada pelos pais e avós, como o caso da língua alemã e italiana, passa a ser o objetivo das escolas.

Frente ao processo de nacionalização no País, ao número de aulas já ministradas na disciplina de História, foram acrescentados conteúdos sobre diversas datas cívicas, como a Proclamação da República, Revolução Farroupilha e Dia da Bandeira, dentre outras.

A forma de ensino das escolas de Canela, nas primeiras décadas do século XX, segundo Inerci Castelo Branco (2013), que estudou no Colégio Pátria, era que eventualmente os alunos eram chamados a participarem das aulas, pois, o comportamento exigido era de que permanecessem a maior parte do tempo calados e, se houvesse conversa, eram repreendidos.

Uma educação escolar em turmas multisseriadas tornava-se vantajosa e econômica para o governo, pois consistia na contratação de um único mestre para vários alunos. Os alunos eram divididos por classes tendo que realizar a lição dia. O procedimento didático era tradicional, com ênfase na memorização e, por serem aulas orais e de repetição, julgavam com isso combater a ociosidade e a preguiça. As punições para aqueles que saíssem dos padrões estabelecidos eram castigos físicos e morais.

Além das aulas de gramática e aritmética, nas aulas de geografia e história existentes no currículo escolar o professor fazia uso de um livro no qual realizava a leitura para os alunos e, quando houvesse a necessidade, utilizava o recurso de mapas para mostrar as localidades que estavam ensinando naquele momento.

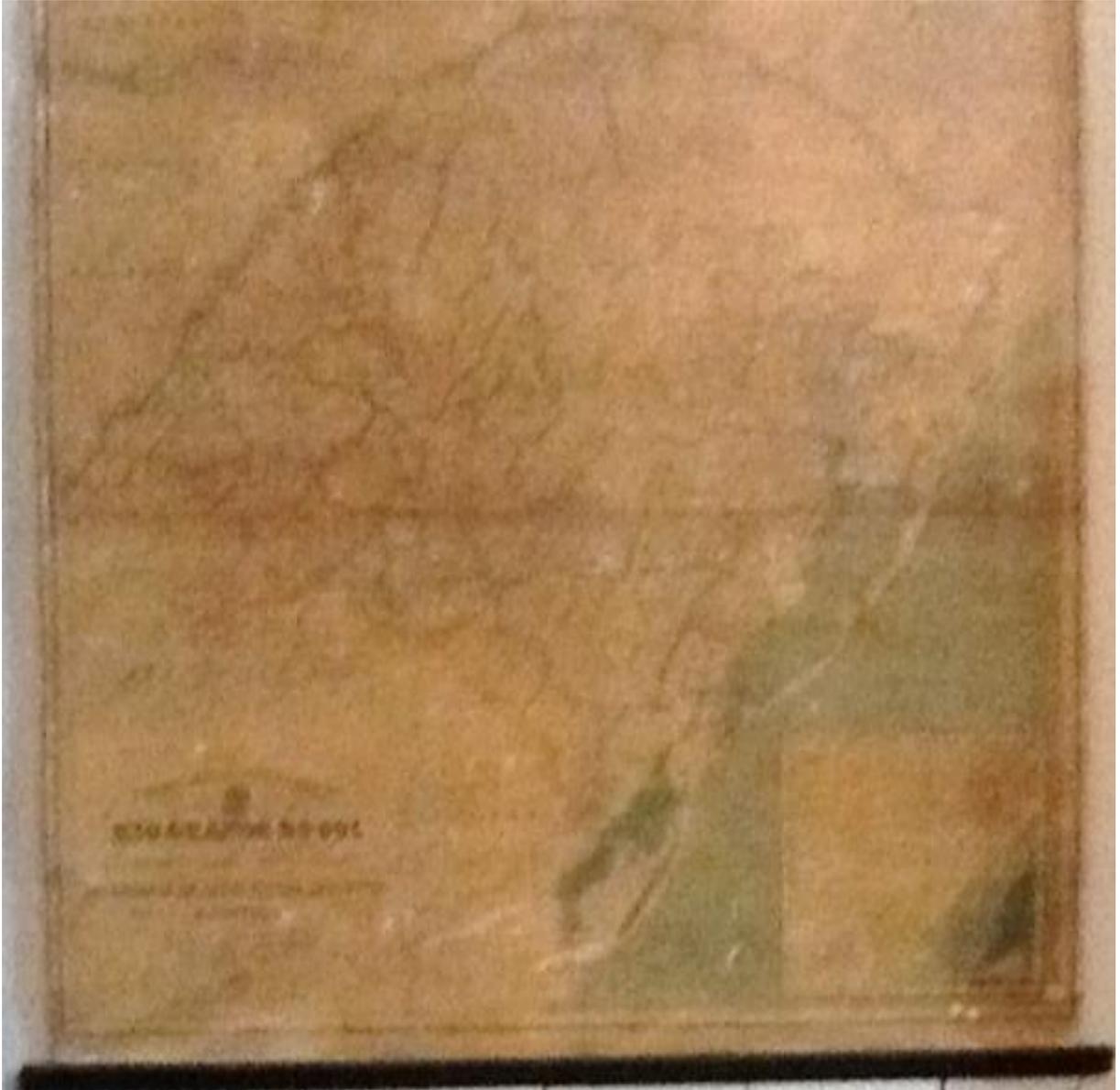
Nas imagens (figuras 33 e 34), veem-se dois dos mapas utilizados pelo professor Carlos Wortmann nas aulas de Geografia que, segundo Aurea, que foi aluna dele, era a disciplina que ele mais gostava de ensinar.

Figura 33 – Mapa geográfico da Ásia usado na Escola Isolada do Canelinha de 1913 a 1951



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, fotografia obtida em 2012. Mapa que encontra-se na casa que pertencia ao professor Carlos Wortmann.

Figura 34 – Mapa geográfico do Estado do Rio Grande do Sul usado na Escola Isolada do Canelinha de 1913 a 1951



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, fotografia obtida em 2012. Mapa que encontra-se na casa que pertencia ao professor Carlos Wortmann.

O mapa e globo terrestre foram alguns dos poucos materiais utilizados como recursos que os professores tinham à disposição para ministrar as aulas de geografia, e o desenho dos mapas eram reproduzidos pelos alunos em seus cadernos, como mostra o caderno de aula de Benito Bertolucci de 1934 (figura 35).

Em comparação ao ensino oferecido nas duas escolas que frequentou, acima nomeadas, as diferenças citadas por Maria Tereza dos Santos Galle estão vinculadas ao fato de que o ensino da escola isolada do interior de Canela baseava-se primeiramente na figura do professor “leigo”, provavelmente alguém próximo, ou da comunidade que tinha maior nível de escolaridade e também por terem como prioridade o ato de ler, escrever e contar em comparação aos professores do Grupo Escolar João Corrêa que encontravam-se mais preparados.

No Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora, as Irmãs Bernardinas lecionavam as disciplinas de Matemática, Português, História e Geografia, ficando a cargo do padre da paróquia as aulas de religião. Conforme Ana Glenda Viezzer Brussius (2013), a partir da década de 1960, o Ginásio passou a fazer a contratação de professores tidos como leigos, assim considerados por eles por não estarem vinculados a ordens religiosas para ministrarem as aulas de educação física, pois as irmãs ficavam receosas em assumir tal função.

Basicamente o ensino primário nas escolas isoladas de Canela ficou marcado pelo ensino da leitura, da escrita e na realização dos cálculos básicos, mas na Escola Luterana Cristo Redentor, os alunos também eram contemplados com aulas de canto e de teatro, conforme relata Sheila Bertolucci (2013), sobre uma das cenas de teatro que ensaiava na escola:

Eu sei que uma vez eu tive que fazer um teatro. Eu sempre fui muito inibida e tive que fazer um teatro. Eu era a mamãe e um dos guris era o papai e eu tinha a minha boneca e ela chorava porque tinha dado marmelada pra ela, era uma coisa engraçada. E quem nos organizava era a professora Geni. Desde aquela época a gente tinha o teatro na escola, era muito legal. (BERTOLUCCI, entrevista em janeiro de 2013).

Conforme a professora Ana Glenda Viezzer Brussius (2013), quando passou a lecionar, no ano de 1959, a Secretária de Educação do Estado passou a enviar uma planilha com os conteúdos que deveriam ser trabalhados com os alunos, e se sobrasse tempo poderiam acrescentar outros ensinamentos, mas somente após aqueles já trabalhados.

A maior preocupação da professora Gerda Bohrer era com as disciplinas de Português e Matemática que ela deveria ensinar, conforme ela mesma relata:

O meu problema era o português e a matemática. A história a gente dava no geral o que era interessante não aquela besteira. A 4ª série já sabia fazer porcentagem. Verbos era a conjugação total, todos os modos do verbo, tudo. Era na ponta da língua os verbos. A mesma coisa com a tabuada, era decorada, era na ponta da língua, se sabe a tabuada sabe fazer tudo, sabe dividir, sabe multiplicar sem problema. (BOHRER, entrevista em janeiro de 2013).

Reafirma-se, assim, na fala da professora, que, mesmo os professores com formação ou aqueles com um mínimo de formação ou escolarização exigida, tinham a mesma preocupação de ensinar os alunos a ler, escrever e contar.

Nas primeiras aulas em Canela, o uso da oralidade foi marcante no processo de ensino e aprendizagem. Em entrevista, Gerda Bohrer (2012) relata que no tempo em que era aluna as aulas aconteciam, na maioria das vezes, oralmente, e raras eram as vezes que o professor utilizava o quadro negro para passar a lição e, quando usava o quadro negro, os alunos tinham que copiar rapidamente, pois o professor queria apagar rapidamente para poder passar mais matéria, repetindo sempre a frase: Vamos copiar, vamos copiar que eu já vou apagar.

Raras vezes os alunos eram solicitados a manifestarem-se nas aulas, ou a darem sua opinião, apenas falavam no momento em que eram solicitados a passar a lição memorizada em casa. Os alunos permaneciam na maior parte do tempo calados e sentados e, se houvesse conversa, eram advertidos.

Os professores, após passarem a semana dentro das salas de aula no ensino da leitura, escrita e de noções básicas de matemática, no Grupo Escolar João Corrêa, dedicavam-se, aos sábados, a atividades diversificadas, como lembra Rubens Hoffman (2013) ao relatar que, logo na chegada, os alunos tinham a sabatina, o professor ditava a tarefa, e os alunos deveriam copiar. Os professores também faziam perguntas orais e os alunos deveriam responder da mesma forma. Após a sabatina, as meninas realizavam atividades manuais, como bordado, tricô e crochê, e os meninos, as atividades manuais eram com madeira e pequenas serrinhas. Isso correspondia ao comportamento esperado, iniciando as meninas para as atividades domésticas e os meninos para o trabalho em madeira que, na época e no local, estava em ascensão.

Ana Glenda Viezzer Brussius (2013), ao lembrar as aulas dadas pelas irmãs da congregação das Bernardinas, além de deixarem os alunos impressionados pela vestimenta que usavam diariamente, as aulas praticamente eram de repetição, os alunos tinham que saber todo o conteúdo decorado. A tabuada, por exemplo, tinha que estar “na ponta da língua”, pois, para a realização dos cálculos, todos deveriam saber sem consultar os apontamentos.

O 1º ano escolar era voltado basicamente para o ensino do ABC, como era chamado esse tipo de atividade na época. O aluno aprendia o nome das letras do alfabeto assim como também aprendia a fazer caligrafia e, nas demais séries escolares, a aprendizagem estava voltada para o domínio da leitura, da escrita e para a realização de cálculos matemáticos. A professora Gerda Bohrer descreve como ensinava a caligrafia aos seus alunos:

Existia o caderno de caligrafia, eu ensinava no quadro como fazer a letra 'a'. Eles deixavam em cima aberto. Não, tu volta lá e faz direitinho. A letra 'o' a mesma coisa, eles aprendem, se tu pega o caderninho de caligrafia e ensina eles fazer, eles aprendem. (BOHRER, entrevista em janeiro de 2013).

A memorização de conteúdos e textos era uma prática habitual durante as aulas das escolas de Canela no período do recorte histórico da pesquisa. Ana Glenda Viezzer Brussius (2013), ao falar sobre o Colégio Auxiliadora, relatou que a aprendizagem era feita através da memorização dos conteúdos. O ensino iniciava, por exemplo, pela escolha do texto pela professora para que o aluno pudesse memorizá-lo e, no dia seguinte, o aluno deveria falar sobre ele, em frente à sua turma, sem consultar o livro, fazendo a pontuação adequada. O mesmo método era utilizado para a tabuada.

O hábito de enviar lições para serem feitas em casa não era uma rotina nas escolas de Canela. Conforme as entrevistas, essa prática ficava voltada somente para aqueles alunos que tinham um pouco mais de dificuldades de aprendizagem e, sendo assim, o professor mandava lição para ser realizada em casa, mas não era sempre. No dia seguinte, as lições eram corrigidas, e aqueles que não acertavam recebiam ajuda individualizada.

Além do ensino formal, as irmãs Bernardinas, vinculadas a uma congregação americana, tinham conhecimento da língua inglesa e, em alguns momentos, durante o recreio ou no espaço dedicado a atividades livres, ensinavam aos alunos cantigas em inglês, conforme cita Ana Glenda Viezzer Brussius (2013). Elas também tocavam piano e cantavam as cantigas as quais os alunos, com o tempo, passaram a cantar também, mas sem saber o que aquilo significava, pois não havia tradução.

Para avaliar o ensino escolar dos alunos de Canela, eram realizadas provas mensalmente, ou como lembra Henrique Spindler (2013), a conhecida sabatina. Para a avaliação, era solicitado para os alunos que memorizassem todo o conteúdo estudado no mês e, no dia da sabatina, deveriam discorrer sobre todo o conteúdo memorizado. No final de cada ano, as notas mensais eram somadas e, após, divididas, tendo que atingir a média 7. Caso o aluno não atingisse a média, ele ainda tinha uma segunda chance e deveria realizar mais uma prova oral e, mesmo sendo de matemática, deveriam resolver os cálculos mentalmente e dar a resposta de forma oral.

Até o início da década de 1940, Canela contava tão somente com escolas isoladas e um grupo escolar que ofereciam apenas o ensino primário. Para aquela época, a escolarização até esse nível já era o suficiente, pois até mesmo alguns professores tinham apenas esse grau de escolarização. Frente a uma demanda que tinha como desejo prosseguir nos estudos, a

Escola Nossa Senhora Auxiliadora passou a oferecer o curso de admissão para o ensino secundário. O curso de admissão, que tinha a duração de um ano, era realizado após os alunos completarem o ensino primário. Quando terminava o curso, os alunos eram submetidos a uma prova para comprovarem se estavam aptos ou não a frequentarem o ensino secundário.

A prova final do curso de admissão na Escola Nossa Senhora Auxiliadora era feita através de prova escrita e prova oral como descreve Ana Glenda Viezzer Brussius (2013):

Se fazia provas e prova oral. Tinha tantos itens para estudar, capítulos pra estudar, aí sorteava um capítulo daqueles e tinha que falar sobre o assunto sorteado. A freira não ajudava, a gente tinha que falar, as vezes na história, na geografia. A gente tinha que falar, podia ser com as próprias palavras, desde que tu descrevesse certo o que estava ali. Era um terror, a gente ficava na sala de aula e a freira ficava em outra sala ou no próprio corredor com uma classe sentada. A gente saía lá da sala, sorteava um ponto na frente da irmã e sentava na cadeira, na classe na frente dela, e tinha que discorrer sobre o assunto. Isso era muito sério, era difícil, era um pavor. (BRUSSIUS, entrevista em janeiro de 2013).

De fato, o momento da avaliação era um dos mais importantes e dos mais tensos também para os alunos que tinham que realizar a avaliação e serem aprovados. Além de ter que saber todo o conteúdo do ano letivo, havia também a pressão do ambiente onde ocorriam as avaliações. Era no corredor da escola com uma das irmãs à espera do aluno para discorrer sobre o assunto. O momento foi marcante, pois ainda faz parte das memórias daqueles que fizeram parte daquelas atividades.

Assim como na maioria das escolas de diferentes contextos, a avaliação nas escolas do interior não era elaborada pela professora regente da turma. As avaliações vinham prontas da Secretaria do Estado, assim como as provas finais. Conforme Maria Tereza dos Santos Galle (2013), essas pessoas que vinham aplicar as provas ficavam vigiando os alunos no momento em que estavam fazendo a prova, era digno de medo. Na maioria das vezes iniciava a prova, e os alunos mal sabiam o significado de tudo aquilo, pois as provas eram elaboradas por outras pessoas, não condizendo com a realidade vivida pelos alunos de Canela.

Diferentemente das escolas isoladas, a avaliação das escolas evangélicas e luteranas eram elaboradas pelas próprias professoras da escola, sendo uma das questões de prova lembrada por Sheila Bertolucci (2013):

Eu lembro que tinha na prova uma pergunta assim: Qual instrumento que indica que vai chover? A menina respondeu: a patrola. Claro, cada vez que passava a patrola o pai dela dizia que ia chover e chovia (risos). (BERTOLUCCI, entrevista em janeiro de 2013).

Provas, avaliações, sabatinas, independentemente do nome que recebiam, fizeram parte do cotidiano das escolas de Canela como formas de medir o conhecimento, implantada em toda nação. Assim, as avaliações passaram a desenvolver a capacidade de memorização dos conteúdos transmitidos ou ensinados pelos professores.

Assim como as avaliações, os castigos estiveram presentes nas escolas em diferentes contextos, sendo eles aplicados por professores como forma de obter disciplina. Na compreensão da época de que não se educa sem punição, alguns foram os instrumentos e formas de castigos utilizados pelos professores para a obtenção da disciplina, entre eles: chicote, varas, ficar de joelhos sobre grãos de milho e a mais usada, no início do século XX, a palmatória, consagrando a ideia de que não é possível educar sem castigar.

No início do século XX, a humanidade encontrava-se em crise e, juntamente com ela, a escola. Desde a última década do século XIX, houve grandes movimentos em relação à modificação da pedagogia e das práticas escolares; eram mudanças que previam uma escola como lugar de instrução e educação, sendo a escola o principal meio de acesso ao progresso social. A esse movimento, denominaram de Escola Nova.

Frente a uma sociedade tão complexa e atravessada por tantos conflitos, como as guerras que ocorreram em vários lugares do mundo, pode-se pensar que a educação teve um importante papel nas reflexões do povo através das escolas, mas essa escola nem todos podiam frequentar, apenas uma pequena parte da sociedade rica, masculina e de origem branca.

Conforme Arriada e Tambara (2012, p. 74), as poucas crianças que frequentavam as escolas eram:

Segregadas do mundo, quando levadas para essas instituições, as crianças, aos poucos, descobriam a realidade do isolamento, as hostilidades dos colegas, as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem, etc. A permanência na escola, as severidades e ameaças dos professores marcavam as suas personalidades para o resto da vida.

Como refere Costa (2000), foi no final do século XIX e início do século XX que começam a surgir estudos sobre a criança na área da biologia e psicologia, sendo esse o período que foi marcado pelo desenvolvimento da ciência, resultado de muitas pesquisas e investigações. Vários autores contribuíram para as concepções que se tem hoje sobre infância, como: Maria Montessori, John Dewey, Celéstin Freinet, Walter Benjamin, Janusz Korczak, Edouard Claparède, Jean Piaget, Lev S. Vygotsky, Paulo Freire.

A nova visão sobre infância faz reflexões a respeito dos castigos e punições aplicadas no contexto escolar, conforme Veiga (2007, p. 218):

Os castigos ou sanções negativos estão em relação direta com a falta cometida, que quer dizer, tendem a pôr a criança em condições de melhor alcançar o fim julgado bom. Desta maneira, deixando o educador livre para aplicar a punição da melhor maneira que achar conveniente, mesmo que esta prática seja vista por muitos como inapropriada.

Nos anos 1900, um importante movimento em prol da educação começou a ser implantado no Brasil, era a Escola Nova, tendo em vista o progresso da nação. O projeto político republicano tinha como objetivo oferecer ensino para todos, mas teve caráter dualista, sendo a educação da elite voltada à continuidade dos estudos com ênfase nas ciências, e a educação do restante da população, a uma educação elementar e profissionalizante.

Com o advento dos novos conceitos, os castigos corporais foram perdendo força, mas isso não significou que eles desapareceram totalmente das práticas de sala de aula. Os castigos corporais, aos poucos, foram sendo substituídos pelos castigos morais, como ficar durante longo período de pé, virado para a parede. Além de sentir a vergonha moral pelo vexame do castigo, o corpo também ficava dolorido pelas horas de duração do castigo.

Esses comportamentos adotados pelas escolas ao longo dos séculos expressaram o que a escola nunca deixou de fazer, ou seja, de criar normas regulatórias para o funcionamento das escolas e da sociedade e, principalmente, disciplinar o aluno, tornando-o um ser passivo e de fácil condução pela sociedade.

Em Canela, algumas questões referentes aos castigos escolares foram narradas nas entrevistas. Conforme Rubens Hoffmann (2013), nas Aulas Públicas de Canela, no ano de 1929, quando um aluno se mostrava um pouco mais rebelde, este deveria copiar um grande trecho da matéria escolhida pelo professor. Isso configurava uma atitude modelo de pregação de moral e cívica para aqueles que fugissem das regras existentes.

Não era uma prática muito comum os alunos ficarem de castigo, mas quando alguma coisa desagradava o professor, eles então passavam a receber um castigo. Rubens Hoffmann (2013) relatou que certa vez um colega falou um palavrão na sala de aula e, como castigo, a professora ordenou que ele preenchesse as linhas de seu caderno com uma tarefa escrita. No outro dia, ele ficou de joelhos na aula e, depois disso, ele nunca mais apareceu no colégio.

O “palavrão” dito pelo aluno seguido de castigo levou-o a desistir de estudar, mesmo sendo ele o maior prejudicado, mas a vergonha superou a vontade de continuar a estudar. Certamente, o aluno, de alguma forma, guardou para sempre em sua memória o que aconteceu

na escola como uma experiência negativa, e isso também se constituiu em memória negativa para seus colegas.

Ao (re)lembrar suas memórias, Aura Jung Jardim (2013), sobre as punições enquanto aluna de uma escola em Canela, relatou que o professor fazia uso da régua para bater nas mãos daqueles que saíam dos padrões desejados de comportamento. A régua, nesse caso, além de auxiliar na hora da leitura no quadro ou de indicar pontos no mapa, servia também para castigar. O castigo poderia acontecer para punir pelas conversas em sala de aula ou pelos erros encontrados nas tarefas dadas pelo professor.

A régua de madeira também foi objeto usado para castigar o aluno na Escola Cristo Redentor para manter a disciplina na sala de aula, conforme relata Sheila Bertolucci (2013). Além da régua usada para bater nas mãos dos alunos, havia também o castigo dos grãos de milho usados para os alunos ajoelharem em cima nos casos de indisciplina e desordem ou até dificuldades de conteúdos escolares. A forma mais branda de castigar era quando os professores advertiam e chamavam a atenção do aluno em frente aos demais colegas, como também enviar bilhete para os pais contando o ocorrido.

Sheila Bertolucci (2013) (re)lembra de um castigo que recebeu, pois tinha dificuldade na escrita de palavras com o ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’: “Eu sempre colocava ‘n’”, dizia ela. Certa vez, em uma aula, a professora resolveu dar-lhe um castigo que consistiu em escrever cem vezes a mesma frase: “devo usar a letra ‘m’ quando anteceder as letras ‘p’ e ‘b’”.

Em relação aos castigos aplicados nos alunos, Sheila Bertolucci (2013) relata:

Sempre tinha uns que entravam no laço mesmo, as vezes de bater com a mão, então eu me lembro. Tinha o Jacó, acho que ele já morreu, ele ia com uma capa grossa pra escola porque ele tava sempre aprontando, e o professor tinha uma vara de vime em cima da mesa e pegava e dava no Jacó. Um dia o Jacó pegou quebrou todo o vime, daí foi pior. As professoras eram mais calmas. (BERTOLUCCI, entrevista em janeiro de 2013).

Nas escolas do interior de Canela, também havia aplicação de castigos, conforme relata Maria Tereza dos Santos Galle (2013), destacando que, ao se fazer qualquer coisa que a professora julgasse como errada, o aluno era punido com castigo.

Naquele tempo tinha uma professora chamada Lorena, era minha prima, ela era tão braba que tinha uma vara tão comprida que de onde ela tava da mesa, ela dava nas costas dos alunos. Eu sempre fui muito quieta, não ganhava castigo mas eu via as crianças ir pro castigo. Quando não sabia fazer, ajoelhava na porta da escola com as mãos levantadas pra cima. Depende o que fazia, ainda colocava uns grãos de milho. Ia pro castigo se surrava alguém, se falava um nome muito feio, se jogava uma pedra, já ia pro castigo. (GALLE, entrevista em fevereiro de 2013).

Diferente das outras escolas, nas quais os castigos eram aplicados para punir os alunos que fugissem do comportamento estabelecido pelos professores, as irmãs Bernardinas não tinham como hábito punir os alunos com castigos, somente em última circunstância. A forma mais aplicada era o uso de advertências orais aplicadas aos alunos que, de alguma forma, estivessem fugindo às regras da escola. Primeiramente, o aluno assinava uma advertência e, após a terceira advertência, os pais eram solicitados a comparecer à escola para ficarem a par do que estava ocorrendo com o filho. Para assinar a advertência, deveriam ter brigado com outro colega ou se não tivesse feito o dever de casa ou, até mesmo, por ter tirado notas baixas nas avaliações.

Sempre se tinha muito respeito pelos professores na escola, e uma das formas de respeito era não fugir às regras, conforme Ana Glenda Viezzer Brussius (2013) relata:

As irmãs eram rígidas na disciplina. Claro que para falar tinha que levantar a mão. Não podia falar em sala de aula mas era uma coisa natural, respeito sabe, era o respeito que o aluno tinha pelo mestre e a gente não ultrapassava, a gente realmente respeitava, e elas eram enérgicas, rígidas, colocavam no castigo é claro, botavam no castigo no canto. Tanto meninos como meninas, se conversasse um com o outro ou se mexesse, fazer uma brincadeira sabe, fazer uma bobagem assim, bem infantil, ia pro canto. (BRUSSIUS, entrevista em janeiro de 2013).

Segundo Gerda Bohrer (2013), nas escolas do interior onde lecionou na década de 1950 não havia muitos problemas com a disciplina em sala de aula, mas alguns colegas de profissão usavam o castigo como punição. Os castigos citados por ela foram: ajoelhar-se em cima de grãos de milho, ficar com o rosto encostado na parede, algumas professoras tinham o hábito de deixar os alunos sem recreio e sem poder comer a merenda.

Conforme narra Maria Tereza dos Santos Galle (2013), algumas professoras eram mais enérgicas, mas elas tinham também os momentos de carinho com os alunos.

O não saber realizar uma tarefa, ter uma dificuldade maior na aprendizagem passou a ser um sofrimento maior para os alunos, pois além de eles não conseguirem realizar a tarefa ainda recebiam castigo por ter a dificuldade. Frente a esse contexto, muitos alunos ao longo dos anos abandonaram os bancos escolares levando consigo o analfabetismo e o castigo como questões negativas, como algo próprio da educação escolar.

Apesar de a escola ser um local onde os alunos eram sempre vigiados, tendo que apresentar um bom comportamento e ter bons resultados nos exames, havia um momento em que os alunos podiam ter um pouco mais de liberdade e poderem brincar com os colegas.

As brincadeiras livres ou dirigidas dependiam do local disponível que a escola tinha para os alunos poderem brincar. No Grupo Escolar João Corrêa, no recreio, conforme

Henrique Splinder (2013) os meninos brincavam com bola, mas não se sabia ao certo como jogar, apenas chutavam a bola. O espaço físico era muito restrito, não se podia fazer grandes coisas.

Os alunos que frequentavam a Escola Nossa Senhora Auxiliadora brincavam sob a vigilância das Irmãs Bernardinas que, segundo Ana Glenda Viezzer Brussius (2013), esporadicamente ensinavam algumas brincadeiras que aconteciam no pátio da escola, ou no porão da escola, principalmente nos dias de chuva, pois era um prédio muito alto, então se podia brincar naquele local.

O momento tão esperado por alguns alunos, embora para outros alunos nem tanto, conforme relata Maria Tereza dos Santos Galle (2013), aluna bolsistas do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora, era a hora do recreio, mas este horário também era destinado à limpeza da sala de aula. Quem fazia este trabalho eram as alunas bolsistas que não podiam sair da sala para o recreio antes de limpá-la e o mesmo ocorria ao final da aula. Os demais alunos iam embora, mas os alunos bolsistas ficavam fazendo a limpeza da sala, pois não havia pessoas responsáveis pelos serviços gerais. Após as alunas bolsistas terminarem as atividades determinadas pelas irmãs, poderiam então se dirigir para o pátio da escola para brincar. Galle (2013) relembra também que algumas das brincadeiras realizadas no recreio eram as cantigas de roda, pega-pega e ovo-choco, entre outras.

O horário do recreio também era destinado para os alunos comerem a merenda que traziam de casa. Geralmente aqueles que moravam próximos da escola não levavam merenda, mas os alunos que percorriam longas distâncias para chegar à escola e depois retornar para suas casas costumavam levar merenda. Geralmente a merenda levada pelos alunos consistia em um pão com banha ou chimia, também podia ser a fruta da época entre elas a bergamota, caqui, laranja entre outras, conforme lembra Ana Glenda Viezzer Brussius (2013).

No início da década de 1950, a professora Aura Jung Jardim (2013) relata a forma como iniciaram os primeiros movimentos relacionados à merenda na escola em Canela.

O município não mandava merenda pras escolas. Daí eu tinha pena, era umas criancinha muito pobre, eu pedia pra minha mãe todo dia uma sopa pra dá pra aquelas criancinha. Depois mudei de escola, daí nós fazia sopa, a prefeitura comprou um fogão e nós mesmo, as professora fazia, nós pedia pras criança que levasse uma coisinha que tinha em casa e nós levava também alguma coisa que tinha em casa e fazia a sopa. Ai nos deram a doméstica pra nós (risos) pra nossa escolinha. (JARDIM, entrevista em fevereiro de 2013).

Ao final da década de 1950, a Escola Estadual Luíza Corrêa passou a receber a merenda escolar, vinda do governo, mas que, segundo Ana Glenda Viezzer Brussius (2013),

era muito complicado, pois nunca era o suficiente e tinha sempre que pedir ajuda dos alunos para complementar a merenda, como relata:

Tinha aquele triguinho, trigo Bulgor, que é tipo essa proteína de soja, só que era trigo, era um grãozinho miúdo, tinha que deixar de molho, cozinhava e depois misturava com fruta ou colocava na sopa. Com frutas era maravilhoso. Então a gente dizia pras criança: amanhã todos vão trazer uma laranja. Aí elas cozinhavam aquilo e colocavam a laranja picada junto e açúcar, era muito gostoso. De manhã a maioria era sopa com aqueles mesmo trigo podia pôr na sopa com verdura, então pedia pros aluno: trás cenoura, repolho, couve, a maioria trazia, participava sim. (BRUSSIUS, entrevista em janeiro de 2013).

Tanto as escolas de iniciativa particular quanto as vinculadas à igreja, as estaduais e, posteriormente, as municipais, nas primeiras décadas do século XX, não tinham em sua rotina o hábito de fornecer merenda aos alunos. Esse fato só iniciou em meados da década de 1950 e, após, essa data, de forma lenta e gradual, começou a fazer parte do cotidiano das escolas.

Diferentemente da merenda escolar, o uniforme escolar, segundo Marcon (2010), foi utilizado pelos alunos, no Brasil, entre 1800 e 1900, com o advento da Escola Normal, mas, de fato, seu uso só se efetivou nas décadas de 1920-1930, com o objetivo de tornar visíveis as cores, o nome e o símbolo da escola. Nessa simbologia do uniforme, havia também uma mensagem subliminar que obrigava os alunos a terem uma postura exemplar zelando pelo bom nome da escola.

O estudo de Marcon (2010) referente ao uso dos uniformes escolares destaca que eles serviam e servem ainda para indicar a instituição a qual o aluno pertence e, de maneira indireta, qual a sua posição frente à sociedade, se pertence ou não a uma determinada escola e, atualmente, o uniforme serve até como forma de segurança.

No entendimento de Ribeiro e Souza (2012), o uniforme escolar se constituía como um dos artefatos de disciplina, funcionando como dispositivo normatizador de conduta dos corpos e também como homogeneizador do espaço escolar. O uniforme era visto como um instrumento de poder que acabava atuando sobre o corpo e representava uma forma de controle e vigilância que acompanhava o indivíduo onde quer que ele estivesse.

Nas primeiras escolas de Canela, não se teve a obrigatoriedade do uso de uniformes, mas sim uma certa padronização no vestuário daquilo que se entendia como uniformização. Nas fotografias que, para a época, simbolizavam momentos importantes, as roupas dos alunos se apresentavam como um elemento de uniformização diante da diversidade visível, mesmo que muitos deles estivessem de pés descalços.

Segundo Aura Jung Jardim (2013), na Escola Isolada do Canelinha, o uso do uniforme era destinado aos dias de festividade e nas datas cívicas, como, por exemplo, no desfile de 7 de setembro, nas festas da escola, na apresentação de teatro e também na visita de algumas pessoas consideradas ilustres.

O objetivo da visita do governador a Canela estava vinculada à inauguração da Usina Hidrelétrica da Toca. No trajeto para a usina, o governador fez uma parada para receber as homenagens da Escola Isolada do Canelinha. Na ocasião, os alunos cantaram o Hino Nacional e leram mensagens enaltecendo o Brasil.

As imagens (figuras 36 e 37) retrata o momento da visita do governador do Estado, Getúlio Vargas, podendo-se observar a padronização das roupas usadas pelos alunos para o momento das homenagens.

Figura 36 – Alunos da Escola Isolada do Canelinha



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: na imagem, os alunos da Escola Isolada do Canelinha aparecem enfileirados e, indicado pela flecha, aparece o professor Carlos Worttmann. As meninas usam vestido branco e meias compridas até o joelho, e os meninos, calça em um tom mais escuro e camisa branca. Atrás, podem-se observar alguns curiosos com o evento.

Figura 37 – Professor Carlos Worttmann recebendo o Governador do Estado Getúlio Vargas



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: de costas, o professor Carlos Worttmann, indicado pela flecha, recebendo o Governador do Estado Getúlio Vargas acompanhado do Coronel Theodomiro Porto da Fonseca.

Na maioria das escolas de Canela predominava as cores azul e branco. As meninas usavam blusa branca e saia azul plissada ou pregueada, e os meninos usavam camisa branca e calça azul marinho. O uso do uniforme escolar não era obrigatório, apenas era usado em ocasiões consideradas por eles especiais, como, por exemplo, o dia de receber o Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Assim como as escolas isoladas localizadas nas regiões mais centrais, as escolas da zona rural de Canela na qual Maria Tereza dos Santos Galle foi aluna, em algumas ocasiões os alunos eram solicitados para que usassem o uniforme escolar.

O uniforme era um guarda-pó branco com um quepe branco, de preferência usá-lo todo dia. Mas eu tinha um só guarda-pó. E para lavar se usava anil, minha mãe usava aquilo era uma pedrinha azul que colocava na água e depois de seco era passado a ferro. A gente tinha um só, eram sete filhos, cada um tinha um só. (GALLE, entrevista em fevereiro de 2013).

O cuidado que se deveria ter com o uniforme perpassa desde os alunos até suas mães que deveriam manter a higiene e a ordem das roupas para que pudessem usar nos dias solicitados pela escola.

Na escola Nossa Senhora Auxiliadora, conforme Ana Glenda Viezzer Brussius (2013), o uniforme escolar era na cor azul marinho e branco, as meninas usavam uma blusa branca de manga longa e por cima uma regata azul e da cintura para baixo era uma saia pregueada, depois de algum tempo se usou somente blusa e saia, para as aulas de educação física as alunas usavam uma saia-calça, toda pregueada, e também não podia dispensar o tope azul na cabeça.

Na Escola Frederico Mentz, o uniforme consistia em uma blusa branca, saia azul e gravata marinho que, conforme Sheila Bertolucci (2013), nos dias em que os alunos eram solicitados a comparecer com o uniforme, este deveria chegar impecável, sem estar amassado ou sujo, e o uso dele não era diário, somente em ocasiões especiais.

O uniforme usado na Escola Cristo Redentor consistia somente de um colete bordô com as iniciais do nome da Escola Evangélica Luterana Cristo Redentor (EELCR) bordado a mão e, segundo Sheila Bertolucci (2013), os coletes eram tricotados manualmente, cada um era livre para confeccionar o seu, desde que fosse colete na cor bordô contendo as iniciais do nome da escola.

Os uniformes escolares eram usados pela maioria das escolas no desfile em comemoração à Semana da Pátria, em 7 de setembro. As escolas que participavam do desfile cívico saíam pelas ruas de Canela, em filas organizadas, muitas vezes sem saber ao certo o que estavam fazendo, conforme narra Aura Jung Jardim (2013):

Eu me lembro muito quando chegava a semana da pátria. Como nós era patriota! O professor transmitia aquilo pra gente, sabe. De dizer poesia, canta, então a gente se orgulhava, então a gente dizia aquelas poesias, dizia com orgulho da pátria, com orgulho, com patriotismo. No dia 7 de setembro, a gente treinava e eu era bem metida, eu ajudava as crianças, eu era bem pequena mas eu ajudava a colocar na fila, nós tinha que marcha. (JARDIM, entrevista 2013).

Segundo Bencostta (2011), foi através do programa de Educação Moral e Cívica que foi dado início ao processo de inculcação dos valores patrióticos nas crianças, pois a crença da época era a de que, através das escolas, seria garantida a construção de uma nação civilizada. Esses valores tinham como objetivo despertar os sentimentos de amor e dever à família, à sociedade e, principalmente, à pátria. Todos esses comportamentos de respeito eram estimulados através de palestras e, nesse ambiente civilizatório e patriótico, emergem os desfiles e festas patrióticas, como define Bencostta (2011, p. 76):

Os desfiles patrióticos dos grupos escolares são vistos como uma forma de imprimir sentimentos cívicos, principalmente pelo fato de as autoridades de ensino responsáveis pela sua organização compreenderem essas celebrações como coparticipantes da organização da comunidade escolar frente à vida social.

Na narrativa de Aura Jung Jardim (2013), falando de seu tempo de criança, os desfiles de 7 de setembro eram um dos momentos mais aguardados por todos os alunos da escola, pois eram a única chance que tinham de sair de casa e da escola. Mas as escolas do interior não participavam desses acontecimentos, devido à longa distância que os professores e alunos deveriam percorrer para chegar até o lugar do desfile, não tendo nem como se deslocar até o local do evento.

Na imagem (figura 38), o momento do desfile cívico em Canela na Rua Dona Carlinda esquina com a Rua João Pessoa, no ano de 1953.

Figura 38 – Desfile cívico em Canela



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

Nota: desfile de 7 de setembro do ano de 1953, com destaque para os uniformes escolares, as meninas usando saia longa de cor escura e camisa branca de manga longa e os meninos de calça escura, camisa branca e gravata.

Figura 39 – Desfile escolar de 7 de setembro de 1957 em Canela



Fonte: arquivo pessoal de Antônio Olmiro dos Reis.

A imagem (figura 39), do ano de 1957, confirmam a permanência dos desfiles da Semana da Pátria e o uso do uniforme escolar. Veem-se os alunos muito bem alinhados e organizados, sendo conduzidos pelos professores que seguiam com eles lado a lado.

Ribeiro e Souza (2012), ao analisarem o uso dos uniformes escolares nos desfiles cívicos, consideram que:

O uniforme escolar, no contexto do lugar transitório da rua, passa a ter o efeito panoptizador. A rua não pode ser considerada um lugar panóptico por excelência, mas se caracteriza por servir como uma extensão do poder regulador que atua sobre os corpos através do uniforme escolar, uma vez que os sujeitos que os vestem (os alunos) representam a instituição através dos trajes, dos símbolos, das cores e da organização espacial e física. (RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 213).

Com esse olhar, o momento festivo representava muito mais do que apenas celebrar a Independência do Brasil, mas também representava um ajustamento do cidadão regulado pela obrigatoriedade do uso do uniforme. O aluno, ao vestir o uniforme, sabia que ele estava ressignificando a instituição de ensino representada simbolicamente no uniforme usado por ele. Daí a enorme responsabilidade toda vez que o aluno usava o uniforme da escola em que estudava, porque ele era o símbolo daquele espaço e das ideias defendidas pela escola.

Além do dia 7 de setembro em comemoração à Independência do Brasil, o dia da criança foi outra data presente nas escolas, lembrada através das narrativas dos entrevistados que fizeram parte daquele contexto.

Segundo Bencostta (2011), ao lembrar as datas cívicas através das comemorações vividas pela escola, o dia da criança foi proclamado também como um dos pontos altos das manifestações programadas no calendário escolar, datas em que atividades recreativas e políticas eram postas em cena, não deixando de se manifestar o estreitamento de laços, comunhão e solidariedade cívica entre alunos, professores, funcionários e também familiares, todos congregados no espaço escolar.

Como lembra Maria Tereza dos Santos Galle (2013), o dia das crianças era o mais aguardado pelos alunos, pois saíam da escola para fazer piqueniques em grandes descampados próximos à escola. Os professores organizavam brincadeiras para os alunos, era tudo muito simples, mas os alunos achavam o máximo. Essa comemoração se tornava o único momento em que os alunos podiam sair da escola para um passeio, sem ter que se cuidar para não sujar ou amarrotar o uniforme, como acontecia no desfile cívico. Era um momento próprio para as crianças, para seu lazer e divertimento.

As memórias narradas pelos entrevistados sobre o ensino em Canela passaram a ser apenas uma parte das experiências vividas, das relações estabelecidas e das emoções vivenciadas na construção da história da educação de Canela, que já passou, é verdade, mas que deixou marcas significativas nas práticas escolares vividas ainda hoje em novas redes de significação.

Ao narrar as práticas escolares, compreendo que elas passam a ser vivenciadas pelos sujeitos da escola e que estão associadas a ideias de que o ensino e as práticas escolares são procedimentos que acontecem na escola como também a participação dos sujeitos envolvidos neste processo.

A escola em Canela este presente desde os primeiros movimentos de povoamento, e passou a se consolidar a cada década, fossem elas públicas, privadas ou de caráter religioso, sendo os professores os responsáveis pelas prescrições legais e as condições materiais que possuíam para o ensinar e o aprender.

Através das memórias dos entrevistados, que vivenciaram estes momentos foi possível conhecer parte da história da educação de Canela assim como ocorriam as práticas escolares, ficando assim, através deste estudo, o registro sobre a escolarização desta localidade, sendo que foram feitas escolhas, determinado certos limites, encontrado alguns obstáculos e feito

restrições para que pudesse ser concluído dentro das possibilidades daquele que escreve com sua cultura e subjetividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, quero utilizar, como uma metáfora, o jogo de quebra-cabeça, um passatempo muito antigo e jogado por vários sujeitos, para referir o objeto de nosso estudo. Esse jogo, em sua totalidade, é o período temporal delimitado da pesquisa, e as histórias narradas pelos sujeitos são as peças que o compõem. Em se tratando de um quebra-cabeça muito antigo, ao longo do tempo, as peças foram se perdendo e algumas lacunas e espaços ficaram abertos. Entretanto, os espaços em branco das narrativas e as lacunas temporais não são impedimentos para este estudo.

O que se pode afirmar é que, para a montagem desse quebra-cabeça, a pesquisa ancora-se nos pressupostos teóricos da História Cultural, pois são seus princípios teóricos que fundamentam a interpretação dos fatos aqui narrados, através das narrativas colhidas, fotografias e documentos. Sendo assim, a análise dos fatos prescinde da sua ordenação cronológica, porque o desejável é captar as impressões dos sujeitos sociais que viveram num determinado contexto e período temporal sem que sejam priorizados os fatos situados na ordem em que ocorreram.

Nesse sentido, ao concluir a pesquisa *Memórias de professores e alunos no contexto escolar de Canela/RS (1930-1960)*, fica a certeza de que algumas questões ainda permanecem abertas, o que, entretanto, possibilita sugerir que novos estudos possam ser feitos, ou seja, a educação, visando a aprofundar este tema tão relevante para a reconstrução da trajetória da educação no município de Canela.

Escrever a respeito da cidade em que se nasceu e se permaneceu até os dias atuais gerou uma grande responsabilidade, pois o envolvimento emocional está muito presente em todos os momentos, tendo-se que fazer o movimento de colocar-se no lugar discursivo de observadora dos fatos, e isso se constituiu em um desafio grande. Para escrever o que já foi vivido ou falado, é preciso que se façam reflexões e interpretações sobre o passado a partir de alguns indícios existentes sobre o tema delimitado para a pesquisa, para que, à medida que se interpreta a cultura existente, se possa reconstituir a rede de significados possíveis.

Para iniciar a montagem do quebra-cabeça, algumas decisões tiveram que ser tomadas, como, por exemplo, por onde começar a pesquisa e o que de fato seria viável pesquisar dentro do prazo proposto, pois, mesmo que as fontes para a pesquisa apresentem grande potencialidade, há sempre a contingência de, ao escolher determinados referenciais teóricos metodológicos, selecionar algumas possibilidades de estudo em detrimento de outras.

Com esta pesquisa, procurou-se demonstrar como ocorreu a constituição do ensino em Canela nas décadas de 1930-1960, um ensino voltado para a aprendizagem da leitura, da escrita e da realização das quatro operações básicas, tendo como método a memorização, com iniciativas da abertura de aulas pelos professores que passam a residir na localidade e destinando parte de suas casas para que a escola funcionasse. Apesar de algumas limitações encontradas pelos professores, como a falta de um espaço adequado para os alunos, elas não foram impedimentos para que os professores dessem seguimento ao trabalho a que se propuseram, que era o de ensinar.

As crianças que passaram a frequentar as escolas eram filhos daqueles que buscaram no lugarejo mais oportunidades de trabalho nas madeireiras que se instalaram em Canela, passando a matricular os filhos nas aulas.

Ainda que as primeiras iniciativas de escolarização estivessem voltadas para o imprevisto, o ensino não deixou de prosperar, pois em 1930 já houve a necessidade da criação do primeiro Grupo Escolar, denominado João Corrêa, para abrigar duas aulas que ocorriam separadamente, e a chamada de mais professores para atender à crescente demanda.

Como pode ser visto neste trabalho, até o processo de municipalização de Canela, em 1944, existiam poucas escolas, sendo que posteriormente várias outras escolas passaram a fazer parte do contexto de Canela, localizando-se a maioria delas no interior de Canela.

Ao iniciar o trabalho, destacaram-se algumas questões que foram consideradas essenciais para que a pesquisa pudesse ser realizada como, por exemplo, quem eram os professores e os alunos, como ocorriam as aulas, quais os materiais utilizados nas aulas, entre outras questões. Muitas delas puderam ser respondidas dentro do possível e de acordo com a memória daqueles que fizeram parte daquele contexto, e suas contribuições foram significativas.

Canela, assim como outras localidades, com o progresso e o crescimento econômico, ensinaram que as famílias privilegiassem a educação como uma opção para seus filhos. Independentemente das condições financeiras em que se encontravam as famílias. Da mesma forma, entretanto, que o progresso chegou até esse município, ele também passou ao declínio. Isso levou ao fechamento do primeiro e único Ginásio da cidade, mas os alunos não ficam desassistidos, pois a rede estadual passou a contar com um número maior de estabelecimentos de ensino.

Ao narrar parte da história da educação de Canela, foi possível relembrar e entender o processo de construção e de estruturação das primeiras escolas de Canela. E mais do que isso, houve a possibilidade de sistematização dos conteúdos programáticos para a comunidade

canelense, e as histórias ocorridas no interior das escolas indicaram o papel significativo do ensino ministrado em diferentes períodos e contextos.

É pertinente destacar que muitas indagações deixaram de ser respondidas neste estudo, pois, frente a tantas informações, alguns assuntos foram contemplados, e outros foram relegados em virtude da falta de registro ou memória. Vale a pena ressaltar que vários outros entrevistados também estavam dispostos a contribuir com suas memórias, mas levou-se em consideração o tempo para a elaboração do trabalho.

Muitas vezes a emoção tomava conta dos entrevistados, e com ela viam-se os olhos encherem-se de lágrimas, como, por exemplo, os de Maria Tereza dos Santos Galle, quando recordou a saudade que sentiu de sua família quando teve que estudar no internato. Como tinha muitos sonhos, tudo suportou e até forças encontrou para realizar tarefas como a de limpar a escola após o expediente escolar. Mas a sua foto está no quadro de formatura da escola, junto com os outros colegas cujos pais tiveram condições de pagar pelos estudos deles. E ela se tornou professora.

O sonho de ser professora de Ana Glenda Viezzer Brussius esbarrou também na saudade e na dificuldade de se distanciar de sua família para poder ser professora ao buscar em Porto Alegre a complementação necessária para poder dedicar-se ao magistério. Segundo Ana Glenda, em sua casa nunca faltou nada, nunca houve grandes necessidades, mas foi com a sua remuneração de professora que sua família pôde ter um pouco mais de conforto. É dela a afirmação a seguir:

Na minha casa não existia geladeira. Eu comprei geladeira pra minha casa, voltei para casa, quando eu comecei a trabalhar, comprei a primeira geladeira da minha família com meu salário de professora, antes da geladeira eu comprei um aparelho de som, uma eletrola que era um móvel muito bonito, com portas, caixas, os autofalantes, um móvel muito bonito eu comprei no Calcanhoto em Caxias do Sul (risos).

Por incentivo do professor Carlos Wortmann, ainda que sua mãe acreditasse que pobre não poderia ser professor, Aurea Jung Jardim, de tanto ouvir de seu professor que deveria ser professora, ela conseguiu o seu primeiro emprego de professora, aos 14 anos de idade, de maneira informal e até mesmo relutando em ir, quando aceitou o convite para dar aula numa fazenda para os filhos do fazendeiro. Isso, entretanto, não lhe agradou de forma alguma, mas venceu esses sentimentos negativos e formou-se professora.

Sua formação veio ao longo dos anos enquanto atuava como professora em algumas das escolas em Canela. Estudava no período de férias da escola, momento muito esperado por ela, pois sabia que ia conseguir qualificar-se para o exercício do magistério. A profissão de professora foi honrada sempre por ela, pois, como narrou, não frequentava qualquer lugar, pois professora tinha que ser correta.

As memórias narradas pelos entrevistados sobre o ensino em Canela passaram a ser apenas uma parte das experiências vividas, das relações estabelecidas e das emoções vivenciadas na construção da história da educação de Canela, que já passou, é verdade, mas que deixou marcas significativas nas práticas escolares vividas ainda hoje em novas redes de significação.

Sobre as práticas escolares, elas vão se constituindo ao longo dos tempos, relacionadas diretamente ao discurso escolanovista vigente entre os anos de 1920-1930, vindo a dar os primeiros passos para uma escola renovada, apontando para um aspecto fundamental com relação a análise das práticas escolares como práticas culturais.

Por um lado, ocupar-se do mapeamento dos lugares de poder constituídos, inventariando estratégias. Por outro lado, conferir atenção as ações dos indivíduos, nas relações que estabelecem com os objetos culturais que circulam no interior das escolas, esmiuçando astúcias e atentando para a formalidade das práticas. Nos dois procedimentos é necessário ter clareza de que os sujeitos encarnaram representações que se produzem nas situações concretas do fazer ordinário da escola (VIDAL, 2005, p. 62).

Ao narrar as práticas escolares, compreendo que elas passam a ser vivenciadas pelos sujeitos da escola e que estão associadas a ideias de que o ensino e as práticas escolares são procedimentos que acontecem na escola como também a participação dos sujeitos envolvidos neste processo.

Para a tessitura desta dissertação, apenas foi possível narrar parte da história da educação de Canela entre 1930-1960, deixando aqui espaço para que estudos posteriores possam ser realizados incentivados por esta escrita. Serão novos olhares, novas histórias, novas narrativas e novos sujeitos agentes da evolução histórica da educação em Canela.

No papel de pesquisadora, busquei construir relações a partir das vivências com os entrevistados. Uma atitude foi a de me colocar o mais próximo daquela realidade, a fim de que a escrita legitimasse o que foi narrado quanto à lágrima no canto do olho, com as gargalhadas, quando eles dizem: tá na ponta da língua, mas às vezes, a memória falha.

Chega-se ao fim, mas já com o desejo de voltar para lá, para o início da pesquisa, para lembrar as manhãs e tardes em que se ouviam histórias serem contadas, mais histórias e muitas histórias. E foram elas que me proporcionaram o deleite de fazer uma escrita repleta de significados, sentimentos e representações. Uma escrita que não finda o assunto, mas abre possibilidades para tantas outras que virão.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa: um estudo historiográfico*. PUC-SP/2007.
- ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar Antônio Callegaro. A cultura escolar material, a modernidade e a aquisição da escrita no Brasil no século XIX. **Educação**. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p.73-88, jan./abr. 2012.
- BECKER, Jean-Jacques. O handicap do à posteriori. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). **Usos & abusos da história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (v. III). p. 68-86.
- BERGOZZA, Roseli Maria. **Escola complementar de Caxias: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5ª ed. São Paulo, Perspectiva. 1999.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- CANELA É UMA PAIXÃO NATURAL. Disponível em:
<<http://www.canelaturismo.com.br/>>. Acesso em 03 ago. 2012.
- CASTELLI ESCOLA SUPERIOR DE HOTELARIA. Disponível em:
<<http://www.castelli.edu.br/site/gestao-em-gastronomia.asp>>. Acesso em: 20 nov. 2014.
- CASTRO, Raquel Xavier de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Cultura material da escola: entrem em cena as carteiras. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (orgs.). **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – séculos XIX e XX)**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 169-185.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Diel. Coleção Memória e Sociedade, 2002.

COSTA, Márcia Rosa da. **Eu também quero falar**: um estudo sobre infância, violência e educação. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

DALLABRIDA, Norberto. Das escolas paroquiais as PUCs: República, Recatolicização e Escolarização. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**: século XX. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (v. III). p. 77-86.

DAROS, Marília. Criação da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes do Povoado de Canela. In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Véra Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 244-253.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação da história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FELDMANN, Leopoldo Walter. Comunidade Evangélica São João de Canela. In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Véra Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 265-271.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). **Usos & abusos da história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes. Histórias das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Educação Contemporânea). p. 31-57.

GONÇALVES, Rita de Cássia. A arquitetura como uma dimensão material das culturas escolares. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (orgs.). **Objetos da escola**: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012. p. 27-62.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálisis**. Florianópolis, número especial, v. 10, p. 83-92, 2007.

HOFFMANN, Rony. Comunidade Evangélica Luterana Cristo Redentor. In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Véra Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 260-265.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 03 ago. 2012.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 1, 2001.

KINCHESECKI, Ana Paula de Souza; NEVES, Tainara Lemos das. Objetos da escola e preceitos higienistas: condutas no Grupo Escolar Lauro Müller. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (orgs.). **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar** (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012. p. 129-147.

KOPPE, Iraci Casagrande. A família Franzen e o Gramado. In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 156-160.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1996.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes da região colonial italiana do RS – 1875 a 1930**. Leggere, Scrivere e Calcolare per essere alcuno nella vita. 2007. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

MARCON, Mônica D'Andréa. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

OLIVEIRA, Pedro. Atividades comerciais de Canela nas décadas de 1930/1970. In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 198-201.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PETIT, Eloísa Corrêa. Coronel João Corrêa da Silva – história e vida. In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 72-101.

PINTO, Alfredo Clemente. **Seleção em Prosa e Verso: dos melhores autores brasileiros e portugueses**. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1884.

REIS, Antonio Olmiro dos; VEECK, Marcelo Wasem; OLIVEIRA, Pedro Antonio de. **Canela: por muitas razões**. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2000.

REIS, Antônio Olmiro dos. Canela por muitas razões... In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 496.

RIBEIRO, Ivanir; SOUZA, Luani de Liz. Corpos escolares, leitura de imagens: o uniforme escolar. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (orgs.). **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar** (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012. p. 203-220.

SAVIANI, D. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; JESUS, Camila Mendes de; FERBER, Luiza Pinheiro. O mínimo necessário: mobiliário escolar de escolas isoladas (Santa Catarina, 1910-1920). In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela (orgs.). **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar** (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012. p. 149-167.

SILVEIRA, Elody Cardoso Alves da. A formação de Canela em três biografias. In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Véra Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 57-60.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, memória e história da educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX**. 4. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2011. (v. III). p. 416-429.

STOLTZ, Roger. Primórdios de Canela. In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Véra Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 27-38.

STOLTZ, Roger. **Primórdios de Canela: nascente turístico do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: NBS, 1992.

TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal, e feminilização: magistério sul-riograndense de instrução pública no século XIX. **História da educação**. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, n. 3, p. 35-58, abr. 1998.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. A Produção de Identidades Alfabetizadas Sul-Rio-Grandenses na Intersecção de Influências Europeias e Latino-Americanas. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 2, v. 53, p. 303-318, maio/ago. 2004.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Disponível em: <<http://www.ucs.br/site>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

VALE, Antônio Marques. Sobre a história do professor leigo do Brasil (Paraná) nos séculos XX – XXI: Diversidades das situações, precariedade, desafio econômico-político e ético. 2010.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. **Educação**. Santa Maria, v. 30, n. 02, p. 177-194, 2005.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. O mestre-escola e a professora. In. LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. (orgs.). **500 anos da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIÑAO FRAGO, Antônio. História de la educación y história cultural. Posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro – Dez. 1995 n.0 p. 63-82

WORTMANN, Zilda. Professor Carlos Wortmann: uma lição de vida. In: OLIVEIRA, Pedro; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (orgs.). **Raízes de Canela**. Porto Alegre: EST, 2003. p. 165-168.

ANEXO A – LISTA DE ENTREVISTADOS

BERTOLUCCI, Sheila. Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2013.

BOHRER, Gerda Selany Willrich. Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2013.

BRUSSIUS, Ana Glenda Viezzer. Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2013.

CASTELO BRANCO, Inerci. Entrevista realizada em 16 de fevereiro de 2013.

GALLE, Maria Tereza dos Santos. Entrevista realizada em 05 de fevereiro de 2013.

HOFFMANN, Rubens. Entrevista realizada em 17 de janeiro de 2013.

JARDIM, Aura Jung. Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2013.

SPINDLER, Henrique Adolfo. Entrevista realizada em 15 de janeiro de 2013.

ANEXO B – DECRETO MUNICIPAL



PREFEITURA MUNICIPAL DE CANELA
Estado do Rio Grande do Sul

DECRETO MUNICIPAL Nº133/80

"CRIA E DENOMINA ESCOLAS MUNICIPAIS"

BENITO BERTOLUCI, Vice-Prefeito Em Exercício do Município de Canela, Estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas atribuições legais,

D E C R E T A :

Art. 1º - São criadas e denominadas as Escolas Municipais de Canela, com sua localização e data de início de funcionamento das atividades docentes.

Nº	D e n o m i n a ç ã o	L o c a l i z a ç ã o	Início de Funcionamento
01	E.M. Barão do Rio Branco	Saiqui	1949
02	E.M. Campo Sales	Morro Alegre	1964
03	E.M. Carlos Gomes	Monjolo	1948
04	E.M. Catulo da Paixão Cearense	I. B. D. F.	1951
05	E.M. Dom Pedro II	Canastra	1953
06	E.M. Dr. Ildo Meneghetti	Pulador	1961
07	E.M. Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha	Caçador	1957
08	E.M. Duque de Caxias	Chapadão	1951
09	E.M. Emílio Lúcio Esteves	Canastra Alta	1960
10	E.M. Ernesto Dornelles	Caçador	1951
11	E.M. Felipe Camarão	Linha São Paulo	1951
12	E.M. General Osório	Saiqui	1951
13	E.M. Getúlio Vargas	Amoreiras	1966
14	E.M. Gonçalves Dias	Linha Caçador	1963
15	E.M. Gonçalves Lêdo	Gato Preto	1957
16	E.M. Henrique Dias	Tubiana	1951
17	E.M. José Bonifácio	Limeira	1951
18	E.M. José de Alencar	Bugres	1952
19	E.M. Júlio Feijó	Tiririca	1957



PREFEITURA MUNICIPAL DE CANELA
Estado do Rio Grande do Sul

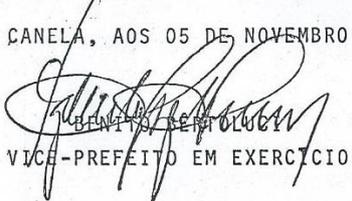
..... DECRETO MUNICIPAL Nº133/80 - continuação - Fls. 02.

Nº	D e n o m i n a ç ã o	L o c a l i z a ç ã o	Início de Funcionamento
20	E.M. Leonel Brizola	Campo da Aviação	1959
21	E.M. Luiz Antonio Dalbêm	Morro Calçado	1957
22	E.M. Marechal Deodoro	Banhado Grande	1951
23	E.M. Neusa Brizola	Bairro São José	1961
24	E.M. Olavo Bilac	Morro Calçado	1951
25	E.M. Osvaldo Cruz	Morro Calçado	1957
26	E.M. Piratininga	Morro Calçado	1960
27	E.M. Prof. João Alfredo Corrêa Pinto	Rua José Joaquim Raymundo	1963
28	E.M. Quinze de Novembro	Esteinho Alto	1961
29	E.M. São Rafael	Vila São Rafael	1966
30	E.M. Saldanha da Gama	Amoreiras	1950
31	E.M. Santa Terezinha	Bairro Santa Terezinha	1956
32	E.M. Santos Dumont.	Chapadão	1947
33	E.M. Senador Alberto Pasqualini	Chácara da Prefeitura	1961
34	E.M. Sete de Setembro	Lenheira	1954
35	E.M. Tiradentes	Canelinha	1951
36	E.M. Visconde de Mauã	Rua Sete de Setembro	1951
37	E.M. Visconde de Mauã	Passo do Louro	1959

Art. 2º - Fica revogado o Decreto Municipal Nº 08/77 de 16 de junho de 1977.

Art. 3º - Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE CANELA, AOS 05 DE NOVEMBRO DE 1980.


VICE-PREFEITO EM EXERCÍCIO